RAQUEL COELHO VALÉRIO

AS REPRESENTAÇÕES DO CRACK DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE-RS

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Drª Madalena Klein
Co-orientador: Dr. Carlos Roberto Silva Machado

Pelotas, março de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881

V164r Valério, Raquel Coelho

As representações do crack em estudantes do ensino fundamental no município de Rio Grande-RS / Raquel Coelho Valério; Orientadora : Madalena Klein. – Pelotas, 2011.

121f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – FaE. Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE. Universidade Federal de Pelotas.

1. Crack. 2. Drogas. 3. Representações. 4. Estudantes. 5. Teatro. I. Klein, Madalena, orient. II. Título.

CDD 370

Banca examinadora:

Professor Dr. Alfredo Martin Gentini

Professor Dr. Mauro Del Pino

Professora Drª Madalena Klein (orientadora)

Professor Dr. Carlos Roberto Silva Machado (co- orientador)

DEDICATÓRIA

À memória da minha avó, Etelvina Francisca Coelho (1926-2009); da prima e primeira professora da família, Ledeomar Lopes Coelho (1938-2010) e da amiga artista e militante sindical/ ambiental, Camila Born (1981-2009).

E a memória de todos(as) os(as) companheiros(as) que morreram na luta por um mundo menos desigual.

AGRADECIMENTOS

A todos que ajudaram na construção desse trabalho.

Aos camaradas pertencentes às organizações da sociedade civil, ONG Mãos Unidas Pela Vida e a Associação Teatral Comunidade Cena Alternativa, por terem tornado essa dissertação possível, principalmente pela rapidez na organização do grupo de Oficinas de Teatro, fator fundamental para a defesa desse trabalho em tempo hábil.

Aos camaradas e associados das outras organizações da sociedade civil em que atuo, e que não citarei nomes, pois são muitos, sendo as seguintes instituições: A Associação dos Artesãos e Artistas do Rio Grande, a Associação Teatral Caras de Pau, o Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte, a ONG Eco de Terra e Mar e a Associação Cultural José Martí RG-RS, que entenderam as ausências necessárias, e o afastamento de suas atividades nos últimos meses, e também, por terem ouvido meus desabafos e medos, e me confortarem com palavras de incentivo.

Aos amigos (as), Domenica Ortiz, Luciano de Mello Silva, Margarete Silva de Melo, Tatiana Bolbadilha Freitas, Vagner Vargas e Andressa Franco, por me ajudarem de corpo, “alma” e coração para a concepção e realização desse trabalho. Também agradeço aos “amigos de todo o sempre” que não citarei nomes, para não haver o risco de esquecer ninguém, pelos debates e questionamentos

Aos meus familiares que não citarei nomes, pois também são muitos, pelo incentivo, pelo apoio, por aturarem meu mau humor, pelos elogios, pelas discussões e debates sobre a temática, mas principalmente, por terem estado presentes, percebendo, vivendo e concebendo o momento da elaboração dessa obra.

Aos meus amados pais, Neri Valério e Clemilda Coelho Valério, por serem meu “porto seguro”, por estarem sempre presentes, pelas noites mal dormidas de agonia com o término desse trabalho. Pelo investimento em minha Educação e por está ter sido sempre prioridade familiar. Pela simplicidade, pela ética, pelos valores e pela educação que me deram e que nenhum livro ensina, por serem críticos diante das realidades sociais e me criarem nesse ambiente, pois mesmo vocês achando que não me ensinam nada, porque tem 1ª e 4ª série, respectivamente, eu agradeço publicamente, a fim de mudar

essa representação, pois aprendo cotidianamente muito através dos olhos da experiência de vida que vocês me mostram, agradeço pelo abraço, pelo beijo, pelo incentivo constante, pelo amor e pela vida.

Ao meu companheiro, “namorido” e amigo, Daniel Godoy, pela companhia em sala-de-aula, pelos debates e reflexões constantes, por ter escolhido cursar o mesmo programa de Pós Graduação que eu, por junto comigo levantar bandeiras de luta contra grupos hegemônicos, por ter coragem, por não se contentar e não deixar que eu me contente “em fazer o que dá”, mas querer sempre “o melhor que se pode dar”. Pelas considerações que fazem dele parte fundamental desse trabalho, pelos abraços, pelos beijos, pelas noites mal dormidas, pelas noites bem dormidas, pelo amor e pela escolha de “juntar” nossas vidas e trajetórias de luta.

E um agradecimento especial, as crianças e jovens que me ajudaram a realizar esse trabalho. Eles são bem mais que simplesmente focos de pesquisa, mas amigos que levarei por toda a vida. Também agradeço aos seus responsáveis, por permitirem que essa pesquisa fosse realizada. Pelo carinho, pela amizade, mas principalmente, por confiarem em mim e revelarem seu mundo, sem medo, expondo fatos reais e pessoais.

EPÍGRAFE

Amadurecência

Música: Teatro Mágico. Composição: Fernando Anitelli

A poesia prevalece!!!

O primeiro senso é a fuga.

Bom...

Na verdade é o medo.

Daí então a fuga.

Evoca-se na sombra uma inquietude

uma alteridade disfarçada...

Inquilina de todos os nossos riscos...

A juventude plena e sem planos... se esvai

O parto ocorre. Parto-me.

Aborto certas convicções.

Abordo demônios e manias

Flagelo-me

Exponho cicatrizes

E acordo os meus, com muito mais cuidado.

Muito mais atenção!

E a tensão que parecia nunca não passar,

?O ser vil que passou pra servir...

Pra discernir...?

Harmonizar o tom.

Movimento, som

Toda terra que devo doar!

Todo voto que devo parir

Nunca dever ao devir

Nunca deixar de ouvir...

com outros olhos!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as representações sobre o crack de crianças e jovens estudantes do Ensino Fundamental no município de Rio Grande, RS. As atividades de pesquisa de campo se realizaram em duas etapas distintas, sendo: I) A aplicação de um questionário junto a uma turma da 5ª série de escola pública; b) A montagem de um grupo de Oficinas de Teatro, composto por estudantes de diferentes escolas públicas, utilizando registro audiovisual de esquetes teatrais criadas. Os questionários e as esquetes teatrais foram analisados a luz da Teoria das Representações Sociais e das contribuições da de Henri Lefèbvre. Como resultados e discussões da pesquisa, nas representações encontradas em relação ao crack, foi possível perceber objetivações, as quais, indicam que os processo de subjetivação midiáticas estão, atuando de forma hegemônica instituindo o paradigma da guerra contra as drogas, o qual, ancora imagens do e em torno do crack, relacionando-as com imagens de violência e de estereótipos sociais. Nesse sentido, a presente pesquisa descobriu que os usuários são representados pelas crianças e jovens como drogados, ao mesmo tempo, clientes dos vendedores de drogas. Contudo, sem serem criminalizados, mas, representados, ora como sujeitos passíveis de intervenção social e clínica, ora, passíveis de degeneração social e de violência. Como principal achado, destaca-se que a imagem do dinheiro foi percebida, como estando ancorada junto ao núcleo gerador das representações, promovendo conflitos éticos e morais, em relação ao crack no cotidiano, junto ao imaginário e as atitudes representadas pelos estudantes.

PALAVRAS- CHAVES: Crack – Drogas – Representações – Estudantes - Teatro.

ABSTRACT

This scientific research aimed to investigate the representations of the crack of children and young elementary school students in Rio Grande, RS. The activities of field research was conducted in two stages, namely: I) The application of a questionnaire to a class of fifth grade at a public school, b) assembling a group of Workshops Theatre, composed of students different public schools, using audiovisual record of theatrical sketches created. Questionnaires and theatrical sketches, were analyzed in the Theory of Representations and the contributions of Henri Lefebvre. As the survey results and discussions on the representations found in relation to crack, it was possible objectivations, which indicate that the subjective process media are acting in instituting the hegemonic paradigm of the war on drugs, which anchors images in and around the crack, linking them with images of violence and social stereotypes. In that sense, this research found that users are represented by children and young people as drug addicts, while customers of drug pushers. However, without being criminalized, but represented either as individuals subject to social and medical intervention, sometimes liable to social degeneration and violence. And, as the main finding, the survey shows that the image of the money was perceived as being anchored near the core generator of representations, promoting ethical and moral conflicts in relation to the crack in everyday life, with the imagery and attitudes represented by the students.

KEY WORDS: Crack – Drugs – Representations – Students - Theatre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem Gráfica da Campanha Crack Nem Pensar – Grupo RBS..... p. 26

Figura 2. Esquema das Categorias e Subcategorias de Análise das Representações..... p.61

Figura 3. Mapa Mental dos Signos Representados Sobre o Crack p.69

Figura 4. Mapa Mental dos Signos Representados Sobre o Quem Perdeu Uma Sacola com Crack Na Escola ..... p. 70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Coisas Representadas Dentro da Sacola Plástica com Crack Dentro..... p. 68
Quadro 2. Respostas às Perguntas: Quem você imagina que perdeu a sacola? Como achas que era a pessoa que perdeu a sacola? …..... p. 70
Quadro 3. Respostas a Pergunta: O que é que quem perdeu a sacola ia fazer com as coisas que estavam dentro? ..... p. 72
Quadro 4. Resposta à Pergunta: Achas que a Fulana e o Fulano contaram a alguém que encontraram a sacola? Se sim, a quem eles contaram? ..... p. 72
Quadro 5. Resposta à Pergunta: O que faria se você tivesse encontrado a sacola?. p. 73
Quadro 6. Resposta à Pergunta: Você contaria a alguém que tinha encontrado a sacola? A Quem? Por quê?..... p. 73
Quadro 7. Resposta à Pergunta: O que é falado sobre o crack na escola?..... p. 75
Quadro 8. Esquete 1 – Exemplo de Representações do Poder Matriarcal..... p. 81
Quadro 9. Esquete 2..... p. 89
Quadro 10. Esquete 3..... p. 91
Quadro 11. Esquete 4 ..... p. 93
Quadro 12. Esquete 5..... p. 94
Quadro 13. (De)gravação da Esquete da História do Questionário..... p. 99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

CEBRID- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas

CREAS- Centro Rio Grandino de Assistência Social

DNARC- Delegacia de Narcóticos

EPM- Escola Paulista de Medicina

HIV- Vírus da Imunodeficiência Humana

UNODC/ ONU- Nações Unidas sobre Drogas e Crime- Organização das Nações Unidas

NEPAD- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas.

CENPRE- Centro de Prevenções ao Uso de Drogas

FURG- Universidade Federal do Rio Grande

SUMÁRIO

RESUMO 7
ABSTRACT 8
LISTA DE FIGURAS..... 09
LISTA DE QUADROS..... 10
LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES..... 11
INTRODUÇÃO 13
1. DO CRACK AS DROGAS: A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE INVESTIGAÇÃO..... 21
1.1 As Representações sobre o Crack na Mídia Nacional..... 21
1.2 As Representações Circulantes Sobre Crack no Rio Grande do Sul..... 24
1.3 As Representações Sobre Crack Circulantes no Município do Rio Grande..... 30
1.4 A História da Invenção da Droga..... 31
1.5 Contextualização da Temática Crack e Drogas..... 34
1.5.1 A Droga e a Sociedade..... 35
2. AS DROGAS, O CRACK E AS REPRESENTAÇÕES: ELEMENTOS DO REFERENCIAL TEÓRICO 39
2.1 Os Paradigmas Envolvidos na Representação da Droga 39
2.2 A Representação e a Teoria das Representações Sociais (TRS)..... 44
2.2.1 Processo de Ancoragem 47
2.2.2 Processo de Objetivação..... 48
2.2.3 Representações Sobre o Crack no Universo Consensual 48
2.2.4 Representações Sobre o Crack no Universo Reificado..... 50
2.2.5 *Poièsis* e *Mimésis*..... 52
2.3 Contribuições de Henri Lefèbvre..... 53
2.4 Conexões entre Perspectivas 57
3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ESTUDANTES..... 60
3.1 Análise das representações sobre o crack a partir da primeira saída de campo.... 63
3.2. Rodas de conversa da primeira saída de campo..... 65
3.3 Sistematização do questionário..... 66
3.4 Análise das representações do crack da segunda saída de campo..... 76
3.5 Rodas de conversa da segunda saída de campo..... 78
3. 6 Esquetes teatrais e representações sociais do crack..... 79
3.6.1 Encenação 1..... 81
3.6.2 Encenação 2, 3, 4 e 5..... 89
3.6.3 Encenação 6..... 97
3.7 Discussões dos Resultados..... 102
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 106
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 115
5.1 Fontes de Pesquisa..... 119
ANEXO 1..... 120
ANEXO 2..... 121
ANEXO 3..... 123

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. O objetivo principal foi analisar as representações sobre o crack em estudantes do Ensino Fundamental no município do Rio Grande/RS.

O interesse em estudar as representações do crack surgiu das pesquisas realizadas junto ao Grupo de Pesquisa em Epidemiologia das Desigualdades, vinculado a Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Entre os projetos de pesquisa do referido grupo[1] o caso do crack, como fenômeno epidemiológico na cidade do Rio Grande[2], vem sendo problematizado, a fim de promover questionamentos e subsídios para a implantação de políticas públicas, que levem em conta uma série de correlações, associações e diferenças entre a presença do crack nos diferentes lugares e estratos de sociedade de classes, no sentido de explicar que apesar da tóxicodependência de crack ter adentrado em todas as classes, o fenômeno, de forma alguma, tem os mesmos efeitos sociais, culturais, políticos e econômicos, fatores que repercutem em diferenças epidemiológicas.

No primeiro momento dos estudos desse trabalho, me questionei sobre quais seriam os efeitos das representações do crack nos discursos da mídia e sobre uma possível epidemia de crack no Rio Grande do Sul. As representações que mais apareceram foram a de uma epidemia[3], e a de que a toxicodependência do crack adentra em todas as classes sociais.[4] Foi tentando compreender como essas representações se

[1] Tal projeto foi apresentado na forma de pôster no VI Encontro de Grupos de Pesquisa (FURG- 2008) e no X Encontro da Pós-Graduação (FURG- 2008).

[2] O trabalho foi apresentado oralmente no III Encontro Rio-Grandino de Escolas na Prevenção ao Uso de Drogas (CENPRE/FURG; COMEN/RG- 2008) e no I Fórum de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas para a Região Sul do Rio Grande do Sul (CENPRE/FURG; COMEN/RG-2008).

[3] Como exemplo Cartilha “Um inimigo a combater” da Campanha Crack Nem Pensar. (sem data)

[4] “É uma questão social grave que já não está restrita às classes econômicas mais baixas”. Zero Hora. Porto Alegre. (04/10/2010)

formavam e se ancoraram, que busquei identificar os discursos e as representações que estão atrás das cortinas do espetáculo do terror[5], criado como subjetivação em torno do fenômeno crack. Assim, surge o primeiro capítulo dessa dissertação, com o intuito de possibilitar ao leitor, acompanhar a trajetória de construção do problema desta pesquisa.

O crack, como categoria central de temática da pesquisa no campo educacional, se tornou relevante, por consequência dos desdobramentos políticos, culturais e de saúde que adentraram no cotidiano da sociedade brasileira e dos espaços da escola. A sociedade tem dado grande importância ao tema, promovendo debates públicos sobre essa questão, um exemplo disso, acontece no município do Rio Grande, onde já foram chamadas audiências públicas e reuniões, de modo que os vereadores, os secretários municipais e os representantes da sociedade civil, discutiram sobre o tema e a implantação de ações de prevenção, controle e monitoramento[6].

Ao buscar por notícias nacionais sobre uma possível epidemia de crack no sistema de busca na internet Google, encontrei informações e discursos jornalísticos que relatam como o crack adentrou na Cidade de São Paulo, a partir da década de 1990:

> Vinte anos após sua chegada, o consumo de crack continua a aumentar em São Paulo (OLIVEIRA; NAPPO, 2008). A primeira apreensão desse derivado da cocaína na cidade de São Paulo aconteceu em 1990, registrada nos arquivos da Divisão de Investigações sobre Entorpecentes (DISE) (Uchôa, 1996). Sete anos depois, o volume de apreensões de crack aumentou 166 vezes, e de pasta básica, 5,2 vezes, ambas para a região sudeste (Procópio, 1999). A cidade de São Paulo foi a mais atingida. Algumas evidências apontam para o surgimento da substância em bairros da Zona Leste da cidade (São Mateus, Cidade Tiradentes e Itaim Paulista), para em seguida alcançar a região da Estação da Luz (conhecida como "Cracolândia"), no centro (UCHÔA, 1996). A partir daí, espalhou-se para vários pontos da cidade e do Estado (DUAILIBI et al, 2008). (RIBEIRO, M. 2010, s/p.)

Assim, o crack passou paulatinamente a entrar na vida de crianças, jovens e adultos, tendo como porta de entrada a maior cidade do Brasil. Entretanto, nos Estados Unidos, segundo Clarke (1978), o crack tem sua identificação farmacológica catalogada desde a década de 1970. Marcelo Ribeiro (2010, s/p), no artigo já citado e publicado na Revista Debates, escreveu que: "O consumo de crack em São Paulo – e atualmente em boa parte dos Estados brasileiros – é uma realidade grave e perene, que necessita de soluções específicas e com durabilidade semelhante".

---

[5] Idem 1.

[6] Diário Popular- Rio Grande (26/04/2009)

Portanto, em cerca de 20 anos, o crack deixou de ser um fenômeno somente territorializado na região sudeste, para se estender ao cotidiano do território nacional, não fazendo mais parte de um imaginário distante, mas se tornando parte de um imaginário e de uma realidade próxima da maioria populacional dos municípios brasileiros. Nesse processo, o crack passa a receber diferentes significações, como por exemplo, a expressão de um grafiteiro em um muro: “Crack a droga que veio do inferno”. A “livre expressão urbana” que demoniza a substância é um exemplo dos effeitos das associações de significados e da circulação das representações sobre o crack.

Entre as muitas vozes que falam sobre o crack, destaco as vozes da mídia e dos especialistas. A mídia do Rio Grande do Sul, lançou dois enunciados que merecem destaque: o da “Epidemia de Crack”[7] e o do “Crack Nem Pensar”. Ambos os enunciados estão circulando como parte de uma campanha realizada pelo Grupo RBS nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Todavia, nas representações circulantes sobre o crack no Brasil, destacaram-se dados e informações produzidos em pesquisas realizadas por especialistas, sendo esses referentes aos levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID) e pelo Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina (EPM – UNIFESP). As pesquisas confirmaram a ampliação do fenômeno da toxicodependência do crack, tanto em crianças de rua, como em estudantes, percebendo o aumento do uso de cocaína/crack em todo o Brasil. Entretanto, prevalecem os grandes centros metropolitanos como São Paulo e Rio de Janeiro como áreas com maior número de pessoas em contato, uso e toxicodependência do crack.

Dessa maneira, devido a amplitude do fenômeno, é possível perceber que as drogas nas sociedades capitalistas estão deixando de ser meramente uma discussão de um círculo fechado de especialistas para serem tratadas como um problema de saúde pública, junto as agendas internacionais, destacando-se as agências, como a Organização Mundial para a Saúde – ONU. A droga passa a ser encarada como um problema, que tem na cultura, sua dinâmica estruturante.

O controle as drogas, desde o início da invenção das mesmas, apresenta-se com objetivos super repressivos, principalmente no que tange o combate ao comércio de

[7] Como exemplo dessas vozes: Zero Hora (06/07/08) A epidemia do crack.; Zero Hora (07/07/08) Combustível da criminalidade: A epidemia do crack. Zero Hora (08/07/08) Assassino aos 11 anos. Zero Hora (09/07/08) Remédio no abraço da família.

substâncias entorpecentes. No texto aprovado ao final da 52ª Reunião da Comissão Especial de Narcóticos das Nações Unidas - ONU, realizada em março do referido ano, foi reafirmado o discurso controlador e repressivo da política de combate às drogas do século passado. Na reunião foi instituída uma “nova” meta do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC, na sigla em inglês), o qual passou a exigir dos Estados Nações membros, a "redução" drástica "do uso" de drogas ilícitas até o final de 2019, diminuindo a "oferta e a demanda" dessas substâncias prioritariamente, através dos "aparatos" militares e policiais.

A escola e os estudantes ficam cada vez mais presos em violências geradas por uma política de repressão, assim, a escolha dos sujeitos para o desenvolvimento do estudo teve um papel importante no desenho da investigação, no entanto, várias foram as mudanças de estratégias ao longo do estudo. Em um primeiro momento, tinha sido escolhido um grupo de professores, um grupo de gestores e um grupo de estudantes de variadas escolas públicas de ensino fundamental, todavia, a partir das sugestões da banca de qualificação, foram feitas focalizações, a fim de aprofundar as análises.

A primeira análise se refere ao recorte realizado, a fim de investigar com mais envolvimento as representações e os achados na fase de construção teórica do problema e do objeto, já que notícias, como a publicada na Zero Hora em 4 de outubro de 2010, intitulada “Ministério da Saúde pesquisa perfil dos usuários de crack no país”, a diretora do NEPAD (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas) alertou para a progressiva redução da faixa etária de usuários da droga, que está atingindo crianças de 8 9 anos, nesse momento voltei minha atenção para os estudantes do ensino fundamental.

A segunda focalização emergiu da necessidade de analisar como se formam as representações, estudando as contribuições das representações sociais, a fim de verificar o que é análogo e o que é diferente sobre as representações sociais da droga no Brasil, comparando com os estudos ingleses e portugueses. Nesse sentido, percebi que apesar de terem núcleos comuns em signos da violência, (por exemplo, as armas) e em discursos proibicionistas, as representações observadas em estudantes brasileiros, não apresentaram criminalização do consumidor, como aconteceu no resultado das pesquisas européias. Todavia, a maior diferença foi a de que o núcleo das representações da droga nos estudantes europeus estavam organizadas em relações com signos e significados em torno da figura de um consumidor/usuário, e nos

estudantes brasileiros nessa pesquisa, isto aparece em torno da figura do vendedor de drogas e do dinheiro.

Portanto, o problema de pesquisa se orienta pela pergunta como são formadas as representações do crack em estudantes? As ações de pesquisa de campo foram realizadas no sentido de: **1)** Deixar falar para ouvir e ver representações sobre o crack de cada grupo investigado; **2)** Facilitar a troca de informações sobre o crack entre o próprio grupo; **3)** Observar a influência da mídia na formação das representações criadas por cada grupo; **4)** Suscitar e observar as representações sobre a relação entre a escola e o crack.

Foram feitas duas saídas de campo, uma em sala de aula, e outra em uma turma montada exclusivamente para a pesquisa. Com a primeira turma utilizei um questionário[8] como instrumento de mediação e coleta de dados. A turma escolhida era de educandos pertencentes a 5ª série de uma escola estadual, localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, mas ao lado de uma área periférica[9], o grupo contou com 7 estudantes, (4 meninos e 3 meninas) com idades de 11 à 15 anos.

Já a outra saída de campo, foi uma linha de fuga, um horizonte concebido, a partir das orientações da banca de qualificação, para responder as questões levantadas pela pesquisa[10]. Foi criado então, juntamente com a Associação Comunidade Teatral Cena Alternativa e a ONG Mãos Unidas Pela Vida, um grupo de oficinas de teatro[11], com jovens e crianças de um bairro, localizado próximo ao centro da cidade, onde há circulação de consumidores de crack e a comercialização em muitos pontos (becos). As oficinas foram realizadas no município do Rio Grande, em janeiro de 2011. O grupo contou com quinze estudantes (9 meninos e 6 meninas), com idades entre 8 e 12 anos, pertencentes a três escolas públicas (duas municipais e uma estadual).

---

[8] A concepção do questionário partiu do instrumento utilizado para as análises realizadas por Williams, Wetton e Moon (1989) e Hadley e Stockdale (1996) para as representações de crianças sobre drogas com crianças na Inglaterra, na década de 1980. E, Negreiros (2000), Carvalho (2000), Barbosa (2000), os quais utilizaram o mesmo instrumento para analisar as representações de crianças sobre drogas em Portugal. Ao utilizar o mesmo instrumento que as pesquisas inglesas e portuguesas, teve-se a intenção de permitir se fazer generalizações e também perceber as diferenças entre as representação e os paradigmas políticos de controle e regulação nos diferentes contexto e tempos históricos.

[9] Há um grande número de apreensões nessas duas áreas, conforme consta na página policial do jornal Agora, exemplo edição de 27-12-2010, 26-01-2011, etc.

[10] A proposta foi colocado como de difícil realização por causa do tempo hábil diante dos prazos acadêmicos, entretanto, ao longo da trajetória da pesquisa a opção se tornou fundamental.

[11] O grupo continua em atividades, uma vez por semana, através de uma ação conjunta das duas instituições.

Na segunda saída de campo, a coleta de dados foi realizada através de oficinas de teatro (utilizadas como estrutura de mediação para encenações e representações), onde foram criadas e encenadas pequenas histórias (esquetes teatrais), o que possibilitou as crianças e os jovens a exporem representações sobre o crack. Um dos achados da pesquisa foram as diferenças entre gêneros, pois nas encenações produzidas pelo grupo de meninas emergiu um discurso intervencionista e nos grupos de meninos um forte discurso proibicionista e super-repressivo.

As atividades de ensino de teatro, realizadas como dispositivo de investigação, junto ao grupo da segunda saída de campo, contou com vinte e quatro horas de aula, diante disso, tornou-se possível uma análise mais detalhada das representações, que suscitaram em meio a conversas, jogos dramáticos, teatro do oprimido (BOAL, 1980, 1998), psicodramas (MORENO, 1975; 1983; 1984) e pela montagem de seis esquetes sobre a temática crack, destacando a sexta esquete onde foi encenada a história imaginária proposta no questionário e a sua sequência elaborada coletivamente. Todavia, as encenações não se consistiam em uma primeira reflexão, em obra, pois não eram produto material do trabalho, como Henri Lefèbvre chama a atenção, logo, fiquei a me questionar como a reprodução das encenações dos jovens e as gravações que estava vendo não era uma obra, pois era algo cheio de conteúdos semióticos e de concretudes, foi então que percebi, que estava vendo aparências de representações, mas eram somente linguagem, na qual discursos ganhavam materialidade através da representação teatral, realizada e criada pelas crianças e jovens. Quem e o que estava sendo representado então?

Ao mesmo tempo em que me encontrei, me perdi. Pois o que eu estava vendo não era uma obra, e se eu estava vendo, era por que estava enxergando coisas e fatos, a partir de um referencial teórico que tinha sido concebido para analisar uma “obra” e a potência dessa para a revolução e transformação das representações. Entretanto, o que eu estava vendo eram cenas de violência masculina, intervencionismo feminino e devires.

Assustei-me com as cenas. Foi então que me lembrei de Antonin Artaud e das contribuições de J. Derrida sobre um “teatro da crueldade” e sobre a “clausura da representação”. Apesar de ter me concentrado em não intervir nas representações, elas só foram organizadas devido a minha intenção e desejo de coletar dados para análise das representações do crack. Porém, eu estava diante de formas de representação sem

obra, um tipo de encenação que não conseguia analisar, eu estava diante de uma ausência da obra.

> A ausência de obra, fechada no asilo, está emparedada também na obra. E tal como a desrazão usa a loucura para expressar-se, a ausência de obra usa a obra, às vezes até sua possibilidade extrema (isto é, arruinando-a), para manifestar-se. Fechemos o círculo e designemos a ausência de obra pelo seu lugar de origem — o Fora. É o Fora que confinado à obra, a utiliza para "vir à luz", e ao fazê-la arruína, sem nunca conseguir destruí-la. É assim que a obra existe como um movimento que de algum modo a anula sempre, levando-a de volta à ausência de obra, mas nunca definitivamente. Oscilação inconclusa, eis a obra da modernidade: O desdobramento, [..] é o que como o neutro, anula o tempo, dissolve a história, desbarata a dialética e a verdade, abole o sujeito e faz subverter uma ordem. Se quisermos ver aí um "trabalho" da desrazão, no sentido de uma demolição […]. Feita a substituição, obtemos, ao invés de "loucura, ausência de obra", "desrazão, ausência de obra". Desrazão e ausência de obra estão sob o signo do Fora, e numa época em que o Fora está confinado quer à loucura, quer à obra, desrazão e ausência de obra só podem expressar-se na forma que os aprisiona: como obra louca. (PELBART, 1989 p.177)

Ao reler essas palavras, compreendi que deveria analisar as ausências das encenações teatrais sobre o crack, desconstruindo-as e assim, constituindo uma obra, a partir delas. Para tanto, foi utilizado o recurso do registro áudio visual, que transformou a ausência das encenações em material. A gravação, portanto, é uma desconstrução, que materializa sua ausência de obra em obra, através do trabalho material do processo de registro e do uso dos dispositivos técnicos, as encenações passaram a ser enclausuradas, fazendo destas, uma obra e um artefato cultural, o registro as transformou em enunciados e discursos.

O registro áudio visual, enquanto obra e também como clausura das encenações, conscientizou-me sobre o processo e sobre o objeto de análise, assumindo assim, um posicionamento epistemológico, pois o objeto da pesquisa deixa de ser algo que está fora, para ser algo que está enclausurado em imagens e movimentos que podem voltar a se repetir. As encenações aconteceram em um lugar, mas foram capturadas por um olhar externo e levadas para fora de si, de seu tempo e espaço de existência, para serem (re)vistas e (re)produzidas.

Dessa maneira, na presente dissertação serão apresentados 4 capítulos, onde o primeiro, se refere à construção do problema de pesquisa e o segundo a fundamentação teórica, apresentando algumas contribuições pertinentes da Teoria das Representações e de Henri Lefèbvre a essa teoria. O terceiro capítulo é relativo à

apresentação dos achados da pesquisa e a análise das representações de estudantes sobre o crack, e o quarto e último capítulo, refere-se às considerações finais.

Por fim, destaco que o crack, como objeto de representação, vem inserindo novos acontecimentos ao cotidiano escolar, e estes, por sua vez, estão mudando o cotidiano vivido e o comportamento de milhares de crianças, de jovens e de professores em áreas rurais e urbanas de todo o Brasil. Por isso, os estudos e as pesquisas das representações sobre o crack em estudantes, fazem-se necessários, lançando e chamando outros olhares sobre a construção social da realidade, onde somos simultaneamente sujeitos e agentes de produção e reprodução, enquanto atores sociais, agentes produtores, transformadores e/ou legitimadores dos discursos hegemônicos.

1. O CRACK E AS DROGAS: A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Entre as representações sobre o crack, dar-se-á neste capítulo destaque as representações recentes e circulantes nas mídias escritas, trazendo para a pesquisa notícias circulantes em jornais e conteúdos apresentados na internet, além de pesquisas científicas sobre a temática. Percebe-se que as narrativas tenderam a construir e ampliar o alcance da espacialidade do fenômeno, narrando-o em um movimento temporal que vai do drama a tragédia, de modo que o drama do crack, migra de um espaço fechado e distante, como o das crianças de rua da cidade de São Paulo (na década de 1990), para um espaço aberto e próximo, penetrando em pequenas e médias cidades,se tornando então uma representação trágica. Cria-se um mundo de representações, entre elas sobre a disponibilidade da droga, que pode ocorrer a qualquer lugar e a qualquer momento, pois o crack adentra todas as classes sociais, aumentando assim a demanda.

Percebe-se que as narrativas tenderam a construir e ampliar o alcance da espacialidade e do terror do drama, o crack deixa de estar ancorado em representações de distanciamento e passa está próximo do cotidiano da maior parte da população, seja pelas imagens reais de usuários consumidores contidas nas ruas das cidades, seja pela circulação intensiva de imagens e notícias nos meios de comunicação. Diante disso tudo se encontrou o seguinte contexto:

1.1 As Representações sobre o Crack na Mídia Nacional

Nesta subseção serão apresentados exemplos das representações do crack na mídia nacional, problematizando como elas tiveram significativa expressão no final da primeira década do século XXI, associando o crack a uma tragédia de terror social, anexando significados como o de uma epidemia. A mídia, enfim, criou um universo de representações consensuais junto à população, forjado por discursos de especialistas, de discursos que operam dados quantitativos, taxas e indicadores publicados por instituições

de pesquisas para respaldar imagens de um paradigma hegemônico de guerra contras as drogas, a exemplo, a notícia publicada no Jornal da Tarde – SP, em 14 de dezembro de 2008, narrava que o crack:

> [...] já teve o uso identificado entre consumidores das 27 capitais, principalmente jovens e pobres, conforme pesquisas do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Em São Paulo, Rio, Porto Alegre e Salvador, 39% dos pacientes que procuraram centros de tratamento ambulatorial e hospitalar tinham problemas com o crack, duas vezes mais do que os pacientes viciados em cocaína, segundo o Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [..] Em 2004, 25% da droga consumida no Recife era o crack. Em 2006, chegou a 50%, diz José Luiz Ratton, coordenador do Núcleo de Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança da Universidade Federal de Pernambuco. É na Região Sul, no entanto, que o problema aparece de forma mais dramática. No Paraná, três das cidades mais violentas do Brasil, Foz do Iguaçu, Guaíra e Curitiba, sofrem os efeitos da droga. Nas quatro principais maternidades de Porto Alegre, nasceram este ano 117 crianças filhas de mães viciadas. A Secretaria de Saúde do estado estima que existam atualmente 50 mil viciados. "Duas coisas ajudaram essa disseminação pelo Brasil. Primeiramente, a natureza do produto, forte, barato e bem aceito entre os mais pobres. Depois, a disseminação das rotas de cocaína para o Sul e o Centro-Oeste", diz Fernando Francischini, secretário Antidrogas de Curitiba, ex- delegado da Polícia Federal, responsável pela prisão do traficante colombiano Juan Carlos Ramirez Abadía.

Outro exemplo das representações circulantes nas mídias, que defendem a guerra contra as drogas é o texto disponível em ABEAD em 25 de outubro de 2008, relatando que segundo a Secretaria Estadual de Saúde já estamos diante de uma epidemia, com 50 mil tóxico-dependentes de crack:

> Nos últimos anos, uma triste constatação toma conta de nosso país: o consumo de crack tem aumentado. Em 2005, segundo a última pesquisa nacional do CEBRID, órgão da Unifesp, 0,7% da população entre 12 anos e 65 anos dizia ter provado a droga, quase o dobro do 0,4% registrado quatro anos antes. No Rio Grande do Sul, existem 50 mil dependentes. De acordo com a Secretaria Estadual de Saúde do Estado, já é uma epidemia e iniciou-se um projeto-piloto de prevenção e tratamento, em parceria com o Ministério da Saúde, que deve ser estendido a outras regiões. Era o mínimo que se poderia fazer. Mas ainda é pouco. No Ceará, outro extremo do Brasil, o consumo de crack também cresce. A Delegacia de Narcóticos (Dnarc) de Fortaleza informou que cerca de 70% das apreensões listadas são de crack. [...] Às vezes, com palavras, não conseguimos expressar todo o impacto que essa situação representa. Estamos falando de uma droga muito agressiva. O Lcrack tem um alto poder de vício e é mais barato. Os profissionais da saúde pública ainda estão despreparados. É extremamente necessária a realização de cursos para capacitar profissionais dos CAPs (Centros de Atenção Psicossocial), da rede pública de todo país. No momento, estamos em **guerra contra as drogas**. E o aumento do consumo mostra que são elas que estão vencendo. (grifos próprios)

Com a guerra declarada, ocorreram algumas mudanças discursivas e nas representações circulantes na mídia a respeito do crack no Brasil, estas, passaram a descrevê-lo como uma presença que não se limitava a uma classe social específica, objetivando imagens com novos sentidos e significados do crack como algo em expansão. Como podemos ver no Correio Brasiliense de 27 de novembro de 2009.

> Filho de uma finlandesa e de um corretor de imóveis bem sucedido. O menino loiro e de olhos verdes começou a fumar maconha aos 13 anos. Dois anos depois, veio a cocaína, aos 16 já conhecia o crack [...] Rapaz de classe média, C. faz referências a cientistas e pensadores durante a conversa. Fez faculdade de farmácia: "A cocaína não me pegou. Usei, mas não me escravizou. Conseguia sair. Achava que esse negócio de viciado era coisa de fraco. Que meu organismo era diferente. Mas fui dominado. Pegava meu salário e gastava tudo em pedra", lembra. Não havia mais prazer algum na vida: na conversa com os amigos, nem o abraço da mãe, nem mesmo sexo. "Se eu tivesse que escolher entre a mulher mais gostosa do mundo e uma pedra, eu ia na pedra", afirma. Agora tenta ganhar autoconfiança. "Não consigo pensar no futuro. Para mim, a luta é conseguir chegar ao fim do dia sem pensar na droga. É me fortalecer para sair e saber viver sem ela", diz. [...] L, de 27 anos, tem história parecida. Também começou com o crack porque, em uma noite, não conseguiu outro tipo de droga. "Passei quatro dias usando cocaína. Quando acabou, perguntei a um amigo se tinha mais. Ele disse que não, mas que poderia comprar crack, e acabei tendo o primeiro contato com a droga." [...] Eleito em outubro do ano passado para governar Raposos, cidade de 15 mil habitantes a 27km de Belo Horizonte, João Carlos da Aparecida (PT), de 45 anos, teve que pedir licença por seis meses do cargo para se submeter a tratamento, depois de ter ido parar na delegacia por causa da droga. O envolvimento de João Carlos com o crack se tornou público na madrugada de 27 de março, uma sexta-feira. O prefeito foi detido perto de um ponto de venda de drogas no Aglomerado Pedreira Prado Lopes, em Belo Horizonte, em um carro oficial. Dois dias depois da prisão, o vice-prefeito de Raposos, Nélcio Duarte (PT), assumiu o governo de Raposos. No discurso de posse, pediu orações pela recuperação do prefeito. A família se nega a dar informações sobre o estado de saúde de João Carlos, que segundo funcionários da Câmara de Vereadores, estaria internado no hospital André Luiz, em Belo Horizonte. A direção da casa, no entanto, nega que o prefeito esteja em tratamento no hospital.

No veículo de mídia Agora-MS, de 8 de fevereiro de 2010, noticiava-se que:

> Os dados oficiais mais recentes mostram que essa tragédia se repete em outras capitais e cidades brasileiras. O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em sua última publicação, revelou um aumento na circulação do crack no Brasil. Em 2002, 200 quilos da droga foram apreendidos. Em 2007 — último dado disponível — foram 578 quilos apreendidos. O montante equivale a 81,7% do crack apreendido na América do Sul. [...] Em todo o país, os serviços de atendimento a dependentes químicos relatam que mais e mais pessoas, independentemente da classe social, vêm nos últimos anos procurando ajuda para se livrar do vício do crack. A droga já é a segunda maior causa de procura por atendimento nos centros do SUS especializados em abuso de álcool e drogas, o CAPS-AD. Nesses locais, o crack só perde para a bebida. [...] Depois

> que fica dependente de crack, é difícil sair. O melhor é não entrar nessa — alerta o professor Kessler[12]

Portanto, as representações circulantes de que o número de usuários vem aumentando, aumentam também, a associação ao signo de epidemia, representando o crack em estatuto de fenômeno epidêmico[13]. Essa representação teve por efeito, a produção de sentidos e significados que intensificam as relações subjetivas em relação ao crack, onde a degeneração da vida, da personalidade e da sociedade entram em jogo. A reportagem da revista Veja, em 4 de novembro de 2009 falavam:

> As pedras se espalharam pelo território e por todas as classes sociais. Ainda não há estatísticas – o Ministério da Saúde está concluindo o primeiro estudo voltado especificamente para o crack. Mas o aumento de dependentes em consultórios psiquiátricos e em clínicas de reabilitação mostra que a epidemia se alastra rapidamente. No Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, até dois anos atrás não havia usuários de crack. Hoje, eles representam quase 30% da demanda. Para enfrentar a epidemia, o Ministério da Saúde anunciou investimentos de 117 milhões até o ano que vem em melhorias na rede de saúde mental. Espera-se que a ajuda chegue a tempo.

Contudo, destacou-se o fato, que tais representações não foram faladas, a partir de evidências e pesquisas científicas ou em relatórios circulantes nos contextos dos tecnos científicos, seja da farmacologia, da medicina ou da epidemiologia, de fato, até a presente data, não há no Brasil, indicadores produzidos de uma forma sistemática e normatizada que possibilitem as sustentações dos argumentos epidêmicos em relação ao crack, mas, as representações consensuais criadas pelas mídias, partiram de evidências lógicas e empíricas indiretas. O principal indicador utilizado como argumento foi a quantidade da droga apreendida em operações policiais.

1.2 As Representações Circulantes Sobre o Crack no Rio Grande do Sul

Esta subseção, apresenta as representações sobre o crack no Rio Grande do Sul, chamando a atenção para o discurso da vitimização das crianças e jovens, atrelados a um discurso de mobilização social para lutar contra o crack. Na primeira década do século XXI, o fenômeno do crack passou a ocupar lugar de destaque nas

[12] Referindo-se ao professor e pesquisador Félix Henrique Kessler ligado ao Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[13] Exemplo, Jornal Agora/RG reportagem Por um futuro livre do crack em 02/05/2010.

páginas policiais[14] e sucessivamente nos espaços das mídias, dessa maneira, sendo citado nos debates públicos, enfim, junto às esferas de produção de políticas públicas. Nesse contexto, evidencia-se uma aparente "epidemia de crack", representação repetidamente circulada nas mídias regionais e locais[15], a notícia publicada no Clic RBS passou a circular em todo o Brasil, rápida e repetidamente através de agências de circulação de notícias e informações, como o CEBRID e Agência Brasil.

Entre as muitas vozes que falam sobre o crack no Rio Grande do Sul, foi enunciada também, a ideia de "Epidemia de Crack" [16] e o enunciado "Crack Nem Pensar", assumindo uma linguagem, a qual se fez uso de signos de terror e de demonização do crack, passando informações e representações com intensas distorções e suplementações de sentidos e significados. Entre a vasta quantidade e diversidade de encartes de publicidade social circulantes, por exemplo, no vídeo[17] fala-se em:

> Prepare-se para ver imagens chocantes e de forte impacto emocional. Mas, por favor, não tire seus filhos da sala, as crianças e os adolescentes são as maiores vítimas do crack. É uma droga tão devastadora que pode viciar na primeira vez. E, provocar as piores com sequências: dor, prostituição, roubo e assassinatos, são algumas delas. Não feche os olhos para essa realidade. Crack, nem pensar! (GRUPO RBS)

Esses discursos são acompanhados de uma estética (ética e forma) de filme de terror, em tons de cinzas e preto, com uns fortes contrastes, fazendo uso de uma simulação de imagens horripilantes. As informações passadas, possuem uma coerência lógica interna aos enunciados e predicados, de modo que se demoniza o crack, enquanto problema e agente de degeneração da vida social, ao mesmo tempo, se vitima as crianças e jovens, colocando em situação de risco para afirmar o enunciado performativo da campanha: Crack, Nem Pensar.

---

[14] Em notícias chocantes, como a de um casal de Passo Fundo: "Usuários de crack, pais vendem filha de dois meses por R$ 50" (Jornal Agora- 17/ 01/ 2011). E como na reportagem especial sobre uma mãe de Porto Alegre que matou o filho usuário de crack. (Flagelo do crack: O tormento de uma mãe" Zero Hora, 24 e 26/ 04/ 2009).

[15] O jornal Zero Hora esteve com um Caderno Editorial intitulado Epidemia de Crack. (Zero Hora- julho de 2008)

[16] Como exemplo desse discursos: Zero Hora (06/07/08) A epidemia do crack. ;Zero Hora (07/07/08) Combustível da criminalidade: A epidemia do crack., Zero Hora (08/07/08) Assassino aos 11 anos.. Zero Hora (09/07/08) Remédio no abraço da família.

[17] Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=4UkqznBGZVw

Figura 1. Imagem Gráfica da Campanha Crack Nem Pensar – Grupo RBS

Fonte: http://bloggerdofer.blogspot.com/2009/08/crack-nem-pensar.html

A imagem busca chocar, usando na produção fotográfica maquiagem carregada nos olhos e base branca pelo corpo, cabelos soltos e despenteados, expressão facial de flagelo e expressão corporal de solidão, concebida pelos braços abraçados nas pernas (posição fetal), junte a isso uma fotografia em tons de cinza, é impossível não se chocar. A modelo que realizou essa fotografia, provavelmente também é atriz, pois representou como se fosse fotografada em um palco durante a apresentação de um espetáculo, interpretando um personagem estereotipado, no auge da degradação física. Isso, sem dúvida, é muito diferente do cotidiano em que vivemos, onde pessoas magras e com feridas na boca (características do uso de crack contínuo) batem em nossas portas, seja para pedir dinheiro ou alimento, seja para vender qualquer coisa.

Entretanto, são estas imagens estereotipadas da cartilha que adentram em nossas escolas, pois estas últimas estão carentes e clamando por campanhas de prevenção ao abuso de drogas. Sendo assim, fica difícil a escola se manifestar e se posicionar contrária a tais campanhas, pois estamos diante de um problema social inventado, onde o discurso da saúde é subvertido e regulado à racionalidade econômica do discurso e da política proibicionista da droga, a toxicodependência do crack está

presente em milhares de famílias e mesmo quanto ausente, está presente nas representações, nos discursos e no cotidiano visível.

Diante das representações circulantes na mídia gaúcha, no Jornal Zero Hora, de 04 de abril de 2009, pode-se perceber a construção de uma retórica marcando a identidade do usuário consumidor de crack com estereótipos, criando inclusive significados de mendigos, mentirosos e assassinos para os usuários:

> **O crack transforma adolescentes em ladrões ou prostitutas.** Pulveriza empregos e reputações, **é uma fábrica de mendigos e mentirosos.** Também aciona o gatilho da violência: **dependentes matam por ninharias para obter a droga**. ZH vinha noticiando tudo isso, esparsamente, a reboque dos fatos. Em julho de 2008, o jornal resolveu aprofundar as investigações sobre o flagelo que está corroendo a sociedade. Os repórteres Itamar Melo, Patrícia Rocha e Manoel Soares mergulharam nos subterrâneos do crack, durante quase três meses, abordando o tema por todos os ângulos possíveis. **As descobertas foram aterradoras. A droga avançara sobre a infância.** Internado em uma clínica, **um menino de 11 anos revelou que assassinara um amigo por causa da última grama de crack.** Batera na cabeça dele com um tijolo e com uma garrafa. A reportagem também mostrou que a droga, antes restrita às vilas, chegara aos condomínios de luxo. Empresários, médicos e magistrados foram atingidos pela dependência que escraviza pelo menos 30 mil gaúchos. QUATRO MESES DEPOIS DA REPORTAGEM DE ZH, o governo estadual anunciou a abertura de 647 novos leitos para tratar dependentes de álcool e drogas, especialmente o crack. No entanto, a epidemia continua se alastrando. Em abril, em Porto Alegre, uma mãe matou o filho viciado. (**grifos meus**)

Entre os argumentos utilizados para afirmar os sentidos de uma epidemia de crack no Rio Grande do Sul, também ocorreu a associação entre as representações do crack e as de prostituição, de roubo e de morte, bem como, ocorreu uma dupla vitimização da infância e das crianças, enquanto usuárias consumidoras e enquanto vítimas potenciais do crack. Nota-se também essa associação nos discursos do Fórum de discussão da Campanha Crack, Nem Pensar:

> eu sou enf. trabalho com dependente químico a 13anos já tratei pctes que faziam uso de diversos tipo droga,mas nunca vi algo tão destrutivo como esse crack é uma droga que na primeira vez que é usada a pessoa ja ce torna escravo de uma substancia tão destrutiva para si e para as pessoas que lhe querem bem. Uma droga que seu uso esta tão intensificado por ser uma droga barata e por isso facil de encontrar não só na classe baixa mas tambem na classe alta. na minha opinião o melhor jeito de combater o uso de crack é explicando as nossas crianças os jeito que o usuario fica quando usa crack os mal que causam que o uso de um simples cigarro de maconha pode passar para o uso do crack (Cristian Soares - Pelotas - RS – Brasil; 13/10/2009 – 16:38)[…]tive um irmão dependente do crack e posso dizer pelo sofrimento que passamos que não é vida para niguém,muitas vezes ele dizia para nós que preferia morrer ate que continuar a usar, ele mesmo se enternou duas vezes,infelismente sem maiores resultados."hoje infelismente não temos mais ele presente em nossas vida",dia 5 de novembro ira fazer 1 ano que perdemos ele para a violência do crack, por isso

> sou a favor de educarmos nossas crianças, correrrmos atras de projetos sociais, ocupar a cabeça deles,efim como diz o ditado "cabeça vazia oficina do diabo" se todos lutarmos juntos com certeza chegaremos em algum lugar. (b. de p. - canoas – Brasil. 06/10/2009) […] Sou assistente social e trabalho diariamente com adolescentes na situação de dependencia quimica, principalmente os viciados em Crack, venho esta situação como uma doença da sociedade, q tenta de todas as formas fechar os olhos para uma realidade cruel e muitas vezes sem volta, temos q unir forças, seja Governo e Sociedade Civil, para combater esta situação de calamidade publica, tento atraves do meu profissionalismo e meu amor pelo q desenvolvo resgatar vidas, e propor novos rumos e olhares a estes jovens marginalizados e excluidos, deixo um apelo a sociedade, para q juntos possamos tirar as vendas dos olhos e unir forças no combate as drogas, fortalecendo familias e usuários, obrigado. (Estacio Louzada - Porto Alegre - RS – Brasil, 17/09/2009) [...]meu irmão caçula 37 anos e sua companheira são usuarios de crack.tentam parar,mas até agora eu não havia entendido o porque...diante de relatos, depoimentos,esclarecimentos,percebo como esta droga avançou os degraus da sociedade, não é preciso ter problema para usar o crack, o problema é conseguir entender o crack... os roubos,a falta de motivação profissional,a troca de valores,deturpação de conceitos...peço-lhes que nunca desaminem desta divulgação, desta campanha, vejo as crianças do meu bairro que passavam para jogar bola agora passam de capuz, andão rápido, como alienigenas poossuídos, ajuden-nos Deus,de infinita misericordia,salve essa nação... livre os crackianos,livre minha sobrinha 2 anos. (m.r.l.f. - MG – Brasil, 20/09/2009). (Clic RBS. 2009)

Os enunciados e os discursos de pessoas que postaram mensagens no site do projeto Crack Nem Pensar, do Grupo RBS, permite-nos ter uma ideia das representações e discursos sobre o crack de diferentes pessoas, com diferentes posições e experiências vividas, sendo possível ver nas diferentes formações discursivas, que articulam a ideia de lutar junto, um discurso sobre degeneração social e uma vitimização dupla das crianças, de modo que apela-se com linhas de desejo que se faça algo pelas crianças usuárias consumidoras, inclusive fala-se sobre a questão do trabalho infantil relacionado ao comércio de crack quando esse ocorre em zonas de tráfico intenso. Além de expressarem discursos que enunciam uma necessidade de educar para prevenir, delegando poder de salvação a Educação.

A cartilha da campanha referida tem na capa o logotipo do Grupo RBS, com uma modelo - atriz fazendo o papel de usuária em degeneração, seguido do site da campanha e da frase "Um inimigo a combater". E segue um parágrafo:

> Nem um novo usuário de crack é a meta ousada da campanha Crack, Nem Pensar, bandeira que o Grupo RBS assumiu em 2009, buscando o engajamento da sociedade. Lutar contra esse inimigo - que dizima vidas e destrói o futuro de crianças, adolescentes e jovens - é difícil e exige armas à altura dessa batalha. Está cartilha pode ajudá-lo. (Cartilha da Campanha Crack Nem Pensar- Grupo RBS)

Portanto, a cartilha defende o paradigma da Erradicação das Drogas, pelo o ideal de nenhuma vida com drogas. O paradigma das Guerra contra as Drogas, defendido na declaração do crack como "um inimigo a combater" e "armas à altura dessa batalha", são articulados de forma a criar uma subjetivação voltada à mobilização de forças e a definição de uma cruzada em favor da valoração do crack, enquanto signo da violência, da degeneração social e da legitimidade do direito de guerra, logo, do direito de morte. Segundo Agra (1997), por exemplo, quando se insere o paradigma de guerra contra as drogas, passa-se a articular uma diferenciação, onde ocorre uma estratégia de repressão ao tráfico de distribuição, com forma de controle sobre o consumo.

Na dimensão política do Governo do Estado, o Governo anterior, Yeda Crusius (2006 – 2010), intensificou o discurso proibicionista, declarando em sua gestão, “guerra as drogas” [18], estandarte que legitima uma campanha intensa que movimentou volutuosas cifras, em linhas de ação e operações especiais. Nesse contexto, o discurso de um ideal de uma vida sem drogas e de uma sociedade sem drogas, acabou sendo subsumido, apropriado e convergido em um discurso proibicionista, submetido ao paradigma da “guerra contra o crack”.

Na lógica da reprodução da mercadoria crack e de sua economia política, a lógica da lucratividade do mercado foi modificada através da potência regulatória do Estado através de sua racionalidade e consequente marketing em torno do “crack” o qual se deixa criar, quando se aplica uma política de tolerância zero, táticas de super-repressão às drogas e mobilização espetacular (simulacro), da polícia militar. As medidas adotadas foram o financiamento de operações intensivas, o policiamento repressivo e ostensivo, o pagamento de horas extras e os prêmios e bonificações para os policiais, além de, fortalecer argumentos por necessidades de mais recursos nas esferas federais e facilitar a circulação de imagens super-repressivas nos meio de comunicação.

Atrás do espetáculo de terror e repressão, a corrida por recursos oriundos da União, pareceu se consolidar como uma pauta, uma linha de ação, como o objetivo de diversos municipais, que buscaram e estão buscando, verbas governamentais junto ao Conselho Nacional de Entorpecentes, Ministério da Justiça e junto, Ministério da Saúde (uma das maiores pastas do orçamento nacional) e Ministério da Ação Social. Dessa maneira, articulam junto aos contextos de produção de políticas públicas, frentes de

[18] Paradigma desenvolvido na sub-seção 2.1

captação de recursos, enunciadas por argumentos em prol das demandas locais e regionais por políticas e projetos específicos para o crack.

Dessa maneira, os princípios do terror interventivo super repressivos que se expandem para a subjetivação da população, autorizando o exercício máximo de violência do poder do Estado (direito de morte em função da causa), o comerciante de drogas ilícitas é representado no *status* de inimigo e é evidenciado pela mídia de massa como alguém a se combater juntamente com a droga, demonizados ambos se tornam significados de causa da grande parte das causas do violência urbana e social. Lógica que possibilita a manutenção de uma Sociedade do Espetáculo, ou Sociedade da Mentira (DEBROT, 1969).

A segunda linha da ação do paradigma da guerra contra as drogas, transforma o consumidor de drogas num doente, o qual se torna infrator, excluindo-o ou normalizando-o através dos dispositivos médico-psicológicos e jurídico penais. Por exemplo, esse processo acontece quando são publicadas notícias que as apreensões têm aumentado, refletindo assim, que os números de usuários também aumentam.

> As apreensões da pedra se multiplicam ano após ano - uma indicação clara de que há cada vez mais gente precisando de dinheiro para manter o vício. Passaram de menos de meio quilo em 2000 para 120 quilos no ano passado. E devem bater um novo recorde em 2008 (ZERO HORA, 6 de julho de 2008, p.12)

.

Por fim, como uma das estratégias de articulação de discursos de especialistas, o discurso do já citado Kessler, foi utilizado por agências de notícias que opera na internet, para falar que em 2009, havia ocorrido um aumento do número de usuários de crack em tratamento ou internados em clínicas para atendimento a dependentes de álcool e drogas nas principais capitais brasileiras, e, um atendimento em relação ao crack correspondendo por 40% a 50% dos indivíduos em tratamento, dependendo da clínica e de sua localização, sendo, que a idade média dos usuários de crack é de "31 anos", sendo inferior à dos demais pacientes em tratamento com média em torno dos "42 anos", e, entre os dependentes desta droga, "52% seriam desempregados". Esse discurso ganhou grande repercussão, principalmente devido a forma de circulação, mediada por agências de noticias, de maneira que esse discurso foi utilizado para afirmar sentidos de uma epidemia de crack no Brasil e no Rio Grande do Sul, articulados e convergentes em torno do signo do terror.

1.3 As Representações Sobre o Crack Circulantes no Município do Rio Grande

Essa subseção, buscou falar sobre o universo das representações circulantes no município do Rio Grande, atualmente com aproximadamente 200 mil habitantes, entre os meios analisados para a contextualização, destacando o jornal Agora, de circulação local. Tal jornal, contém notícias sobre o crack desde 2004, assim, percebe-se que no município, temos representações circulantes que postulam hipóteses que o crack seja um fenômeno epidemiológico, contudo até o presente, a hipótese não foi comprovada cientificamente.

Por sua vez, a mídia regional aponta que o município está enfrentado a intensificação dos problemas decorrentes ao crack, a quantidade de noticias sobre prisões, assassinatos e violência urbana aumentaram muito, de modo que os discursos dos debates públicos (JORNAL AGORA, 21-22/03/2009), e os das representações políticas como os dos gestores municipais e os dos vereadores municipais, centram-se na necessidade de tratamento e de recursos federais para a construção de um centro público de tratamento.

Diante das ações com objetivo de suscitar debater e a troca de informações no município, cito a Semana Municipal sobre o Uso Indevido de Drogas[19], que aconteceu junto com a XVII Semana Gaúcha sobre o Uso Indevido de Drogas e a XII Semana Nacional de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (Rio Grande - 21 a 26 de junho 2010), que teve como slogan "*Melhor do que reprimir é unir forças para prevenir".* Nessa semana, foram realizadas palestras nas escolas públicas do município, sendo essas ministradas por especialistas, em sua maioria do CENPRE-FURG[20] e por policiais, em ações de parceria com a Brigada Militar, como um exemplo de uma série de ações que passaram a ser realizadas pela Sociedade Civil para se falar sobre a questão das drogas e o crack no município.

[19] A Semana teve como realizadores: o Comitê Gestor Social – CGS, o Conselho Municipal de Política sobre Drogas – COMEN/RG, o Ministério Público Estadual, o Projeto Rede Família: garantindo o direito de crianças e adolescentes à convivência familiar, a Rede Gaivota/SMS, o Programa de Prevenção a Violência Estratégia de Saúde da Família /SMS, a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, o CAPS AD / SMS, o CENPRE/FURG, a Academia Mundo Fitness, o Punhos de Esperança, a Marinha do Brasil, as Secretarias Municipais de Saúde, de Educação e Cultura e de Assistência Social, a18ª CRE, a Brigada Militar – 6º BPM – PROERD. E teve como patrocinador a Petrobrás.

[20] Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos, da Universidade Federal do Rio Grande.

1.4 A História da Invenção da Droga

Para compreender tais discursos e representações, deve-se estudar a história da “invenção da droga”. Sobre isso, autores como Scheerer (1993) e Escohotado (1994), nos falam que houve a invenção de uma mercadoria, ou seja, invenção por meio de política de Estado de uma determinada forma de mercado que se configura no tráfico de entorpecentes. Os autores escrevem que há uma série de associações e de significações, as quais foram instituídas, em um momento determinado da história, um tempo histórico recente. A constituição do “problema das drogas”, como falam os autores, se tornou um problema erigido em torno de algumas substâncias que passam a ter sua circulação e seu consumo proibidos. Logo, a partir de uma regulação de mercado e Estado, seus valores de trocas e uso foram alterados, inserindo uma função econômica regulada basicamente pelo discurso proibicionista, a serviço da ordem econômica da acumulação e da ganância / dependência da lógica estrutural e política da reprodução do capitalismo.

Scheerer (1993) e Escohotado (1994), relacionam a invenção do problema droga ao que se tornou conhecido como o “problema do ópio”, lembram-nos que durante o século XIX houve, sobretudo na China e nos EUA, uma popularização do consumo de ópio e de seus derivados, principalmente a morfina e o láudano, isso ocasionou, por consequência, o aumento do consumo dessas substâncias, fato que repercutiu em preocupações das autoridades desses países, as quais fizeram com que sob a iniciativa do governo estadunidense, fossem convocadas as primeiras comissões internacionais para tratar do “problema do ópio”. Todavia, na China, a expansão do consumo de ópio esteve ligada ao incentivo comercial e articulação de mercadores ingleses, o costume de fumar ópio havia sido introduzido, entre os chineses, pelos portugueses no início do século XVIII. E esse hábito seria consolidado e explorado pelos ingleses em seu especial interesse pelo chá, explicam os autores.

A China era praticamente a única produtora de chá e não se interessava por nenhum produto inglês, exceto a prata e o ópio, e, quando a relação comercial deixou de ser desejável aos interesses de troca de chá por pratarias, a Companhia das Índias Orientais introduziu o cultivo de papoulas e a produção de ópio na Índia, em seu território de possessão Bengala, de onde passou a monopolizar a produção e o comércio de ópio no sul asiático e a inundar a China com esse produto, desequilibrando a economia do

chá. Como resultado desse projeto mercantil e geopolítico inglês, as importações anuais de ópio na China passaram, durante o século XIX, de 200 para 6.500 toneladas[21].

Portanto, foi em meio a debates por soluções de guerras por mercados de produção e consumo de ópio na Ásia, que a droga foi inventada. Tal fato está diretamente atrelado às estratégias geopolíticas de poderosos mercadores e Estados, que passaram a debater politicamente junto a ordem do direito internacional, os meios e as formas de resolução dos conflitos de interesses de expansão dos mercados e de controle dos problemas sociais decorrentes das populações do mundo.

As práticas, as representações e a *práxis* geradas, a partir dos textos de políticas e normatizações, foram instituídas. Nessa lógica, aconteceu em setembro de 1910:

> […] a palavra cocaína foi pela primeira vez introduzida no discurso internacional sobre o controle do ópio, quebrando assim a restrição das conferências e convenções internacionais ao tema do ópio e dos opiáceos e introduzindo a força a questão dos alcaloides industrializados, ameaçando os interesses econômicos de países como a Alemanha, que lucravam não com a exportação de matéria prima, ou quase não elaborada (como a exportação de ópio da Índia para a China), mas com a exploração de produtos farmacêuticos de alta tecnologia. (SCHEERER, 1993, p.174)

Segundo Scheerer (1993, p.189), a inserção da cocaína normativamente nos textos de políticas e pactos internacionais, como uma substâncias proibida, foi o instrumental para a transformação do problema do ópio no problema das drogas. Instrumental na medida em que abriu precedentes para a intervenção do discurso do controle internacional sobre quaisquer substâncias, uma vez que não havia um “problema da cocaína” a ser discutido, como havia o “problema do ópio”.

Sanches e Rocha (2005, p. 4), entendem que "a forma como se deu a inclusão da cocaína na pauta dos debates internacionais, assim como a forma pela qual se daria a inclusão das demais substâncias nas conferências subsequentes", permitiram conceber, o papel da presença de diversos vetores, "de um campo de forças" em permanente disputa, no qual o "discurso médico", embora privilegiado, "não é hegemônico". Ou seja, o saber e o discurso médico, embora tenham sido substrato paro

[21] "À discussão do “problema do ópio” foram dedicadas duas convenções internacionais, a Convenção Filipina do Ópio (1903) e a Convenção de Xangai (1909). Nessas duas convenções lideradas pelos EUA, contrariando principalmente os interesses ingleses, foram elaboradas recomendações internacionais para o controle dessa substância e de seus derivados. Até então, as atenções internacionais estavam voltadas apenas para o “problema do ópio” (SANCHS; ROCHA, 2005).

os discursos proibicionistas sobre drogas desde as primeiras conferências de tentativas de acordos políticos, não é o único determinante da posição dos Estados Nações em escolherem pela criminalização das drogas.

Controle o qual, criou dispositivos reguladores para capturar a potência de uma mercadoria em gerar lucros, devido ao jogo de controle sobre o valor de troca, decorrente da proibição do Estado, ao mesmo tempo em que o Estado proibiu, ele também ganhou legitimidade para exercer poder de soberano, pois continua havendo demanda, ou seja, procura da mercadoria droga.

Nesse movimento contraditório entre poder proibir e ter até o direito de matar, quanto mais investe na "maquinaria de guerra" e na "maquinaria abstrata" de governança sobre a proibição e regulação do mercado, mais aumenta o valor da mercadoria droga, pois interferem na relação produção, oferta e circulação. O crack ou a pedra (nome popular) é uma droga derivada da cocaína, portanto, não pode ser estudado de modo isolado, mas sim, enquanto objeto de uma relação entre política econômica internacional, a qual é uma extensão do mercado da cocaína.

1.5 Contextualização da Temática Crack e Drogas

Esta subseção, apresentará um pouco do contexto das pesquisas científicas que se remetem ao crack e as drogas, em paralelo com as informações circulantes na mídia, por meio de revisão bibliográfica sobre a temática. Logo, são colocados textos e paradigmas em torno das representações do crack.

Parto de uma leitura da abordagem antropológica e cultural de Gilberto Velho (1997), onde o mesmo, questiona e relativiza duas dimensões fundamentais de um conceito de droga: A primeira se refere às formas de apropriações significativas da droga e a reação da sociedade - Estado, instituições, grupos e sujeitos - em relação a este objeto; A segunda se refere à noção de substância que produz alteração de consciência. Para Gilberto Velho (1997), em termos antropológicos, um estado alterado de consciência é algo tão questionável quanto à definição de um padrão antropológico de normalidade.

A partir das diferentes perspectivas em relação ao objeto de representação droga, vai se percebendo que o contexto e a contextualização tornam-se categorias chaves para a análise e concepção de uma categoria social. Na abordagem de Maffesoli (1997, p. 9), por exemplo, o autor argumenta que “tudo o que se diz, conjectura e fantasia a propósito da droga é parte integrante dessa realidade”, pois a produção da definição social da droga e todas as categorias simbólicas e materiais que a classificam e se

articulam a ela, podem levar a organizar e a fazer circular nos padrões de institucionalização objetivada, a invenção social do problema droga e da droga enquanto uma categoria e um conceito.

> Se concebermos a droga como uma ontologia construída pelo e no social, tanto pelas pessoas que com ela se relacionam diretamente, como pelas pessoas que com ela se confrontam e muitas vezes se afrontam, percebemos que a partir de um complexo universo de significações ocorrem à segregação de sentidos em um espaço simbólico e uma linguagem que organiza o "campo estruturado" onde se inscreve as práticas sociais que se relacionam com o objeto de representação. Nesta medida, a droga é um objecto interpretável no interior deste campo através das representações que a auto referenciam e no qual a representação da droga cria ao mesmo tempo a imagem e o seu referente. Representar a droga não pode ser encarado, deste modo, como um acto passivo, mero reflexo na consciência de um objecto externo, mas, pelo contrário, um acto constitutivo do próprio objecto. (VALENTIM, 1998, p. 56).

Essa abordagem permitiu ver a droga como um duplo, pois a droga é concebida como sendo culturalmente construída, ou seja, é uma invenção social da linguagem, pois é, ao mesmo tempo, a imagem e o seu referente, em uma construção de sentidos e significados organizados e estruturados nas representações sociais. A droga é concebida como um objeto inventado nos espaços do vivido e nas representações socialmente produzidas, que formam e modelam hegemonicamente as articulações de sentidos referentes à existência de coisas da natureza que são nomeadas como droga.

A construção social desse problema encontra então seu poder simbólico no jogo de linguagem e na retórica cotidiana, ao se utilizar discursos e representações do tipo, a drogadição é socialmente imanente, ou, que é a existência e a disponibilidade da droga que cria o drogado. Essas representações e a ordem discursiva, nas quais são utilizadas, constituem-se a partir de uma banalidade empírica encoberta pela lógica da construção social desse tipo de definições fatalistas e de seus contra argumentos. Contudo, também fazem parte de uma racionalidade científica funcionalista e pragmática, que busca fazer diagnósticos e reconhecimento de patologias, para postular sobre as necessidades sociais, para normatizá-las, articulando inclusive argumentações, onde as presenças e as ausências são utilizadas para legitimar uma ordem discursiva. Entretanto:

> […] la ausencia, como momento, no tiene nada de patogénica. Por el contrario: suscita, incita. Lo patológico proviene de la detención del movimiento, de la fijación en la ausencia y el vacío, del sentimiento de no encontrar salida, "estado-nada". Cuando el doble espectral sustituye todo "objeto" (cosa, ser, obra), cuando la ausencia desaparece dejando de aparecerse como tal y por consiguiente se produce el maelstrom de la angustia, entonces sobreviene el estado patológico (LEFÈBVRE, 1983, p. 261-262).

Todavía, para abordar tais questões mais que uma teoria do conhecimento, se fez necessário categorias claramente definidas, e as dimensões políticas e discursivas evidenciadas para nos dar acesso e auxiliar-nos nas formas de pensar e de agir em relação às drogas.

1.5.1 A Droga e a Sociedade

Segundo Gilberto Velho (1997), a droga pode ser antropologicamente definida como aquilo que provoca um estado alterado de consciência, entretanto, o autor questiona o que seria um estado alterado de consciência, onde o mesmo, problematiza a temática, colocando que diversas coisas provocam um estado alterado de consciência, como por exemplo, os ritos religiosos.

> Mas o fato é que encontramos em praticamente todas as sociedades e culturas investigadas ou conhecidas algum tipo de situação em que sob nosso ponto de vista, digamos assim, ocidental racionalista, se identificaria como um "estado alterado de consciência". Essa "alteração de consciência", segundo os nossos critérios, pode ou não estar associado ao uso de substâncias que chamamos de drogas. (VELHO, 1997, p. 62; grifos do autor).

E salienta:

> Em termos antropológicos, portanto, o que é um "estado alterado de consciência"? E o que seria um "estado normal de consciência"? Evidentemente, existe uma concepção de normalidade que é consistente com uma determinada história, com determinadas características de uma sociedade, que tem a ver com algum tipo de preocupação universalista. Mas existe claramente um contexto para definir um estado normal de consciência sobre o ponto de vista antropológico. (VELHO, 1997, p. 64; grifos do autor)

Portanto, fica difícil cientificamente de definir, em uma forma mais clara sob a narrativa das Ciências Humanas, o que caracteriza uma droga. Porém, a sociedade sabe e cita na ponta da língua, o que é droga lícita e o que é ilícita, de acordo com a lei que pune ou não pune, pois fundamenta esse tipo de representação em atos normativos do direito positivo.

O artigo jornalístico da revista Retrato do Brasil (FILGUERAS, 1984), de caráter informativo, neste caso, pode ser um exemplo de discurso que descreve a

presença das “drogas” no Brasil de 1970-1984, explicando a entrada do país na rota internacional do tráfico, narrando fatos como o aumento do consumo de drogas e as mortes atreladas a isso. Contudo, o artigo destaca o álcool e o tabaco, pois são drogas consumidas em larga escala, por serem legalizadas, o texto busca as representações do discurso de pessoas especialistas, invocando também, dados quantitativos, utilizando o poder discursivo dos números, para criar uma representação sobre a questão da legalidade e da ilegalidade da droga. Nesse fragmento, ocorre a invocação das representações legítimas do discurso científico:

> Segundo a Associação Médica Brasileira, o vício do fumo provocava a morte (no citado período) de cem mil brasileiros por ano, 277 por dia ou doze por hora. E quem lucrava com isso eram as multinacionais do setor, cujo faturamento em 1984 foi superior a 1,5 trilhão de cruzeiros. Um negócio que constituía a principal fonte de arrecadação do IPI (Imposto sobre Produto Industrializado), correspondente a 75% do preço de cada maço de cigarros. Seguia-se a arrecadação proporcionada pela indústria automobilística e pela a de bebida (FILGUERAS, 1984, p. 477).

Não é difícil perceber a relação entre drogas e economia, que avança no Brasil no início dos anos, pois drogas lícitas e ilícitas aumentam o fluxo de capital no país. Sobre o álcool, Filgueras (1984), conta que o brasileiro bebe mais que o estadunidense e que segundo a Organização Mundial de Saúde - ONU, nesse período, ou seja, em meados da década de 1980, 10% da população brasileira era alcoólatra e ocupavam 50% dos leitos dos hospitais psiquiátricos. As análises das estatísticas evidenciavam um aumento dos números de brasileiros com *causa mortis* por doenças hepáticas e gástricas, ocupando o 4º lugar, já sobre o consumo de drogas ilegais, o autor enfatiza que o Brasil estava seguindo os passos dos Estados Unidos - EUA, reproduzindo seu comportamento e também aumentando o consumo de drogas ilícitas.

Segundo o texto do jornal O Estado de São Paulo (1997), os EUA eram na década de 1980, o maior mercado consumidor de cocaína, lá viviam cerca de 10 milhões de dependentes químicos dessa droga, e cerca de 20 milhões de pessoas já haviam experimentado a mesma.

> O Senado criou uma comissão para estudar o problema da droga e para tentar encontrar remédios para deter o narcotráfico. Presidiu a comissão senador John Kerry e trabalhou bem. Entre outras coisas, pediu ajuda aos técnicos do GAFI (Grupo de Ação Financeira, organismo criado pelo G-7 em 1989, para controlar os fluxos ilegais), os quais informaram que segundo seus cálculos, o lucro anual da cocaína que permanecia em território norte-americano era superior a 26 bilhões

> de dólares, 10 bilhões da maconha e uma quantidade imprecisa, mas muito alta, em relação à heroína e às drogas químicas. (DEL ROIO, 1997, p. 114-115).

Para Del Roio (1997, p. 112), “Não existe nenhum negócio no planeta que possa dar tal taxa de lucro”, ao questionar para quem vai esse lucro, o autor recorda as reflexões de Marx, colocando que “podemos ver como o capital fica total e perdidamente desvairado. O camponês produtor da coca ou da papoula fica com menos de 0,5% do resultado final das operações”, e, “os países produtores recebem, por canais legais ou ilegais, um retorno entre 7% e 9%, enquanto 90% do dinheiro lavado permanece nos países ricos”. Além dos lucros permanecerem nas mãos de sigilosos atores dos países ricos e não dos países produtores, a conjuntura é apresentada como algo alarmante, devido a quantidade de dinheiro que circula por um mercado paralelo. Del Roio, fala que:

> Pensa-se que a reciclagem do dinheiro sujo advinda somente do mercado das drogas, nos últimos 15 anos, introduziu no mercado legal algo como dois trilhões de dólares. Para termos uma ideia da quantidade monetária de que falamos, é útil saber que o produto interno da áfrica negra, está em torno de 250 bilhões de dólares. Ou seja, o narcotráfico movimenta uma cifra anual que corresponde quase ao que produzem 600 milhões de africanos. A impagável dívida pública exterior de todos os países ditos em processo de desenvolvimento, mais os Estados do leste europeu, é de dois trilhões de dólares. A mesma quantidade que o narcotráfico passou da economia ilegal para a legal. Para continuarmos os grandes números, afirmam os especialistas que a produção anual de pasta base de cocaína é de 1000 a 1500 toneladas anuais, com um consumo de 300 a 400 toneladas. As polícias dos diversos Estados apreendem uma quantidade similar, permanecendo em depósitos, como *surplus*, algumas centenas de toneladas. (DEL ROIO, 1997, p. 111-112).

Para Escohotado *et al.* (1994), precisamos estar atentos ao significado do consumo de drogas em cada contexto cultural, pois este representa uma das (sub) produções altamente diferenciada e rica dos ensinamentos a cerca da organização da sociedade e de seus infortúnios, mascarando lógicas políticas e econômicas de controle e de manutenção do *status quo.* Assim, notamos que as representações em torno das drogas, abrangem uma multiplicidade de dimensões e escalas que vão da ordem do direito positivo, ao macroeconômico e ao microeconômico, além de questões antropológicas e psicológicas.

Na presente dissertação, foi relevante estudar o narcotráfico, para poder relacionar com as obras e discursos das crianças e jovens. No material coletado emergiram signos como armas, munição e dinheiro, mostrando que os jovens tem noções de como funciona o narcotráfico, entretanto, não possuem esclarecimentos e

conhecimentos baseados no universo reificado[22], mas no universo consensual[23],do seu cotidiano.

2. AS DROGAS, O CRACK E AS REPRESENTAÇÕES: ELEMENTOS DO REFERENCIAL TEÓRICO.

Neste capítulo, serão abordados os referências teóricos que embasaram a pesquisa. Segundo Bucher (1992, 1996), é possível argumentar que a questão moderna das drogas é mais do que um fenômeno periférico ou alheio à sociedade, indo além de algo trazido de fora por inimigos externos. O autor explica que o fenômeno e a sua conceituação, foram produzidos e destilados pela própria sociedade, através da cultura, nos modos de produção e distribuição de bens e rendas, por suas metas de lucro a qualquer preço, pelas ambições descontroladas, perversas de ganâncias fáceis, pelas leis de mercado, da oferta e da demanda, apoiadas em uma legalidade duvidosa.

2.1 Os Paradigmas Envolvidos na Representação da Droga

Na atualidade, segundo P. Silva (2007) e Agra (1997), podem ser descritas, pelo menos, três abordagens que coexistem no discurso científico sobre as drogas. Diante da intensa problemática e de intensos embates, que estruturam as representações

[22] Conceito desenvolvido na subseção 2.2.4
[23] Conceito desenvolvido na subseção 2.2.3

presentes nos discursos científicos sobre as drogas, verifica-se, a presença de três paradigmas que foram segmentados e se cristalizaram como "representações hegemônicas" [24] em relação às drogas. São eles: a) A guerra às drogas e a erradicação das drogas; b) O intervencionista e clínico; c) E a redução de danos. Tais paradigmas, abrem um leque de sentidos e significados possíveis para serem articulados junto às representações do universo consensual, operando modos de hegemonização com as representações sociais, de tal forma, que abrem um importante caminho investigativo sobre as representações sociais das drogas[25]. Todavia, os autores chamam a atenção tanto para a abordagem do modelo "guerra contra as drogas", como a de uma "vida sem drogas", estarem articuladas em função dos discursos proibicionistas.

O primeiro paradigma se instala sob o signo do combate social, declarando uma guerra contra as drogas, na qual está presente o princípio da erradicação e o ideal de uma sociedade sem drogas, trata-se do paradigma da guerra contra as drogas. As intervenções têm caráter coercivo e moralista. Na segunda abordagem, do mesmo paradigma discursivo, o proibicionista, o princípio da erradicação está no plano individual, projetando uma idealização de uma vida sem drogas, para atingir este projeto idealizado, Agra (1997) nos diz que o conhecimento/autoconhecimento ordenado pelo saber técnico emerge das Ciências Médicas, Psicológicas, Sociais e Jurídico-Penais e as Ciências do corpo e da mente, organizado como uma biopolitica[26] para a droga.

O segundo paradigma seria o paradigma clínico, no qual se articulam os discursos da saúde, como o discurso médico, todavia, apesar do discurso médico estar assentado em sua posição discursiva de autoridade sobre a vida, esse se encontra sujeito a hegemonia do discurso proibicionista. De maneira, a qual tem passado a se articular também, com os discursos do paradigma da redução de danos.

---

[24] Referindo-se a noção de hegemonia do conceito A. Gramsci, fazendo referência às práticas de conteúdos e direção intelectual e moral que asseguram a determinados grupos a dominação através do controle generalizado de sistemas de idéias, valores, representações, crenças, que procuram universalizar os seus projetos de modos dominantes, apresentando-os como sendo do interesse geral e formas de consenso.

[25] As três abordagens e o conjunto de paradigmas que utilizam, constituem-se e se estabelecem por meio de campos simbólicos onde ocorre nítido embate por hegemonias discursivas e defesas de verdades.

[26] Biopolítica pode ser entendida como o controle sobre a vida. A noção de biopolítica a partir de uma perspectiva foucaultiana remete a uma mudança de regime, de soberania para o biopoder, de modo que: "[...] uma das mais maciças transformações do direito político do século XIX consistiu, não digo exatamente em substituir, mas em completar esse velho direito de soberania – fazer morrer ou deixar viver – com outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá- lo, perpassá- lo, modificá- lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de 'fazer' viver e de 'deixar' morrer [...]"(FOUCAULT, 2002, p. 287).

Tal paradigma é denominado por Agra (1997), de uma intervenção mediadora, esta estratégia obedeceria aos princípios que possuem rupturas em suas representações com os princípios descritos sobre os paradigmas da guerra contra as drogas e da vida sem drogas. Dentro dessa perspectiva, o fenômeno da droga não é estranho ou alheio às sociedades atuais, mas um estado imanente ao normal (o que não é idêntico ao saudável, nem ao patológico), ficando no linear do comportamento desviante das sociedades modernas que focalizam o desenvolvimento, o progresso e a técnica.

Na terceira perspectiva paradigmática segundo Olivenstein (1983), o uso de drogas não é mais concebido como sendo determinado exclusivamente pela farmacologia das substâncias, mas o fenômeno passa a ser analisado dentro de uma dinâmica relacional entre o sujeito, a droga e o meio sócio cultural. Nessa abordagem, “o usuário deixa de ser estigmatizado, enquanto delinquente ou portador de uma psicopatologia, e passa-se a considerar distintas formas de uso: experimental, recreativo, habitual e a dependência ou toxicomania” (P. SILVA, 2007, p. 27). Sendo assim, a quantidade, a frequência, enfim, o tipo de relação do sujeito com a substância e com o social é que vai determinar se o uso e consumo é problemático ou não. Essa abordagem se contrapõe a guerra contra as drogas e a idealização da erradicação, buscando promover uma política de “redução de danos”, e, dessa maneira promover a redução dos riscos e a redução dos danos dos sujeitos a si, ao outro e a sociedade.

Para Olivenstein (1983), nesse contexto de comportamento desviante aceito como normal, o uso de drogas deixa de ser compreendido como sendo determinado exclusivamente pela farmacologia das substâncias psicoativas, pois, o fenômeno passa a ser analisado dentro da perspectiva de uma dinâmica multi-referencial, que inclui as interações do sujeito com a droga consumida e com o meio sociocultural em que estão inseridos. Portanto, as representações sociais das drogas, estão sendo construídas em meio a debates, abordagens e paradigmas que estabelecem determinadas ordens discursivas e ideológicas, mediante a existência de embates por hegemonia, os quais produzem as representações dos universos reificados dos discursos científicos.

No campo dos estudos das representações sociais, Barbosa (2000, p. 60), diz que a droga foi inserida como suporte para a política normativa exercida a nível mundial (proibicionismo) e da forte tendência a intensificação da regulação social, onde se torna um objeto sob a pressão de forças hegemônicas. Se considerarmos a relação entre sentidos e significados, articulados entre diferentes esferas do saber, podemos

conceber as representações, como uma forma particular de mediação entre conceitos e valores que se formalizam por meio de imagens e discursos, de maneira que as questões sociais, culturais, políticas e de saúde pública relacionadas ao crack, passam a estar em uma relação dialética com o saber produzido. A influência dos valores instituídos e criados nos espaços do reconhecimento das representações, que é feito por parte de cada grupo, em sua especificidade, como nos coloca H. Lefèbvre (1983, p. 54), a produção dos valores passa a se remeter:

> Toda a representación implica un valor, sea que el sujeto valore lo que se representa, el objeto ausente; sea que los desvalore. […] La relación entre valor y representación no es simple. Para que algún objeto se valore o se deprecie, tiene que estar representado. En consecuencia, el desdoblamiento entre presencia sensible y representación precede el valor. Pero sin la valoración y la puesta en perspectiva la representación seguirá siendo abstracta: doble pálida y desecado de la aparición sensible. Una vez fijado, la valoración modifica la representación."

Todavía, se levarmos em consideração os ensinamentos de Lefèbvre sobre os múltiplos processos de produção e de valoração possíveis para cada grupo de sujeitos e de identidades coletivas comuns, podemos discutir então, a realidade das drogas e o construir/desconstruir das representações sobre as drogas, a partir destes espaços de reconhecimento. Dessa maneira, estes espaços podem ser analisados em função da conflitualidade social, que marca as relações, permitindo assim, a busca do reconhecimento de representações hegemônicas e homogêneas, mas privilegiando um olhar sobre as representações que Moscovici (1986), chamou de polêmicas, e que atualmente poderíamos chamar de anti-hegemônicas.

Contudo, em uma abordagem de contribuição estruturalista, Valentim (1997), utiliza a teoria do núcleo central em uma pesquisa junto as paróquias das áreas do Grande Porto, da Grande Lisboa e Península de Setúbal, com o objetivo de observar a percepção dos responsáveis das mesmas sobre o consumo das drogas ilícitas na comunidade. Nesta investigação, foi utilizado o inquérito por entrevista telefônica para a coleta dos dados, onde o autor concluiu que quando solicitados a efetuarem uma classificação da população numa ordem de importância em função, emergiram três tipos de classificação de consumidores: os viciados/dependentes, os utilizadores habituais e os experimentadores, assim, as representações centram-se em uma imagem do consumidor, tornando essa imagem uma representação hegemônica. De modo que os sujeitos investigados, mesmo em meio a forte presença de valores morais, vincularam o

uso de drogas com hábitos de consumo, fetichizando a droga em suas representações como uma mercadoria, e a relação sujeito/droga, como uma relação de consumo.

Valentim (1997) relata que os viciados/dependentes foram representados pelos párocos como sendo consumidores estereotipados e com marcas de estigmas sociais, o mesmo salienta formas em que essa representação estava homogeneamente distribuída nas três regiões. Valentim (1997, 1998), concluiu ainda que em relação aos locais de tráfico e/ou consumo, ocorreu uma representação que comumente está associada às comunidades endereçadas ao espaço público do/no cotidiano.

É pertinente recuperar, que ambos os grupos sociais partilhavam representações hegemônicas semelhantes sobre as drogas e dos toxicodependentes, pois, os párocos e os médicos se utilizavam de um código linguístico basicamente comum, em uma semântica que refere a dependência, a delinquência e a morte, de modo que o consumidor de droga é descrito como um jovem, dependente e degradado. Havendo também esferas representacionais distintas, em que os párocos utilizavam categorias que se situam num referencial moral e social mais saliente, enquanto os médicos participam com um discurso mais analítico de diagnóstico profissional, pautado no psicológico e no relacional.

Com isso, ao avançarmos na revisão, nos deparamos com Noto *et al*. (2003), onde os autores citaram as drogas que possuíam maior número de ocorrência nas mídias no Brasil, sendo elas: o tabaco (18,1%), os derivados da coca (9,2%), a maconha (9,2%), o álcool (8,6%) e os anabolizantes (7,4%). Contudo, os autores, destacam a frequência de referências com descrições gerais, nas quais não fica determinado a que tipo de substância estão se referindo, utilizando-se de termos como drogas, tóxicos, etc. (34,9%). A pesquisa, também descreve que a maioria das fontes de informações citadas nos artigos da imprensa, são provenientes de produções das ciências ou de profissionais. Noto *et al* (2003), também analisaram as representações circulantes sobre as alternativas para lidar com o uso abusivo de drogas, sendo o tratamento descrito como a intervenção, a mais produtiva e a mais citada (33,5% dos artigos), já a internação veio em seguida, e, logo adiante, o uso de medicamentos. A prevenção é mencionada em 26% dos artigos, e na maioria das vezes, foi apresentada vinculada ao ambiente escolar e privilegiando a “informação” como medida preventiva, entre os poucos artigos que mencionaram a redução de danos (6,8%), os autores encontraram a predominância e a correlação com temas sobre a prevenção da transmissão do HIV e sobre o uso de drogas injetáveis.

Outra importante contribuição sobre as representações das drogas circulantes na imprensa nacional refere-se ao fato de que a circulação dos saberes informados pelos textos circulantes nas mídias, muitas vezes, não correspondem aos dados epidemiológicos do consumo de drogas, pois, muitas vezes, desconsidera-se que o álcool é a droga mais consumida e responsável pelos maiores índices de mortalidade e problemas sociais. Os indicadores de risco social relacionados ao álcool justificariam o destaque desta substância em artigos que abordam o tema droga e saúde, o que de fato, não acontece.

A noção de representação social das drogas vem sendo entendida como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo um alcance prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum" (JODELET, 1994, p. 36). E como concebe Valentim (1997), são geradas socialmente na confluência entre: (a) Configurações sócio estruturais expressas em posições sociais e em valores, normas e instituições de que os indivíduos são portadores e, pelo menos, reproduzem nas suas consciências discursivas e práticas; (b) E as (re)elaborações significativas do objeto droga produzidas pelos indivíduos nas relações sociais através dos processos de comunicação, fruto das dinâmicas situacionais no cotidiano e nas experiências vividas.

Esta articulação, entre sociedade/indivíduo e representação/espaço vivido, que subjaz do/no contexto de produção das representações sociais, é também dependente do objeto de representação, de tal modo que o ato de reconhecimento das representações, se torna ponto de partida para a abordagem lefèbvreana da análise dos processos de reconhecimento e de superação. Em Moscovici (1986), tem-se uma idéia mais clara, a esse respeito, nas noções de representações hegemônicas, consideradas de natureza uniforme, e equivalendo-se, pela coerção social em que exercem as representações coletivas, dessa maneira, as representações emancipadas resultam do intercâmbio social de um conjunto de interpretações, com certo grau de autonomia em face às relações sociais.

No campo da prática, entre os estudos sobre a representação da droga que analisam o processo de produção de representações, destaco os resultados de R. Ribeiro (2006). O autor, parte do pressuposto que as modificações dos padrões de consumo estariam diretamente correlacionadas às representações sociais de cada grupo, dessa maneira, fica sendo diferente no conjunto de representações sociais entre faixas etárias distintas, representativas de períodos do desenvolvimento cognitivo e culturais, possivelmente também divergentes (entrada na adolescência e entrada na idade adulta).

2.2 A Representação e a Teoria das Representações Sociais (TRS)

Essa subseção traz algumas das contribuições da Teoria das Representações Sociais, propriamente dita enquanto corpo teórico estabelecido, a partir de 1969, por Serge Moscovici (FARR, 2003). As principais contribuições da TRS à presente dissertação são as pesquisas que investigaram as representações da droga em crianças e jovens.

Por isso, o conceito de representação social aqui recuperado como o cerne de uma teoria que busca possibilitar o entendimento das formas de raciocínio, superando as limitações das teorias existentes voltadas para a vida cotidiana, ao introduzir o conceito de representação social, articulado com categorias as quais concebeu, para estudar as representações da psicanálise. Serge Moscovici partiu do conceito sociológico durkheineano de representações coletivas, para investigar as atitudes, as fontes de informações e a constituição desta ciência como objeto social, descrevendo como ela estava inserida na sociedade francesa.

Portanto, segundo Moscovici (2003), Durkheim definiu e dividiu o conceito de representações de duas maneiras: 1. Representação coletiva se refere à origem do conhecimento socialmente adquirido e organizado de modo universalizado, exercendo sobre os indivíduos uma coerção em suas ações e condutas; 2. Representação individual, modificada e adequada de acordo com cada sujeito. Assim, as representações sociais são adquiridas coletivamente, e uma vez constituídas alcançam certa autonomia, se ajustam e se modificam de acordo com as forças dominantes e correspondentes para cada tipo de grupo social e conjunto de práticas. Outra importante contribuição está em Denise Jodelet, onde a autora também afirma que as representações sociais são construídas de modo coletivo:

> Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismo, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações sociais são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente posicionar-se frente a eles de forma defensiva (2001, p. 17).

Para que as representações sociais sejam formadas, Moscovici (1989), considera a necessidade de avaliar três dimensões relevantes na formação das

representações sociais: **1.** A atitude; **2.** A informação; **3.** O campo de representação ou imagem.

Nessa linha de pensamento teórico Melo (2004, p. 20), desenvolve a seguinte definição: a atitude refere-se à maneira como um determinado grupo concebe suas opiniões e julgamentos sobre um objeto social e como, a partir dos conhecimentos recebidos deste objeto, se comporta em relação a ele. A informação, leva em conta a forma como se constituem ou estão organizados os conhecimentos adquiridos, sua elaboração e a direção tomada por determinados sujeitos sobre o(s) objeto(s) de representações sociais. Já o campo de representação, Moscovici (1978, p. 69), entende como uma ideia de “imagem” ou “modelo social”, conservado e limitado nas “expressões verbalizadas” relativas a um aspecto definido do objeto da representação pelas quais suas atitudes atualizam relações sociais e organizam-se em representações sociais.

Portanto, para Melo (2004, p. 21) e Moscovici (2003, p. 33), as representações sociais “são apenas um elemento de uma cadeia de reação, de percepções, opiniões, noções e mesmo de vidas, organizadas em uma determinada sequência”, pois elas ocupariam um lugar específico entre o julgamento que se tem sobre algo, destacando o sentido do real e a imagem que o reproduz de maneira concreta, materializando essas relações. Em um ambiente social, as representações possuem duas funções básicas de saber e de conhecimento prático, uma de caráter implícito e outra de caráter explícito.

A primeira, a implícita, diz respeito às formas de convencionalismo, isto é, aos meios de ajustes e de acordos que criam as determinações subentendidas sobre um fato, pessoa ou objeto, tendo como finalidade o consentimento ou a legitimação geral da representação diante do grupo e de tudo aquilo que é aceito no convívio social. A segunda função seria que as representações são prescritivas, ou seja, “elas se impõem sobre os sujeitos com uma força, estabelecendo, determinando e preceituando regras, antes mesmo de o sujeito começar a operar racionalmente sobre o objeto”. Assim, é possível notar que a representação sobre um determinado objeto ou alguém, está diretamente relacionada à reprodução daquilo que já está construído e constituído antecipadamente, ou seja, o que determina uma representação está fora dela e não nela em si.

Denise Jodelet (2001), que defende o posicionamento de que as representações sociais se inscrevem em uma reprodução de pensamentos pré-existentes, seguindo com destino das regras e as condutas sociais que estão impostas

nas interações grupais. Dessa forma, o papel social passa a ser subordinado por um conjunto de ações realizadas pelo sujeito e em sua interação com outras pessoas, determinando suas atitudes, suas condutas e suas expectativas decorrentes do seu grupo social, com isso, acaba se caracterizando como agente de transformação ou perpetuação das representações sociais presentes no seu cotidiano, construindo, assim, uma identidade social de interação.

Assim, a representação, ao substituir mentalmente um determinado objeto (pessoa, coisa, idéia), reconstrói as cadeias de significação que o formam, restituindo-o simbolicamente e também inscrevendo no significante novos significados. Isso, por outro lado, nos traz a questão da dicotomia entre a representação e o objeto da representação, entre o real e o imaginário.

As representações sociais, portanto, não são objetos sólidos, significados que uma vez construídos, se transformam numa essência estática e imutável, isso seria semelhante a pensar a dinâmica social como algo que em algum momento para no tempo. Mesmo uma tradição, que sugeria mais fortemente essa característica, não pode ser pensada senão, em termos da dinâmica de sua adaptação aos novos contextos, o que pressupõe, no mínimo, a necessidade de entrar em relação com novos elementos que vão surgindo, ainda que seja para reafirmar sua permanência. Moscovici (2003, p. 59), destaca que: “ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a característica não familiar que a motivou, que esta absorveu. Mas é particularmente importante que o desenvolvimento de tal característica seja observada no momento exato em que ela emerge na esfera social.”

Nessa esfera em que se constituem as representações sociais, a TRS distingue dois processos de caráter fundamental, são eles: a objetivação e a ancoragem. Estes processos se dão, de acordo com os conteúdos e os conceitos sobre cada objeto da representação, determinando dessa maneira, como se concebem as representações sociais. Autores como Moscovici (1986) e Farr (2003), argumentam que o ser humano (em especial o ocidental) dispõe desses dois fundamentais mecanismos para transformar um conhecimento estranho, em um esquema de categorias presentes no universo associado de palavras ou de imagens, especificadas previamente e/ou por ele ordenado, obtendo assim, uma interpretação daquilo que parecia fora do comum.

O elo de ligação das diferentes teorias que abordam as representações e a prática da presente pesquisa, foram as categorias analíticas, sendo elas: processo de

ancoragem, processo de objetivação, universo consensual, universo reificado, *poièsis* e *mimésis*, até chegarmos na obra.

2.2.1 Processo de Ancoragem

Segundo Moscovici (2003, p. 61), “ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Objetos e coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhos, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadores”, dessa maneira, o objeto de representação adquire uma conexão ou uma lógica entre situações, acontecimentos ou ideias. Quando não é possível ao sujeito de conseguir distinguir ou julgar alguma coisa, descrever para si mesmo ou para os outros, ele permanece no campo do não familiar, ou seja, do estranhamento, tornando evidente a necessidade de apoiar-se em representações pré-concebidas, rotulando e criando códigos de classificação e de avaliação para dar conta do imprevisível.

Ancorar, portanto, é um processo em que um indivíduo, pertencente a um determinado grupo ou cultura, converte e qualifica os significados de um objeto em uma determinada categoria ou em algo já reconhecido por ele, nomina, elegendo um modelo previamente estabelecido na memória, constituindo uma relação positiva ou negativa com ele.

2.2.2 Processo de Objetivação

A objetivação seria parte da dialética da representação, se apóia na figura de alguém ou de um determinado objeto, reproduzindo o conceito da imagem e/ou da linguagem, referindo-se aos objetos e as redes de significados e de sentidos específicos e que estão em constante circulação nas interações sociais (MOSCOVICI, 2003).

Para Spink (1993b), a objetivação "é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível". A autora coloca que este processo implica três etapas: I. A descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; II. A formação de um núcleo figurativo, se remetendo a formação de uma estrutura que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; III. A naturalização, ou seja, a transformação destas imagens em elementos da realidade.

2.2.3 Representações Sobre o Crack no Universo Consensual

O universo consensual é onde estão ancoradas as representações de senso comum, ou seja, de consenso na sociedade. De acordo com Del Roio (1997, p. 120), o crack tem sido muitas vezes descrito como uma invenção química feita a partir da coca, este, por sua vez, teria sido lançado nos bairros negros pobres da periferia de Los Angeles – EUA, na década de 1980, sendo relatado que praticamente uma geração de seus jovens foi devastada pelo crack.

Segundo Dunn e Ferri (1999), os primeiros relatos sobre o consumo de crack no Brasil surgiram em 1989 entre crianças que viviam nas ruas do centro de São Paulo, um ano antes da primeira apreensão da droga feita pela polícia na cidade. Dessa maneira, o crack se difundiu e rapidamente ganhou terreno em vista da lucratividade econômica, alta disponibilidade e crescente migração da coca via endovenosa (considerada um risco de contaminação pelo HIV) para a fumada.

Conforme o já citado, Del Roio (1997), descreve que tais fenômenos, fazem parte de uma lógica de criação de mercados consumidores, que acontece no momento em que o mercado de distribuição da cocaína nos EUA já se encontrava fechado, nas mãos de determinados grupos e esgotados para o surgimento de novos grupos. Devido a esse fato, o crack surge como uma alternativa de lucro e uma inovação competitiva para o mercado da droga, que se organiza pela busca de melhores taxas de lucratividade.

> Os valentes 'combatentes da liberdade' encontravam-se num impasse, ate que uma inovação tecnológica vem resolver seus problemas. Através de cristais que restam da fabricação da cocaína, é possível fabricar uma droga muito mais barata e mortal, adequada aos pobres, que será chamada de crack. Eis que os guetos negros de Los Angeles, onde o desemprego juvenil chega a 45%, pode ser inundado com esse novo produto. Por cinco anos, de 1982 a 1987, os contras nicaraguenses, com a cobertura de organismos oficiais, despeja 100 quilos de cristais de coca semanais sobre South Central. Os lucros são lavados em Miami e partem para a América Central para alimentar a subversão contra o governo de Manágua. (DEL ROIO, 1997, p. 121)

Essa amplitude de uso tem como consequência uma expansão do mercado de coca, que passa a conquistar novos e emergentes mercados, mas ainda com grande concentração nas Américas. O consumo da substância continua a crescer em boa parte dos países da Europa e da América do Sul, já a produção, todavia, não seguiu esta elevação e se manteve estável, tendo a Colômbia como principal país produtor, porém, tem-se observado que o mercado tem tido um significativo aumento nas taxas de lucratividade (UNODC; 2008).

De um modo geral, foi noticiado que os levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), e pelo setor do Departamento de Psicobiologia da EPM, concluíram, em seus estudos e pesquisas, que houve uma reprodução ampliada do fenômeno da toxicodependência do crack no país, na década de 1990. Na mesma época, a partir da produção de dados, de informação, de saberes e de conhecimento do CEBRID, foi posto em circulação uma representação do crack como um fenômeno com imagem associada as crianças de rua e aos estudantes. A partir do CEBRID, a mídia brasileira costumou afirmar que o crescimento do uso/abuso do crack e do novo mercado gerado por essa droga, foi muito mais evidenciado na região sudeste (eixo metropolitano São Paulo/ Rio de Janeiro).

Já a partir dos anos 2000, tanto a literatura especializada, como a imprensa em geral, passaram a apontar a entrada do mercado do crack em diversas cidades do Brasil, sejam elas grandes, médias ou pequenas, penetrando em boa parte do território nacional. Assim, não é difícil perceber que ocorreu um aumento significativo da toxicodependência do crack e da quantidade da substância apreendida pela polícia, tais fatos, também começaram a ocupar um maior espaço nas mídias, principalmente nas notícias policiais.

Outro fator que merece destaque é a variedade de paradigmas adotados para a produção de políticas públicas em escalas estaduais e municipais, variando conforme o perfil político e ideológico do governo. Nesse sentido, notou-se que o consumo de crack/cocaína tem gerado grande preocupação para o Estado Nacional, para os Governos Estaduais e para as Prefeituras Municipais, pois o fenômeno ocasiona enormes consequências para a sociedade e para a vida cotidiana, com consequentes pressões públicas sobre os governantes. No universo consensual, a sociedade questiona a responsabilidade do campo da Saúde, da família, da escola e do Estado, deixando as representações em aberto, sobre a questão da produção de políticas públicas de saúde, prevenção e educação sobre drogas.

2.2.4 Representações Sobre o Crack no Universo Reificado

O universo reificado pode ser entendido como aquele em que estão ancoradas as representações do senso científico. Nesse universo, o crack é concebido como um advento da década de 1970 (CLARKE, 1978), é uma droga derivada da planta de coca, sua produção em larga escala, geralmente se dá, a partir da pasta da coca, que

é misturada e aquecida com bicarbonato de sódio. Portanto, nos estudos sobre o crack é pertinente às representações correlatas da cocaína.

Ao aquecer a pasta da cocaína, ao ponto de fusão entre 96° e 98°C, temos o crack, uma substância com um aspecto empedrado, por isso, popularmente conhecido como “a pedra”. A pedra pose ser consumida de forma fumada, sendo em uma lata vazia ou em um cachimbo, junto às cinzas de tabaco ou de maconha, o nome vem do barulho provocado pela queima, crack. Outra forma de consumo, visível nas ruas, é o "mescladinho", cigarro de maconha misturado com crack. Segundo Clarke (1978) o crack é solúvel em etanol, acetona, éter etílico e praticamente insolúvel em água. Além disso, possui uma representação farmacológica expressa como um fármaco cristalino, inodoro, levemente volátil.

A sensação bio-psicológica do crack é de euforia, taquicardia e elevação da temperatura corporal e da pressão arterial. As consequências podem levar o usuário a ter um acidente vascular cerebral, a degeneração dos músculos do corpo (Rabdomiólise). E a principal característica do crack é o seu poder de provocar rapidamente dependência química. (CLARKE, 1978).

Na Wikipédia (2010), temos um exemplo de como representam um universo de sentidos e significados associados ao crack, presentes em um meio de comunicação de grande circulação, sendo uma enciclopédia digital livre, uma informação retificada não especializada, de grande acesso e legitimada junto à população. Nesse veículo, o crack é descrito como:

> [...] uma droga feita a partir da mistura de cocaína com bicarbonato de sódio geralmente fumada. [1] É uma forma impura de cocaína e não um subproduto. O nome deriva do verbo "to crack", que, em inglês, significa quebrar, devido aos pequenos estalidos produzidos pelos cristais (as pedras) ao serem queimados, como se quebrassem. A fumaça produzida pela queima da pedra de crack, chega ao sistema nervoso central em dez segundos, devido ao fato de a área de absorção pulmonar ser grande e seu efeito dura de 3 a 10 minutos, com efeito de euforia mais forte do que o da cocaína, após o que produz muita depressão, o que leva o usuário a usar novamente para compensar o mal-estar, provocando intensa dependência. Não raro, o usuário tem alucinações, paranóia. (ilusões de perseguição)”

Segundo Silva, Santos e Bessa (2006), o crack gera grande preocupação dada a rapidez com que pode levar há padrões comportamentais que já caracterizam dependência. Os autores citam Sutherland e Shepherd (2001), e a pesquisa que realizaram com jovens de classe média estadunidense, assistidos em clínicas ambulatoriais, documentando a evolução do consumo: de 464 adolescentes que faziam

uso abusivo de drogas, 28% fumaram crack, destes, 67% experimentaram (1 a 9 vezes), 18% fumaram mais de 50 vezes (usuários intensos), destes últimos, 60% progrediram da iniciação para o uso semanal em menos de 3 meses. Uma observação importante foi que 50% dos que experimentaram e todos os que usaram de maneira intensa relataram preocupação com pensamentos sobre o crack, rápida perda da habilidade de modular seu uso e rápido desenvolvimento de tolerância a droga, associados com o aumento do uso de crack estavam sentimentos de suspeição, desconfiança e humor depressivo. O mesmo estudo relata que aqueles que apenas cheiraram cocaína, não experimentaram convulsões, mas estas ocorreram em 1% dos que experimentaram e 9% dos que fumaram crack pelo menos 10 vezes. Os autores concluem que o uso de crack por adolescentes de classe média é associado com dependência rápida e sérias complicações médicas e comportamentais.

2.2.5 *Poièsis* e *Mimésis*

No processo criativo, a articulação entre as presenças e as ausências de cada coisa, cria um movimento de reprodução das representações, que pode ser chamado de *mimésis.* Sendo assim, esse movimento pode levar o sujeito representante a tomar uma nova posição diante das representações herdadas, pois passa a poder interagir com suas próprias representações de forma criadora e (re)significadora através de sua *poiésis.*

Ou seja, o sujeito, no caso o representante, pode ao mesmo tempo, desconstruir e construir novas representações por mediação do processo criativo, o que para Lefèbvre (1983), se realiza na materialidade da obra (movimentos da *práxis*) como expressão do trabalho humano, seja na escrita, no desenho, na música, no discurso organizado, etc. Segundo Lefèbvre (1983, p. 101-102) deve-se buscar a compreensão da relação existente entre o conceito de representação e o de obra, almejando ir além das binaridades, pois sob entendimento orientado, sob a lógica dialética, busca-se a clareza sobre as relações entre saber, ter e poder que atravessam a obra, mediando presenças e ausências contidas nas representações e nas suas contradições.

> La totalidad del mundo moderno contiene una contradicción cada vez más manifiesta entre: a) la abundancia de las representaciones, su utilización desaforada; b) el agotamiento de las representaciones, su desgaste, el esfuerzo por renovarlas y por otra parte el esfuerzo por abolirlas, sea por el más acá (naturaleza, intuición, etcétera), sea por el mes allá (metafísica, misticismo e etcétera) (LEFÈBVRE, 1983, p. 26).

A perspectiva lefebvreana defende a necessidade de levar em consideração a vivência (não reduzindo a linguagem à esfera do discurso e das formações discursivas), pois, existe uma relação de procedência entre as relações sociais vividas e as concebidas, já que o entendimento do conceito de obra passaria pelo reconhecimento de que a vivência é a gênese da representação e não simplesmente a linguagem. Sendo assim, se rechaça um reducionismo linguístico ao mesmo tempo que se abre o espaço para que as obras adentrem ao universo da *poièsis* e da realização de uma *práxis* ampliada pela superação das representações.

P. Silva (2007), em sua leitura de Lefèbvre (1983), e na busca de diálogos com a TRS, concebe que o caráter dinâmico da obra e o tipo de relação sujeito-objeto que se instaura, estabelece uma relação em que o criador de obra(s) é também criatura, dessa maneira, o sujeito criador (sujeito *poiético)* não se contenta em buscar sua inspiração inicial na vivência, encontrando no passado, nos espaços da memória e das lembranças, os elementos para a sua criação, tornando-se criatura desse movimento de retorno, pois nele não permanece, mas dele emerge em seu processo criativo que através de suas obras, assimila todo o saber possível nessa trajetória, em que experimenta as múltiplas contradições da representação. Nesse sentido, a *poièsis* é, portanto, ação criadora das obras e da vida como uma obra *poiètica.* Logo, compreende decisões de consequências ilimitadas, mesmo que às vezes, despercebidas durante longos períodos ou escondida entre ações repetitivas e ritos, pois, nas palavras de Lefèbvre (1967, p. 64-65) “nem toda criação é *poièsis,* mas toda *poièsis* é criação”.

2.3 Contribuições de Henri Lefèbvre

A partir da leitura das contribuições da teoria das representações de Henri Lefèbvre (1983), somando-se a interpretação de P. Silva (2007), foi possível conceber que a principal contribuição teórica, consequentemente metodológica de Henri Lefèbvre à Teoria das Representações, consiste na articulação dialética (LEFÈBVRE, 1979), da categoria obra, como um esforço em contribuir para “dar conta do poder das representações”. Poder encontrado na forma de potência, uma vez que é nesta zona, que se pode suscitar obras, pois é na obra que se resolve o problema das representações e seu exercício de poder sobre os sujeitos, já que é nela que as representações se cristalizam em forma e conteúdo, enquanto produto material do trabalho humano.

> Las representaciones no pueden pasar solamente por alteraciones de lo real y de lo verdadero, por máscaras y mascaradas, como en la teoría habitual de las "ideologías". El modo de existencia de las representaciones sólo se concibe tomando en cuenta las condiciones de existencia de tal o cual grupo, pueblo o clase. (LEFÈBVRE, 1983, p. 60)

E salienta:

> Se examinamos las relaciones del poder político y de las representaciones, observemos relaciones que tienen un doble aspecto: poder de las representaciones y representaciones del poder. El mismo desdoblamiento se produce a propósito del espacio: espacio de representaciones y representaciones del espacio. Del mismo modo, existen también las representaciones suscitadas por un deseo, a menudo falaces, y las representaciones del deseo, por lo general engañosas. Pues no es seguro que el deseo, como tampoco la muerte, se represente, a no ser por una tentativa mágica de exorcismo verbal o conceptual. El deseo suscita o combate las representaciones del objeto deseado; sólo se representa como necesidad especificada, que no es, que ya no es a no es aún el deseo. Asimismo, la muerte sólo se representa en el muerte-vivo, a saber el fantasma, el aparecido, la sombra, el doble, la máscara, el héro e o el dios resucitado. (LEFÈBVRE, 1983, p. 72-73, grifos do autor).

Do ponto de vista metodológico, sob a perspectiva lefèbvreana, as recomendações a cerca do estudo das representações, referem-se à delimitação da ação investigativa no cotidiano, dando especial atenção para as relações com o espaço vivido. O mesmo se torna necessário para uma postura de desconfiança sobre o que está formulado sobre o real; uma vez que o conhecimento sistematizado diz respeito a uma parte do real, que pode ser uma representação e um simulacro.

> Las palabras (nomina y verba), con sus significaciones y su concatenación, resultan de ese doble proceso de sustitución y de representación. El proceso primario, la producción del significante verbal se acompaña de un proceso secundario, la concatenación de los signos y su sustitución por lo "real", o sea lo inmediato. Sin embargo, la concatenación de los signos y significaciones no basta para explicar el discurso. En él intervienen otros elementos que hacen el sentido, a saber los valores y normas admitidas en tal o cual sociedad incorporados en palabras claves, símbolos, imágenes fuertes, en suma en representaciones. [..] Así, la representación involucrada desde el principio, abarca el conjunto del discurso y de su teoría; las representaciones hacen los sentidos que se superponen a las significaciones de las palabras, pero no se reducen a ellas. Esto permite resolver el enigma del sentido, dejado en suspenso por la lingüística basada en los significaciones, y mal resuelto por la tesis de que lo escrito, lo textual. Es lo único habilitado pera producir sentido. (Lefèbvre, 1983, p. 47).

As contribuições de Henri Lefèbvre, vão ao sentido de destacar a necessidade da adoção de uma perspectiva dialeticamente crítica que capte o movimento e as contradições entre o já estabelecido como evidência, enquanto ato e fato, social e

lúcido, problematizando-o e dissipando as interpretações, para apontar suas possibilidades e limites entre representante - representação – representado.

Diante dessas contribuições para a análise das representações, esta deveria pressupor que as representações provêm de seus suportes sociais, concebendo a relevância do enunciado/discursos e da prática social enquanto *práxis* e prática de representação. Essas dimensões operam por deslocamentos e substituições, produzindo necessidades e motivações, de forma a amplificar ou transpor certas realidades instituídas, evidenciando, mais uma vez, o caráter das representações como mediações, agora, entre o inconsciente de identidade obscura, entre espaços distantes da superestrutura e a cultura com identidades e diferenças não tão claras e evidentes como parecem.

A perspectiva lefèbvreana, concebe metodologicamente que certos atos atravessam e transcendem as representações, e, ainda que nela ficam contidos seus traços, sua lógica, sua racionalidade, para atravessá-las, despedaçá-las, enquanto estruturas de significação, temos que partir delas. Encontramos nos movimentos dialéticos, os meios lógicos que possibilitam a razão e a sensibilidade, compreendendo que nos espaços vividos determinadas representações permitem identificar outras representações, que bloqueiam as transformações possíveis e as representações que abrem caminhos para a superação através da criação contínua do vivido. Sendo assim, o sujeito é considerado como veículo de representações, logo, posicionado em uma situação de ser representante de representações, as quais, por sua vez, se formam no entrecruzar de suas trajetórias pessoais e na relação de pertencimento a um grupo social historicamente construído, o que influência seu agir e seu discurso.

O autor considera também que são as representações constituintes dos sujeitos, inseridas em específicas históricas de vida, o vivido de suas trajetórias, de suas vivências nos diferentes espaços e temporalidades da vida social (P. SILVA, 2007). Nesse sentido, H. Lefèbvre problematiza a existência de leis gerais sobre a representação, colocando que:

> Hay acaso leyes de la representación? Se duda alguna. Se vislumbran. Las representaciones se desplazan entre polos determinables; se constituyen en núcleos, en centros no sin dispersarse, fragmentarse. Se desplazan y sobre todo sustituyen lo representado. Se concentran y se condensan sí que por ello el resultado tengo el carácter sistematizado de una ideología. Leyes o más bien tendencias, son “leyes” de la conciencia (individual y social) no del “inconsciente”. No son leyes mecánicas. Según el esquema clásico, hay proporción y común medida, por definición, entre la causa y el efecto. En el

> esquema afinado, puede haber desproporción entre los efectos y las causas (por ejemplo; los efectos explosivos de causas mínimas) así, a propósito de las representaciones hay que distinguir: a) Los efectos de la representación en general, como el efecto de superficie; el hecho de que haya una superficie de la conciencia, de la sociedad, de la práctica. En la cual se desplaza él discurso y las representaciones transmitidas. (…) b) La eficacia momentánea de tal o cual representación, su fortalecimiento que pueden llegar hasta la ilusión de totalidad realizada. c) La propia representación como efecto de una causa desconocida o de una razón ignorada, política en particular (LEFÈBVRE, 1983, p. 93-94, grifos do autor).

E acrescenta:

> Las representaciones no son simples hechos, ni resultados comprensibles por sus causas ni simples efectos. Son hechos de palabra (o so prefiere de discurso) y de práctica social. Por tanto, las representaciones y sus tendencias provienen de “sujetos” sin reducirse a una subjetividad, y tienen una objetividad sin reducirse a objetos sensibles o sociales, mucho menos a “cosas". […] Las representaciones hacen perpetuamente. (LEFÈBVRE, 1983, p. 94-95).

Coerentemente ao posicionamento político do autor, pode-se ainda colocar uma contribuição da crítica marxista a teoria das representações: “Para Marx, la representación no parece sé sino una apariencia cosificada (fetichizada)” como coloca Lefèbvre (1983, p. 34). Desse modo, entende-se que é estabelecida uma atividade produtora necessária a cada sociedade, que se suscita em uma vasta série de representações destinadas a dedicar as tarefas inferiores a uma grande parte da sociedade, nesse caso, temos, o trabalho como castigo, como destino de uma classe ou casta, uma das maiores clausuras das representações. Por isso, o trabalho necessita urgentemente, de uma superação, que somente será alcançada pela inspetoria vivida pela classe trabalhadora, em seus conflitos e estratégias de organização e luta política. Lefèbvre lembra que:

> Con el trabajo industrial hace el concepto, al mismo tiempo emerge la contrapartida del concepto, cuya importancia práctica es considerable: la representación cuantitativa del trabajo, su medición por el tiempo de trabajo. La cuantificación abstracta con respecto a la actividad concreta del trabajador, general mientras que el trabajo es individual, reductor puesto que elimina las particularidades de cada trabajador, es una representación. (1983, p. 33).

Portanto para Lefèbvre (1983):

> La teoría de las representaciones se libra de esos dilemas y aporías; explica su eficiencia por el mero hecho de que las representaciones no son ni falsas ni

> verdaderas, sino o la vez falsas o verdaderas: verdaderas como respuestas a problemas “reales” y falsas como disimuladoras de las finalidades reales. [..] Como cada concepto, cada representación puede considerarse de dos modos según un análisis diferencial: a) Génesis histórica, global, abstracta, vinculada a la historia general de la filosofía y de la sociedad; b) Genealogía, o sea filiaciones y encuentros concretos; rodeos y desviaciones, influencias, etcétera. (p. 62)

Entendo que as representações, a partir das contribuições de Henri Lefèbvre, podem ser concebidas “levando em conta as condições de existência de tal ou qual grupo, povo ou classe” (LEFÈBVRE, 1983, p. 58). Nesse sentido, a importância do espaço do reconhecimento das representações, como um espaço de reconhecimento do outro, do externo e de si mesmo, é produzido por relações de forças que acontecem simultaneamente em espaços próximos e em espaços distantes.

2.4 Conexões entre Perspectivas

Essa subseção, busca apresentar elementos de conexões entre as contribuições de Henri Lefèbvre e a Teoria das Representações Sociais. A abordagem metodológica da investigação encontrou fundamentos, tanto nos referenciais da TRS, como nas abordagens lefreveanas aos estudos das representações.

A abordagem de Lefèbvre (1967; 1983), é uma sucessiva e profunda análise da realização da sociedade industrial por um viés mais subjetivo, que articula em seu construto, referencias de estudos sistemáticos da obra de K. Marx e da história da filosofia ocidental. Posiciona o lugar do sujeito e da *práxis* no movimento do tempo social, colocando a própria história em uma concepção de uma representação em superação, logo uma representação que vai muito além de modelo ou imagens mentais, de verdades ou mentiras, de ilusões e falsidades, tratando-se de uma forma de organização de sentidos e significados para a vida e a morte. Para Lefèbvre (1983):

> El "sujeto" no tiene nada de una sustancia para Kant. Así, el mundo sensible y perceptible se compone de representaciones, y esa palabra no designa solamente los "objetos" mentales sino también lo que percibe los sentidos. Desde ahí, el concepto se despliega, abarcando no sólo la crítica de todo conocimiento sino también la prosecución de un saber que escape de esa crítica. El concepto de la filosofía misma se formula y se precisa al mismo tiempo que el de la historia de la filosofía. Esta historia, en Hegel, adquiere una doble forma: génesis de las figuras de lo vivido (fenomenología) — génesis de lo concebido, el sistema filosófico. Así aparecen simultáneamente en el horizonte occidental los grandes conceptos que lo esclarecen: la representación, la reflexión sobre el conocer, sobre el trabajo (social). Más o menos al mismo tiempo Schopenhauer pretende que se hunde, más acá de las representaciones,

> en el mundo tenebroso y sin embargo verdadero del "inconsciente" (que él llama querer-ser). (LEFÈBVRE, 1983, p. 29).

Nesse sentido, “la representación no consiste en una imaginería, en un reflejo o en una abstracción cualquiera, sino en una mediación” (Lefèbvre, 1983, p. 37). Portanto, é na dimensão de mediação que as representações guardam e mostram coisas:

> Los filósofos y algunos místicos proyectaron el camino de la presencia. La metafísica es meta-fórica: busca demasiado lejos, en lo concebido. Lo místico busca en lo más cercano, en la vivencia, pero no difiere de la metafísica más que por esa orientación. Sus métodos, tanto en Oriente como en Occidente, desembocan en la representación de un centro (onto-lógico) de lo "real" o de lo "espiritual", pretendiendo capturarlo e instalarse en él. Ese centro se define: a) sea como un Ser pleno y siempre presente, sustancial, en torno al cual gira todo lo demás, devaluado, caído con respecto a esa absoluta presencia; b) sea como un vacío, una abertura, una nada, una ausencia igualmente absoluta. Entre ese negativismo y el dogmatismo, pasa la vía del acto poiético: de la superación. ¿Qué es lo que se supera? La pseudo-presencia o sobre presencia (sustitutiva) de las re-presentaciones transpuesta en modelos (filosóficos, metafísicos, místicos). (LEFÈBVRE, 1983, p. 260).

O autor nos ajuda a comprender que as representações podem ser descritas em diferentes formas de linguagens teóricas, que se aproximam ou se distanciam, em epistemologias comuns (estruturas análogas), relacionadas entre si pela necessidade de compreensão das práticas sociais e da ação social no tempo e no espaço. Temos então:

> El análisis de las representaciones lleva al pensamiento a los confines de lo racional, en la cercanía de lo paradójico que linda con lo absurdo y sin embargo es distinto de lo absurdo. La máscara representa a alguien: ya sea a un desaparecido, ya sea a alguien lejano. El que lleva la máscara sale de sí mismo: juega a transgredirse en calidad de ser individual; se identifica con el que la máscara representa: el muerto-vivo, el ser lejano. Así, la máscara incluye una práctica efectiva pero ritual de lo ficticio-real. La representación mediadora permite la superación — la transgresión de lo real — durante un momento intenso. De allí proviene la tonalidad particular del baile de disfraces, tan delicadamente presente en la música [...]. La máscara se une con la danza que llega hasta el trance pero dominado por una conciencia lúcida. En el vértigo de los valses, el sueño se vive y el éxtasis se anuncia sin alcanzarse jamás y por consiguiente sin agotarse, nostalgia sin decepción. Entonces la máscara desempeña el papel de un intermediario entre lo realizado y lo posible, entre lo real que encarcela y la libertad que se topa con lo imposible pero concuerda con la fantasía, incluso con lo fantástico y lo fantasmático. La máscara y el doble van juntos, cada uno remite al otro como en varios cuentos de Hoffmann y en los poemas de Musset. El "sujeto" y sus representaciones, su máscara y su doble entran juntos a la Fiesta... Relacionadas con su "base" social, o sea con toda una sociedad, las representaciones oscilan entre la manera en que está hecha esa sociedad y la manera en que se ve, la manera en que se dirige y su manera de librarse de la presión política, su manera de justificarse para protegerse y su manera de

> soñarse. Oscila, pues, entre la imaginaría por un lado y la ideología por otro. En las imágenes el análisis descubre las representaciones que esas imágenes vuelven sensibles y los "sistemas" subyacentes que se formulan abstractamente: lo ético y lo estético. (LEFÈBVRE, 1983, p. 91-92).

De acordo com essas contribuições, Henri Lefèbvre, pode conceder um avanço a TRS, quanto a concepção de representação social adotar um olhar a partir do método dialético. Segundo Spink (1993a, 1993b), o método dialético é uma perspectiva de análise aos processos de construção, produção e reprodução das representações sociais, e é dessa maneira, que as contribuições de H. Lefèbvre (1979, 1983), se comunicam com o entendimento das representações sociais, é pela natureza das coisas e das representações, é pelo movimento de totalização, é pelo movimento das relações entre as partes e os todos, por meio de antagonismos. Portanto, pelo entendimento da transformação qualitativa, a partir das relações de forças e mudanças criativas transformadoras.

Trata-se de uma busca de convergências políticas e de métodos, em torno de uma noção de superação qualitativa, a dialética das representações, pois, ambos compreendem que as representações são historicamente construídas e que as imagens e o conjunto de sentidos e significados associados a cada representação, não são as representações, mas suas partes / processos, expressão do movimento de totalização das representações. Os pedaços são superados por oposição e contradição causais. Contradições que no espaço do vivido e do tempo histórico, geram (re)significações, ou seja, mudam qualitativa e criativamente as representações.

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ESTUDANTES

O presente capítulo apresenta uma investigação e análise sobre as representações do crack de estudantes do ensino fundamental do município do Rio Grande. Os artefatos analisados foram notas de rodas de conversas, um questionário elaborado conforme orientação da literatura especializada em representações sociais da droga em crianças e jovens e registros áudio visuais de esquetes teatrais criadas e encenadas por estudantes. Na primeira saída de campo, foi feito anotações e aplicado um questionário, e, na segunda, registros mais detalhados de rodas de conversa e das oficinas de teatro, através de gravações, fotos e análise das oficinas.

Na primeira saída de campo, foi realizado um encontro em uma sala-de-aula de uma escola estadual, onde durante o preenchimento dos questionários, a turma espontaneamente se subdividiu em pequenas rodas de conversa, onde suscitava o assunto drogas, nessa turma, também foi realizado mais 4h/aula de observação e convivência. As questões[27] analisados, referem-se as respostas de sete estudantes, três meninas e quatro meninos, com idades entre 11 a 15 anos, no qual a questão chave, foi uma enunciação referente a uma história imaginária, onde Fulano e Fulana encontram

[27] O questionário aplicado seguiu as orientações Williams, Wetton e Moon (1989) e Hadley e Stockdale (1996), Negreiros (2000), Carvalho (2000), Barbosa (2000), para a elaboração das questões.

uma sacola com crack na escola, a partir dessa enunciação pede-se que seja desenhado e escrito o que imagina-se que haja dentro da sacola, quem a achou e o que fez.

Em contraposição, o grupo da segunda saída de campo, teve como material de análise os registros áudio visuais das esquetes teatrais sobre o crack, montadas pelo grupo composto por quinze crianças e jovens, sendo nove meninos e seis meninas, com idades entre 8 e 12 anos. Os encontros aconteceram no Centro de Eventos da Cidade do Rio Grande e em um terreno a beira da Lagoa dos Patos, que é o pátio da casa de um dos estudantes. O grupo foi formado exclusivamente para a coleta de dados, que se deu por meio de Oficinas de Teatro, e teve o total de 24 horas de observação, convivência, pesquisa e registro.

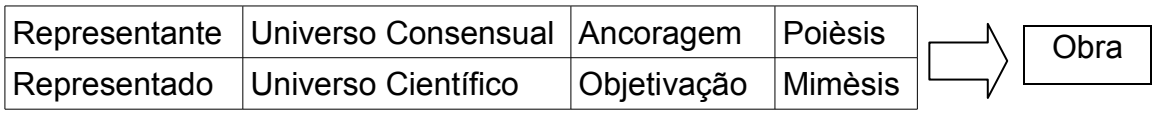
Os jogos dramáticos, utilizados nos plano de aula das oficinas seguiram contribuições de saberes prático-pedagógicos de A. Boal (1980, 1998)[28] e de I. Koudela (2004), além de noções de socionomia, referente à forma de organização de grupos internos e noções de sócio e psicodramas, a partir das contribuições de Moreno (1975, 1983, 1984), referências utilizadas para favorecer o entrosamento entre os jovens e a estimular a criação coletiva para a montagem de esquetes, das brincadeiras e dos jogos infantis. A montagem das esquetes se deu, a partir do tema crack como proposta, todas as crianças e jovens estavam cientes que se tratava também, de uma pesquisa sobre o crack e estavam interessadas em contribuir, assim, foram realizadas pelos estudantes, seis pequenas encenações, todas registradas. Nem sempre as crianças e os jovens se sentiram bem com a presença de uma câmera ligada, mas, pediam para que filmassem as esquetes teatrais, inclusive tendendo a brincar de cinema.

Como estratégia final da coleta de dados, a partir de conversas com os estudantes sobre a pesquisa, foi proposto que se criasse uma esquete, a partir do enunciado da primeira questão do questionário, o qual não havia sido aplicado com esse grupo. Então, criaram uma esquete que consistiu na montagem cênica da história proposta pelo questionário dos autores Williams, Wetton e Moon (1989), onde os estudantes encenaram a continuação dessa enunciação, respondendo a maior parte das

[28] O Teatro do Oprimido de Augusto Boal refere-se diretamente a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. Segundo Boal (1980, p. 45-46): “Ensino é transitividade, democracia, diálogo, o Teatro do Oprimido, cria o diálogo, busca a transitividade, interroga o espectador e dele se espera uma resposta. O teatro do oprimido procura desenvolver o desejo de criar espaço no qual se possa, criar aprender, ensinar... transformar”. E ainda complementa: “Uma sessão de teatro do oprimido não deve terminar nunca, porque tudo que nela acontece, deve-se extrapolar na própria vida. Pois o teatro do oprimido está no limite entre a ficção e a realidade: é preciso ultrapassar esse limite. E, se o espetáculo começa na ficção, o objetivo é o de se integrar na realidade da vida” (1980, p.347).

questões, através das representações teatrais, todas as esquetes foram gravadas em áudio visual e depois degradavas para a análise. Para melhor entendimento, a representação, chave da pesquisa, foi (des)construída em:

Figura 2. Esquema das Categorias e Subcategorias de Análise das Representações



Fonte: elaboração própria

A noção de *poiésis* utilizada, a partir das contribuições de Henri Lefèbvre, é entendida aqui em sua significância de ação criadora e transformadora, como ato de criar materialidades ao ser, por meio da ação de produzir encenações e obras. Pois, ao se organizar os sentidos e explicitar os discursos, ao se recriar o cotidiano por meio da repetição (*mimésis*[29]), dos processos e dos ritos do vividos, constantemente marcados por temporalidades e espacialidades, no processo de realização da vida individual e social (individuação), a *poiésis* possibilita a construção das mediações entre as representações e a realização da *práxis.*

A trajetória escolhida por H. Lefèbvre (1983), foi norteadora das análises, na busca por (des)construir o conceito filosófico de representação e retomá-lo enquanto conceito não filosófico, mas científico, com seus desdobramentos sobre a *práxis* e as relações sociais, indicando conceitos que são operados a partir de categorias filosóficas para a análise das representações. Por isso, o uso da Teoria das Representações Sociais, possibilitou um olhar científico do processo de representar e o de produzir a obra da produção de representações no e do social.

Por exemplo, o conceito de obra, nesse sentido, assume um papel de noção central de articulação do método lógico utilizado, Lefèbvre (1983), fala sobre um conceito de representação que foi sendo construído como um processo de criação da consciência, o autor relata que as representações ganham materialidade, por permitirem a produção

[29] La imitación (*mimésis*) se opone a la identificación (tautología, redundancia, repetición) ya que supone una distancia entre el que imita y el imitado (modelo, tipo, "pattern", etcétera). En las proximidades de este polo prevalece la metáfora pero también el desconocer. Lo analógico se determina por el parecido, por la similitud a menudo lejanos. En la cercanía de este límite, la forma estalla por exceso de contenido; afectivo más que intelectual, el contenido cae en lo informe. En esa dirección las representaciones se diversifican, se difunden, se fragmentan al realizarse (LEFÈBVRE, 1983, p. 89).

de obras da razão e da ação criativa humana. Para Lefèbvre (1983), a obra é um processo materializado, produto do trabalho humano:

> La obra esclarece las representaciones porque las atraviesa, las utiliza y las supera. La representación esclarece la obra porque es necesaria y no suficiente, superficial, es decir definida sobre y por una superficie, remitiendo a la práctica, a la producción, a la creación. Digamos en seguida que el término "obra" se tomará en toda su amplitud. ¿Se tratará de las obras de arte? Sí, pero no tan sólo de las artes plásticas, sino además de la poesía, de la música, de la danza y el teatro, considerando estos últimos géneros como reveladores al mismo título que la pintura, la-escultura y la arquitectura. También se tratará de obras más vastas: la ciudad, lo urbano y lo monumental. ¿No se puede considerar también la socialidad y la individualidad, lo cotidiano y lo insólito, aun las instituciones, el lenguaje e incluso la naturaleza formada por la práctica, como obras? La representación marxista común de las superestructuras es estéril y superficial. Sabemos ya que se encierra en aporías y dilemas: el reflejo pasivo, lo formal separado del contenido, etcétera. El Estado mismo es a su manera una obra. Incluso pretende ser la obra suprema desde Hegel. (LEFÈBVRE, 1983, p. 27).

Portanto, a obra parece reter poderes dos discursos e das representações provindas dos movimentos da *mimésis* e da *poiésis,* em um movimento de criação, de produção e de (re)produção da vida e da consciência humana. A criação passa a ser percebida como uma ocorrência do universo das representações e da produção material e objetiva da vida social, podendo ser analisada em meio as presenças e as ausências das e nas representações produzidas e reproduzidas.

3.1 Análise das Representações Sobre o Crack a partir da Primeira Saída de Campo

A escola escolhida para a primeira saída de campo e aplicação do questionário foi uma escola pública do município de Rio Grande, tal escolha se deu, devido ao fato, de que a escola se localizava em um bairro de classe média, próximo ao centro da cidade, conforme podemos perceber pelas construções e edificações das ruas, entretanto, em seu entorno, se encontra uma ocupação, que se pode notar visualmente, pois consiste de um aglomerado de pequenas casas de madeira, além de alto índice de tráfico de drogas e prostituição infantil, que também pode ser visto facilmente por quem passa pelas ruas que as circundam. Portanto, essa escola possuía estudantes em uma grande situação de desigualdade social, além disso, essa unidade de ensino já realizou projetos de Prevenção ao Uso/Abuso de Drogas.

Nos meses finais de 2010, foi realizado um contato com uma professora da escola, que disponibilizou horário em sua aula, logo em seguida realizei a primeira visita a escola, visando formalizar a disponibilidade da mesma, onde na ocasião, foram convidados a direção e a turma da 5ª série para participarem da pesquisa, além de ter

sido pedido a direção que encaminha-se os questionários aos professores da turma foco da pesquisa. Esse pedido foi feito, pois houve uma grande dificuldade de encontrar os professores da turma da 5ª série dessa escola, pois devido a mesma possuir uma única turma no turno da manha, o único professor presente era o que estava em sala-de-aula, pois em outro período eles estão em outra escola, completando sua carga horária de trabalho. Portanto, nesse primeiro dia, observei os estudantes por duas horas aula, fazendo deles o Grupo 1 desse relatório de pesquisa.

No segundo momento foi aplicado o questionário (conforme modelo em anexo) na turma, onde a mesma contava com doze (12) estudantes presentes, e desses, apenas sete (07) responderam a pesquisa, dos sete respondidos, seis preencheram em sala-de-aula e um em casa, e do restante, dois se negaram a responder as questões, um alegou que a mãe não havia deixado e, portanto, a mesma não assinou o termo de consentimento deixado por mim, na semana anterior, os outros dois ficaram de responder em casa e trazer depois, mas não trouxeram.

Em um terceiro momento, procurei a supervisora de projetos da escola, que me mostrou o projeto que a escola havia realizado em 2009, intitulado: “Drogas: Não entre nesse jogo”, onde foram realizados palestras com profissionais do CENPRE, Centro de Prevenções ao Uso de Drogas- FURG, com um frei da igreja católica e com uma psicóloga, além de gincanas e produções artísticas[30]. E no ano de 2010, a escola estava (a conversa foi realizada em novembro de 2010) buscando outras formas de parceria, como palestras com a Brigada e com o CREAS, Centro Rio Grandino de Assistência Social, tudo foi e está sendo realizado sem financiamento nem apoio da Coordenadoria Regional de Ensino, consistindo de participantes e organizadores voluntários.

Durante a conversa com a supervisora, essa comentou que os relatos das crianças da Pré-escola falavam de um cotidiano vivido com as drogas e, em especial, com o crack, pois contam casos vividos no cotidiano da família. Outro fator interessante que a supervisora destacou foi: “[…] alguns alunos já me procuraram para pedir ajuda. Os colegas também me procuram para pedirem ajuda”, nesse caso, falou que a escola recorre à ajuda dos profissionais do CREAS, tudo em sigilo absoluto. Ainda durante a terceira visita, foi feito novamente um pedido para a diretora da escola, para que a mesma encaminhasse os questionários aos professores da 5ª série.

[30] Ao saber da existência desse material, perguntei imediatamente onde se encontrava e se tinha como ter acesso, contudo, a supervisora relatou: “- Os cartazes e desenhos ficaram pendurados na parede da escola até estragarem, uns levaram para a casa, mas a maioria deixou por aqui.”

Na quarta visita, foi realizado uma conversa com a professora da Pré-escola, onde a mesma relata que nas brincadeiras do faz-de-conta, existe a presença de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas A professora também conta que os pequenos só comentam essas coisas, depois de confiarem no grupo, pois sabem que as drogas é um universo de segredos e medos. Exemplo disso, são os casos de duas meninas de 5 anos, uma delas teve os responsáveis por ela, no caso a avó e os pais presos por tráfico, e a outra menina teve a mãe presa por porte de drogas, que segundo a criança, não pertenciam à mãe, pois esta só estava guardando a droga para alguém, ambas prisões aconteceram na presença das pequenas meninas.

Sobre os questionários a serem aplicados nos professores, na quarta e quinta visita, a direção da escola alegou ter se esquecido de encaminhá-los aos mesmos, devido aos problemas já comunicados, na sexta visita a escola estava fechada, pois já se encontrava em férias, dessa maneira, não foi possível ter o questionário aplicado àquele grupo de professores, e com isso, optei e tomei a decisão de não procurar outro grupo, mas retirar a categoria do professorado da pesquisa. A escolha se deu, pois a pesquisa passou a tender tanto pelos referenciais teóricos abordados, como pela *práxis* de campo para focar o recorte nos estudantes de Ensino Fundamental, já que é nessa idade que segundo pesquisas como a de Castro e Abramovay (2002), um número cada vez maior de brasileiros experimentam drogas.

3.2 Rodas de Conversa da Primeira Saída de Campo

Na primeira saída de campo, as rodas já estavam formadas, sendo composta por pequenos grupos, que paralelo a conversa, desenhavam. No primeiro dia de observação, cheguei em uma pequena roda de conversa com três estudantes e perguntei quanto às palestras promovidas pela escola (aproveitando o fato da vice-diretora ter acabado de entregar um certificado para um desses alunos), indaguei se eles gostavam e perguntei sobre o que falavam, um dos jovens me mostrou o certificado do curso que foi desenvolvido com a Brigada Militar, e salientou que: “-Não gostei muito, mas fiz, era na escola mesmo. Eles falaram de drogas... Hum.. Das doenças. Que remédios também são drogas. Do que pode e do que não pode.” Os outros dois também disseram que não gostaram, um fazendo sinal com a cabeça e voltando a desenhar e o outro comentando: “- Não gosto dos *home* [31]! Eles batem na gente!” E contou uma história

[31] Gíria, significa policial ou policiais.

sobre um atraque (abordagem policial de rotina, que consisti em uma revista com as mãos no corpo dos “suspeitos”) que ele e alguns amigos, todos menores, levaram no bairro.

No segundo dia, durante a aplicação do questionário, um dos estudantes me perguntou o que era epidemia de crack, imediatamente chamei a atenção da turma e perguntei o que achavam, os estudantes responderam: “Sim, falam na TV toda hora.” “Sim, eu acho, por que a pessoas ficam doentes”. A maioria dos estudantes respondeu oralmente que sim, mas não disseram o porquê, do motivo da epidemia.

3.3 Sistematização do Questionário

O instrumento de pesquisa mostrou desempenhar, um papel de dispositivo de agenciamento das subjetividades sobre as representações das drogas e possibilitar suas objetivações, de modo a se comprovar como um instrumento válido para a análise comparativa de representações sociais de estudantes sobre drogas. Na presente pesquisa para a análise do questionário, devido a pouca quantidade de questionários retornados, deixou-se de fazer uma análise computacional de correlação entre unidades sintagmática em programas de tecnologias QSR como Evoc e Alceste, que formam grafos para interpretação. Por isso, optou-se pela metodologia dos mapas mentais (esquemas gráficos da distribuição de frequência). Portanto, a análise fez uso de um paradigma interpretativo, partindo de relações lógicas que se movimentam dialeticamente do geral para os específicos, adotando as leis: 1. Tudo se relaciona; 2. Tudo se transforma.

As respostas dos estudantes, de acordo com o número de ocorrências das palavras (repetição semântica) e das frases respondidas para cada pergunta, por parte de cada estudante, estão dispostas na tabulação feita no quadros desta subseção. O questionário aplicado sobre o crack continha perguntas abertas sobre uma história sobre o fulano e a fulana que encontraram uma sacola dentro da escola, que entre outras coisas, tinha crack.

Os estudantes, ao responderem o questionário representaram a pessoa que perdeu a sacola como sendo: a) um usuário, contudo um deles questionou o próprio discurso, colocando-o em dúvida as imagens utilizadas, pois ao adjetivar o substantivo drogado, fala que podia ser uma boa pessoa; b) estar fugindo, falam em uma pessoa que devia estar fugindo de alguém e deixou cair e a outra deveria estar fugindo da polícia; c) o termo drogado, foi tão usado quanto o termo usuário, além disso, um jovem descreveu

o “drogado” como alguém sujo, sem escovar os dentes, sem tomar banho e de pés descalços, e outro o chamou de drogado abobado, pois o mesmo havia perdido a sacola, já outro jovem acrescentou o fato de ser um aluno drogado, enfatizando o cenário em que acontece a história; d) Um traficante, sendo esse de cor branca, de olhos vermelhos e meio louco. Dentro da sacola para o grupo havia: a) cigarro; b) bebida; c) maconha; d) cocaína; e) cola; f) armas g) munição; h) cachimbo; i) isqueiro; j) pente; l) diário.

A pergunta: “O que você acha que quem perdeu a sacola ia fazer com o que estava dentro da sacola?” As respostas foram: a) vende; b) usar; c) fumar; d) roubar. Já a pergunta sobre se fulano e fulana contariam a alguém que perderam a sacola e a quem contariam ocorreu: a) Não contariam a ninguém; b) Contariam, sendo que dois estudantes contariam para a sua mãe, um para a polícia, outro para os colegas, outro para a mãe do usuário que perdeu a sacola e o outro simplesmente defendeu que ele contaria para alguém, sem especificar quem.

Entretanto, sobre: “a quem eles contariam que tinham encontrado a sacola”, foi obtido como respostas: a) mãe, duas se referindo ao significado de sua própria mãe e outra a mãe do usuário; b) pais; c) entregariam a sacola para a diretora da escola; d) polícia; e) amigos.

Sobre a pergunta: “o que se fala na do crack na escola”, as respostas foram variadas, sendo uma ocorrência de cada frase, sendo elas: a) o crack prejudica a saúde, mata mais rápido e vicia; b) o crack é ruim e estraga a vida; c) Muito; d) não leva ninguém a nada, só a morte; e) o crack é muito ruim e prejudica quem fuma ou usa. f) é uma coisa horrível, que destrói famílias, que você se destrói não só fisicamente, mas sim a própria liberdade; g) o crack é muito ruim.

Já a questão: “você acredita que há uma epidemia de crack? Por quê?” a) Sim (5 ocorrências); b) Não (2 ocorrências). Os jovens que acreditavam que sim buscaram e utilizaram imagens e frases como: “pois tem muita pessoa que morre com isso; por que a mídia fala e já vi muitos casos; por que não importa se é rico ou pobre eles fumam igual; por que muita gente usa; por que é verdade e existe.” Os que se posicionaram contra uma epidemia de crack, um disse que não é epidemia "por que usa quem quer" e outro apenas disse não.

Quanto à pergunta de número 11 do questionário: “Você conhece usuários de crack? São pessoas próximas a você (familiares, amigos, colegas)? O que você pensa sobre o crack?” São na realidade três perguntas, com isso, dividirei também as respostas. Para a primeira questão não é relevante dizer o número de vezes do termo

semântico sim, pois a maioria dos estudantes respondeu a primeira pergunta com a resposta da segunda. Dessa maneira, relato que todas as respostas para a primeira pergunta foram afirmativas, mesmo as que estavam ausentes os termos sim ou tenho. Pois ao responderem qual o grau de relação deles com os usuários, já ficava implícito que eles conheciam, portanto, a resposta dada a segunda questão levantada foi: a) amigos (3 ocorrências), b) família e amigos (uma ocorrência), c) conheço, mas não são meus colegas nem amigos (uma ocorrência). Dois dos jovens não responderam quem era esse usuário, colocando apenas “Sim muito ruim”, "Sim, mais ou menos por que é muito frequente no meu bairro, sendo que tem em todo o lugar, mas já vi muitos casos. Que é uma coisa horrível que destrói vidas, famílias e que está destruindo o mundo", respondendo já a terceira pergunta da questão 11 do questionário, as outras respostas para a terceira pergunta foram: “eu penso que isso não faz bem; o crack destrói sua vida; mas acho muito ruim e que é uma volta sem fim”.

O produto do questionário em relação às representações sociais, permitiu a análise da relação ancoragem e objetivação da representação do crack, a partir do entendimento de como que o discurso do enunciado agencia, ou seja, captura por contradição as subjetividades dos sujeitos da pesquisa. Orientados a responder, em um primeiro momento, passam por um processo de ancoragem e logo em seguida pela objetivação. Desse modo, se tem como produto material dessa relação entre a pesquisa e os sujeitos investigados, uma forma de agenciamento e também de produção material de registros da objetivação.

Nessa dimensão, para análise das relações entre os signos, símbolos e palavras representados como forma de objetivação das representações sobre o crack, a análise buscará entender, as relações de contradição e transformação entre o resultado observado no presente estudo e os resultados de outros estudos sobre o tema. No conjunto do universo analisado, é possível perceber que a partir da objetivação realização pela subjetivação do enunciado da história, contada para suscitar respostas, que os dados coletados são formas de objetivação das respostas aos enunciados, logo, são objetivações de representações sociais, são indícios materiais de um processo de ancoragem. Nesse sentido, são formas de presenças – ausências de representações, assim, não são em si, enquanto signo e significado, nem em conjunto, uma representação social.

As objetivações referentes a uma enunciação: “A fulana e o fulano estão passeando pela escola, quando de repente encontram uma sacola plástica, percebendo

que entre outras coisas, dentro dela tem crack'. A seguir, seguem os enunciados: Imagine e desenhe o que há dentro da sacola; Escreva o nome daquilo que imaginasse que está dentro da sacola. De maneira que o primeiro enunciado dizia respeito à objetivação de um desenho, a partir da subjetivação da enunciação.

Quadro 1. Coisas Representadas Dentro da Sacola Plástica com Crack Dentro

2. Bebida, fumo, crack, drogas, cigarro;

2. Bebida, pedra, Maconha, cola e cigarro;

2. Bebidas, munição armas e crack;

2. Cerveja, isqueiro, cigarro;

2. Cigarro, bebidas alcoólica, crack e outros tipos de drogas, maconha, cocaína etc...;

2. Diário, pente, crack, tijolo, de maconha, um cigarrinho de maconha;

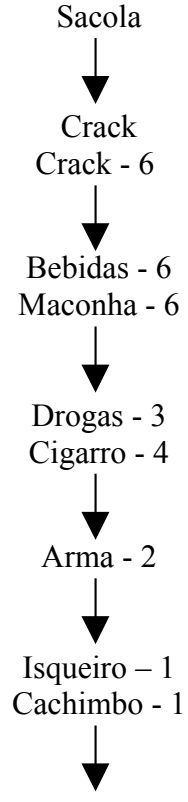
2. Pedra, maconha, bebida, armas, cachimbo;

Número de observações: 7

Frequência: Bebidas: 6; Maconha: 6; Crack: 6; Cigarro: 4; Arma: 2; Drogas: 2; Isqueiro; 1; Cachimbo 1; Diário: 1; Pente: 1; Munição: 1; Cocaína: 1.

Fonte: organização própria

Figura 3. Mapa Mental dos Signos Representados Sobre o Crack



Pente/ Munição / Cocaína - 1

Fonte: Organização própria

A rede de relações entre o geral e o específico associadas ao crack na escola, foi observada, a partir da distribuição de frequência das associações orientadas, enquanto objeto de representação. Nesse sentido, pode ser visualizada pela distribuição de frequência exposta como um esquema de mapa mental na Figura 3, pode-se observar, como no Quadros 1, que as bebidas e a maconha estão diretamente relacionados, bem como o cigarro e as armas são também correspondentes. Além de aparecerem no universo observado, esses signos, marcam a objetivação também de "acessórios" ao objeto de representação, nesse caso, destacam-se dois utensílios de uso básicos para o consumo de crack, o isqueiro e o cachimbo, bem como, outros signos como um pente, munição e cocaína, de modo que as outras drogas aparecem de forma mais associada ao núcleo da representação do crack e armas e munição parecem estarem ancoradas a partir de processos mais periféricos.

Desse resultado, pode-se ter então, uma imagem, ou seja, uma percepção externa, a partir do olhar de quem estava pesquisando e agora escrevendo para possibilitar também, outros olhares às representações do crack, por parte dos leitores desta dissertação. Esse processo de percepções e associações, indica a existência de um processo de ancoragem. A partir da análise dos signos e símbolos representados, o número de frequência da imagem bebida e da imagem maconha foram ambas associadas, com 6 ocorrências, de um universo de 7. No conjunto de dados observados, temos então, outras drogas diretamente representadas e relacionadas com signos da violência como armas e munição.

Quadro 2. Respostas às Perguntas: Quem você imagina que perdeu a sacola? Como achas que era a pessoa que perdeu a sacola?

3. Fugindo da polícia
3. Podia ser um usuário mais podia seu uma Boa pessoa
3. Um aluno. drogada

3. Um drogado, a pessoa eu acho que estava suja, sem tomar banho, sem escovar os dentes e andando de pé-descalço.

3. Um traficante era branco, olhos vermelhos era meio loco.

3. Uma pessoa drogada e abobada por perder a sacola.

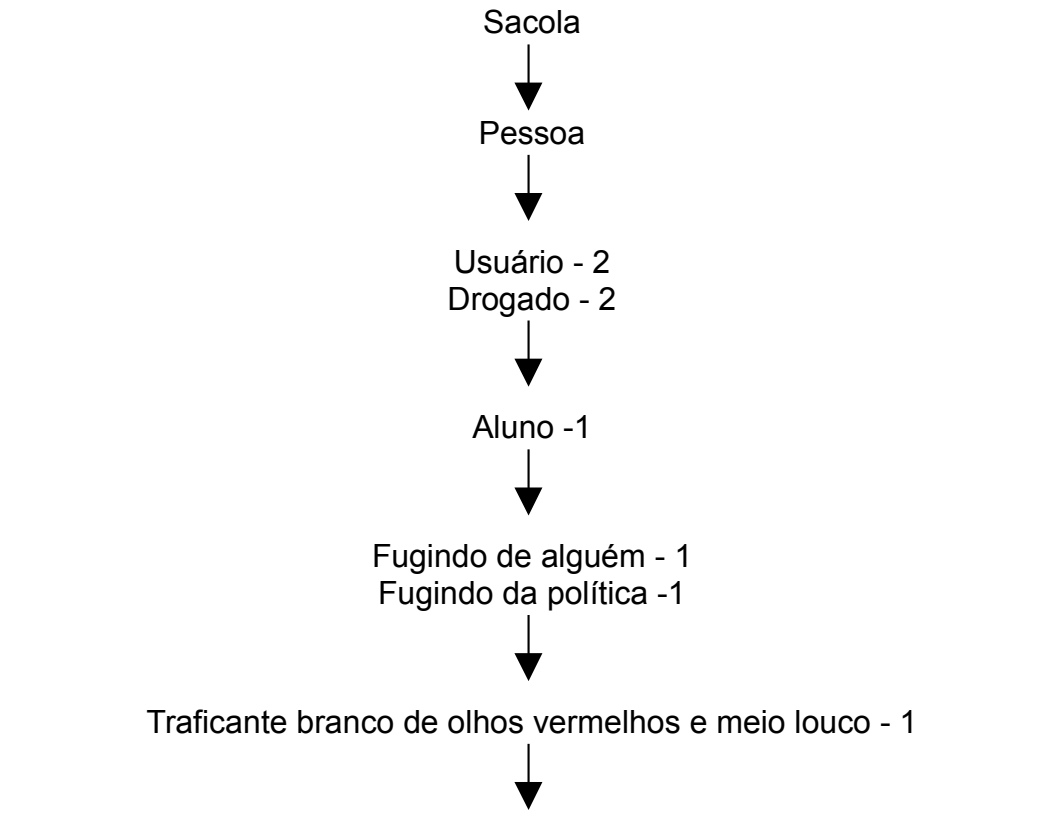
3. Eu acho que foi algum usuário de CRACK fugindo de alguém deve de ter deixado cair, ou alguém achou e olhou dentro viu aquelas coisas horríveis largou no mesmo lugar.

Número de observações: 7

Frequência: Usuário: 2; Drogado: 2; Em fuga da polícia e de alguém: 2; Aluno: 1; Pessoa suja, sem tomar banho, sem escovar os dentes, pés-descalços: 1; Traficante branco de olhos vermelhos e meio louco: 1.

Fonte: organização própria

Figura 4. Mapa Mental dos Signos Representados Sobre o Quem Perdeu Uma Sacola com Crack Na Escola



Fonte: Organização própria

O enunciado da questão tabulada no Quadro 2 dizia: Quem você imagina que perdeu a sacola? Como achas que era a pessoa que perdeu a sacola? Tal enunciado teve como produto, as objetivações sobre um sujeito ausente, utilizado com finalidade de despertar a *poiésis* e a *mimésis* do sujeito representante. Nesse caso, pôde-se observar que os resultados apontam para objetivações e ancoragens sobre o sujeito que não é estereotipado, enquanto um traficante, mas a objetivação demonstra ancoragens sobre uma imagem de usuário e de drogado, podendo ser uma aluno ou um traficante. A objetivação de uma pessoa suja em degeneração também é presente, mas destaca-se a objetivação do signo da fuga. A fuga aparece em duas situações, à fuga da polícia e a fuga de alguém.

Quadro 3. Respostas a Pergunta: O que é que quem perdeu a sacola ia fazer com as coisas que estavam dentro?

4. Ia usar as drogas
4. Eu acho que ia vender
4. Ia usar ou vender
4. Ia vender (traficar)
4. Uma pessoa que fuma e iria vender as coisas ou se não iria fumar até o fim.
4. Usar ou vender.
4. Vender e roubar

Número de observações: 7
Frequência: Usar (3); Vender (6); Roubar (1); traficar (1); iria fumar até o fim (1).

Fonte: organização própria

Sobre as objetivações das respostas ao enunciado: O que é que quem perdeu a sacola ia fazer com as coisas que estavam dentro? A distribuição de frequência do Quadro 3, aponta para um processo de ancoragem, o qual foi objetivado e ocorreu, a partir da presença e da *mimésis* de signos de uso, venda e roubo, onde a relação de

associação e representação mais direta é entre usar e vender, seguida de traficar, roubar e fumar.

Quadro 4. Resposta à Pergunta: Achas que a Fulana e o Fulano contaram a alguém que encontraram a sacola? Se sim, a quem eles contaram?

5. Contaram, as suas mães.

5. Não

5. Não, por que as crianças querem sempre provar, são curiosas.

5. Não porque se não eles iriam estar pensando não, não vamos contar, senão não vamos mais fumar.

5. Sim, a polícia.

5. Sim, as seus amigos ou colegas de aula.

5. Sim, contaria que acharam uma sacola.

Número de observações: 7

Frequência: Sim: 3; Não: 3; Mães: 1; Amigos: 1; Colegas: 1; Polícia: 1.

Fonte: organização própria

Mesmo apesar de ser uma amostra pequena, os resultados demonstram que há posicionamentos contraditórios, como partes internas e ideológicas das representações representadas. No grupo da pesquisa, a escola não foi mencionada, com exceção dos colegas de aula, pois, as imagens estavam objetivadas na figura da mãe, dos amigos, dos colegas e da polícia.

Quadro 5. Resposta à Pergunta: O que farias se você tivesse encontrado a sacola?

6. Contaria a mãe

6. Contaria para a minha mãe

6. Levava à sacola a direção da escola

6. Olharia dentro se visse drogas largaria no mesmo lugar e iria embora.

6. Teria pegado e levado para meus pais

6. Diria que achei varias coisas

6. Eu teria jogado na lixeira ou senão eu daria para a polícia

Número de observações: 7

Frequência: Contaria a mãe (2); A direção da escola (1); Para os pais (1); Diria que achei várias coisas (1); jogaria na lixeira: (1); Levaria para a polícia: (1); Olharia dentro: (1); Largaria no mesmo lugar: (1); iria embora: (1).

Fonte: organização própria

Nos Quadros 4 e 5, podemos observar que a distribuição das respostas e as imagens associadas as perguntas do enunciado, em relação a achar crack na escolae a tomada de decisão, tal conjunto de imagens, levou-me a perceber a presença de uma objetivação das relações de trocas diretas de informações sobre o crack e vínculos afetivos de confiança. De modo que apareceu uma rede de relações entre amigos, colegas, família e principalmente a mãe, e diante de um conjunto de sete, apenas um estudante relacionou o cenário da escola com atores e espaços, objetivando a imagem da diretora, escrevendo que contaria a diretora. Evidenciou-se que as figuras representativas do espaço escolar estão ausentes e presentes, estão de modo periférico as representações do grupo.

Quadro 6. Resposta à Pergunta: Você contaria a alguém que tinha encontrado a sacola? A Quem? Por quê?

7. Contaria a policia;
7. Contaria a minha mãe, pois ela saberia o que fazer;
7. Eu falaria para meus pais;
7. Sim, a diretora, porque eu seria consciente;
7. Sim, pra meus amigos;
7. Sim, a mãe dessa pessoa porque isso é um desperdício ficar fumando enquanto pode estar com sua família em paz e harmonia;
7. Sim, para a minha mãe, ah por que eu sempre conto tudo a ela e sempre me dá conselhos.

Número de observações: 7
Frequência: Mãe: 3; Amigos; 1; Diretora: 1; Pais: 1; Polícia: 1: Família1.

Fonte: organização própria

O Quadro 6 é a tabulação do enunciado: Resposta à Pergunta: Achas que a Fulana e o Fulano contaram a alguém que encontraram a sacola? Se sim, a quem eles contaram? A objetivação das representações sobre esse enunciado tiveram resultados signos de afirmativos e negativos, sendo que a ancoragem, a partir da objetivação do signo mãe e a do policial, enquanto figuras de autoridade.

Todavia, o signo da mãe apareceu tanto nos enunciados do Quadro 4 como no enunciado do Quadro 5 e no Quadro 6, demonstrado que o signo mãe, faz parte do núcleo central e da ancoragem das representações sociais e dos significados em relação ao crack. Em ambos os quadros, pode-se perceber a importância da imagem da mãe em relação ao crack e as drogas, bem como, suas ausências, e os outros signos que são correlatos, como o signo do policial e o da diretora da escola. Todavia, é interessante notar que a figura do professor ou da professora não teve nenhuma objetivação como estímulo da enunciação e dos enunciados do questionário.

Quadro 7. Resposta à Pergunta: O que é falado sobre o crack na escola?

8. Muito

8. Que o crack é muito ruim;

8. Que o crack prejudica a saúde mata mais rápido vicia;

8. Que o crack é muito ruim e prejudica a quem fuma ou usa;

8. Que o crack é ruim e estraga a vida

8. Que uma coisa horrível, que destrói famílias, que você se destrói, não só fisicamente, mas sim a própria liberdade;

8. Que não leva ninguém a nada, só a morte.

Número de observações: 7

Frequência: Ruim: 3; Prejudica: 3; Mata: 2; Vicia: 1; Leva a morte: 1; Estraga a vida: 1; Uma coisa horrível: 1; Destrói: 1.

Fonte: organização própria

Contudo, as objetivações se materializam em processos de ancoragens, pois estes transformam um imaginário distante em próximo, articulando informação e imagem, para possibilitar uma objetivação. Por exemplo, os posicionamentos em relação aos sujeitos usuários consumidores na escola, quanto identificados como crianças, há uma maior identificação e um silêncio em relação a falar ou contar sobre a presença do

crack na escola, o Fulano e Fulana são identificados como identidades externas à escola, ou relacionados e imagens de degeneração ou a do traficante, tende-se a falar para a mãe ou para um policial ou ainda, para a diretora da escola.

Tendo em vista o conjunto de imagens relacionados ao universo de representação dos estudantes em relação ao crack, a análise do questionário possibilitou um mapeamento geral das representações sociais do crack em escolares, a partir dos dados e do referencial teórico a compreensão das representações sociais do crack deveriam ser observadas em seus processos de ancoragem e objetivação, para a partir destes, inferir sobre os movimentos gerais e específicos. Então, também a identificação de núcleos de ancoragens e de funções de resistências, a partir desse procedimento metodológico, apontam caminhos para processos de ressignificação e contrução contínua das representações mediante os movimentos da *práxis*.

Nesse sentido, utilizando as leis da dialética: tudo se relaciona; tudo se transforma (LEFÉBVRE, 1979), é possível perceber que as objetivações representadas, enquento imagens objetivadas, todas se relacionam com o objeto de representação, o crack, o qual foi subjetiva e objetivamente colocado como foco para ser representado em uma situação imaginária dentro da escola. A partir desse procedimento de análise, foi possível perceber foi que há relações de transformação qualitativa entre as objetivações.

A lógica da objetivação das representações sociais do crack na escola permite inferir, por meio de dados coletados e tabulados, que o crack esta diretamente associado a imagens de negatividade e de degeneração social, bem como as imagens tendem a ser mais relacionadas no momento da objetivação a signos com informações a cerca de propriedades do crack, como capacidade de vício rápido e alto grau de dependência. Os signos da violência, como arma e munição, são partes constitutivas e importantes do que foi representado.

A abordagem permite perceber e conceber como as representações são objetivadas, permitindo ver linhas no devir, a partir do entendimento das representações sociais, enquanto um conhecimento prático do cotidiano dos estudantes, porém, deixa de possibilitar um olhar sobre como as representações sociais produzem representações sobre o crack. Por isso, a partir dos dados da segunda saída de campo, as representações sociais são analisadas através da contribuição de Henri Lefèbvre e do entendimento sobre a ordem do discurso sobre a droga. Nessa subseção, foi possível ver marcas e indícios da ação de paradigmas discursivos, mas a suas presenças são marcas de objetivação, o que dificulta vê-los em atuação.

3.4 Análise das Representações do Crack da Segunda Saída de Campo

Diante das limitações da primeira saída de campo, parto para a segunda saída de campo, de modo diferenciado. Para analisar os processos de ancoragem das representações do segundo grupo, foi montado um grupo de estudantes para a realização de Oficinas de Teatro, agora, se tratando de 13 crianças moradoras do bairro Navegantes, no município de Rio Grande, do qual fizeram parte do grupo focal, especialmente criado para essa pesquisa. A pesquisa analisou, a (de)gravação das encenações, enquanto obras enclausuras no registro áudio visual, encenações essas, criadas e interpretadas pelos estudantes, e teve como temática, o crack.

Ao longo das atividades, foram realizadas oficinas de teatro, encenações e montagem da história presente no questionário. O uso da representação teatral para a análise das representações foi sugerido na banca de qualificação. Mas, em um primeiro momento, foi colocado como de difícil realização devido ao tempo hábil, entretanto, ao longo da trajetória da pesquisa a opção se tornou fundamental na busca de investigar as questões chaves, pois somente o questionário deixou de dar conta das perguntas de investigação, necessitando de alternativas metodológicas plausíveis. E só foi possível de ser realizada, devido a ajuda das instituições apoiadoras da presente pesquisa, ONG Mãos Unidas Pela Vida e a Associação Comunidade Teatral cena Alternativa.

A busca por uma análise dialética, em um primeiro momento também não tinha se tornado possível para os dados do questionário, porém, concebendo que as oficinas de teatro seriam de extrema importância para uma análise discursiva além da objetivação, podendo a partir da representação discursiva, da relação entre discurso e imagem (fala e ação física), para então, analisar o processo da formação das representações sociais observadas. De modo que pretendia enxergar a tese, a antítese e a síntese de uma representação social sobre o crack, para assim, perceber seu processo de totalização, logo, seus movimentos constituintes.

A estratégia alternativa foi a de buscar instituições parceiras para a organização de um grupo focal, em ambiente de vizinhança comum aos estudantes, e, onde o crack fosse presente no cotidiano vivido do lugar[32]. Com esse grupo organizado,

[32] Vizinhos relatam que as crianças e os adolescentes do bairro gostam de “brincar de teatro”, encenando o seu cotiano, inclusive “Brincando de XW”, onde um cria a história e os outros interpretam, fazendo de conta que são o traficante do local, os usuários das drogas que ali frequentam e a polícia ou os “cinzinhas” (guardas municipais de segurança e de trânsito). XW é obviamente é um apelido fictício para o traficante local.

foram realizadas oficinas de teatro, atividades do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e alguns elementos da abordagem psicodramática voltada para o teatro educação, pensadas a partir de J. Moreno e da Socionomia.

Com essa estratégia, tornou-se possível a montagem de algumas pequenas esquetes sobre a temática drogas e drogas na escola, onde os estudantes revelaram possuir grande conhecimento sobre o cotidiano das drogas. Diante de um clima tranquilo e terapêutico, por consequência das atividades de Teatro Educação, psicodramas e uso de músicas, nos momentos que se sucedem os exercícios de relaxamento, levou os estudantes, quando indagados pela temática drogas a relatarem com naturalidade e espontaneidade uso entre seus familiares. Todos conheciam um pouco da história de vida particular de cada um, por compartilharem a mesma vizinhança, as histórias eram reais e falavam sobre coisas e fatos marcantes sobre o crack que aconteceram no local onde moram.

Durante as atividades da segunda saída de campo, se manteve uma média de treze estudantes presentes por dia de oficina, dentre estes, foram se auto subdividindo em pequenos grupos (4 a 6 membros), por relações de afinidades (as quais já traziam da vizinhança), e assim foram montadas encenações sobre a temática crack, a qual foi sendo problematizada. A produção de artefatos de encenações teatrais foi no total de seis esquetes sobre a temática crack, registradas em mídia audiovisual, sendo uma especificamente para a relação crack e a escola, e outra sobre a história do perder e achar uma sacola com crack, a mesma questão proposta no questionário utilizado na primeira saída de campo.

3.5 Rodas de Conversa da Segunda Saída de Campo

Na segunda saída de campo foi feito o uso da roda de conversa, só que nesta abordagem, a roda foi a estrutura central da comunicação, ao longo das oficinas, sempre antes e depois de iniciar uma atividade, era feito uma roda de conversa, portanto, grande parte dessas conversas, também foram registradas em áudio visual, todavia, não a totalidade devido à quantidade de horas (entorno de 3 horas/ dia). Entre as conversas, as crianças e jovens foram indagadas quanto o que são drogas, a fim de suscitar diálogos, discursos e representações sobre o objeto droga. Nesse sentido, o falar e o deixar falar sobre droga, já tinha sido planejado, para poder trabalhar mais a frente em outro dia de atividade, o tema crack. Nas rodas de conversas foi possível perceber que as crianças (idades entre 8 e 10) tinham dificuldades de compreender o que é droga e a

diferença entre droga lícita e droga ilícita, que medicamentos também são drogas e que cerveja é álcool, que álcool é droga e que cerveja também é droga.

Ao analisar o material coletado, foi possível perceber em muitas ocasiões, ao longo dos diálogos entre os estudantes, a dissociação entre as imagens representadas, o objeto crack e as representações mais amplas associadas as drogas. Os sentidos e significados das palavras, nos contextos de enunciação, parecem passar por objetivações, em que o objeto droga parece operar independentemente do sujeito, pois os estudantes falam muito entre si sobre drogas, mas não conseguem diferenciá-las em seus discursos, nem mesmo diferenciar objetivamente os efeitos de cada tipo de droga, quando indagados.

Por exemplo, quando perguntei o que é droga, tive uma resposta audível "droga mata" e "droga faz mal", ocorria a livre associação a um símbolo e a um enunciado, onde a resposta ao invés de um enunciado lógico coerente, parecia uma associação de imagens objetivadas e ancoradas, como se o objeto de representação tivesse “vida própria”, um núcleo de sentimentos, de medos, expressões de repressões e controles. As mesmas crianças que responderam a pergunta com a expressão “droga mata”, “diga não as drogas” e “droga faz mal”, não conseguiam, através de suas falas definir uma noção de droga, diferenciar drogas licitas e ilícitas.

Além de expressões com sentido fechado, ocorrem perguntas como a feita por um dos jovens: “- Oh tia, cerveja e álcool são droga?” Outras disparam relatos, como os de uma menina: “- Meu pai bebe [...]. Ele fuma maconha, maconha dá fome e sono”. No decorrer do diálogo ela ainda complementa: “- Meu pai, às vezes, fuma pedra”. E mais adiante relata: “- Uma amiga minha fuma maconha”. E ainda diz: “- Meu pai me dá bastante de doce quando ele fuma maconha, eu prefiro que ele fume maconha”

A roda de conversa se estende e uma menina comenta: "-O meu tio não fuma, nem bebe, é por que ele é doente". Aqui o fato do usuário de drogas aparecerem depois, na esquete 1 como um doente, conforme veremos a seguir, tem significado invertido, pois uma pessoa não usa drogas por que ela é doente. Temos uma tese no discurso de uma menina e a sua antítese, no discurso do grupo de meninas.

Na roda de conversa sobre as encenações, quando questionados sobre a quem as crianças e os jovens contariam se achassem a sacola com crack, foi confirmado a centralidade da mãe, resultado também encontrado em outras pesquisas sobre representações sociais da droga em estudantes. Mas, houve também aqueles que disseram que jogariam fora e não contariam para ninguém e um menino que disse que

chamaria a polícia. Contudo, os que contariam a mãe depois de alguns minutos, resolveram mudar de ideia, dizendo que venderiam as drogas.

3.6 Esquetes Teatrais e Representações Sociais do Crack

Aqui mostro um pouco do relato das histórias encenadas pelos estudantes sobre o tema crack. Essas, por sua vez, foram concebidas, de modo coletivo e com muito pouco tempo para a elaboração (10-20 min), favorecendo a criação espontânea e coletiva, ao mesmo momento que possibilitando um tempo e um espaço o qual antecede a encenação, momento no qual se estabelecem os acordos e as escolhas sobre o que vai ser apresentado. Sendo em seguida, também observado, brincadeiras de teatro onde os estudantes imitavam pessoas da vizinhança e os acontecimentos extra cotidianos em relação às drogas do lugar em que vivem.

As oficinas de teatro suscitaram diversas representações cheias de discursos, possibilitando uma observação do processo de ancoragem e do drama, além das figurações, enquanto objetivação. A narração, através da encenação e da criação espontânea, permitiu uma riqueza de análises provenientes das contribuições de Henri Lefèbvre, pois as presenças, as ausências, os discursos, a *poiésis* e a *mimésis,* atravessam e constituem o processo da encenação teatral.

Todavia, as encenações quando enclausuradas, no caso do registro, permitem que sejam (de)gravadas, (re)vistas, (re)pensadas e (des)construídas, sobre outros olhares. Assim, foi possível, a partir do registro audiovisual, perceber que se trata de representações coletivas, as quais possuem unidades com a totalização dos discursos e representações sobre o crack, mas, também há conflitos e buscas de superação cheias de esperança.

As encenações criadas, ao serem registradas, se tornaram produto materializado na forma de uma obra, a qual a partir das contribuições de Serge Moscovici e Henri Lefèbvre passaram a ser passiveis de análise. As encenações colocaram em movimento posicionamentos éticos e ancoragens objetivadas (estética), atravessadas por estereótipos e estruturas.

O primeiro dia de oficinas tive o intuito de estabelecer valores de respeito mútuo, para a convivência harmônica, além de ensinar noções de termos semânticos teatrais, tais como: coxia, boca de cena, camarim, os três sinais antes da cena (batidas de Mollière). No segundo dia, houve um debate sobre drogas, onde os estudantes foram livremente falando o que suscitava em suas memórias e representações, não tiveram

influência direta do pesquisador, pois o mesmo só respondeu as perguntas feitas e sobre o que é droga e o que não é. Saliento que saber que remédio é droga e faz bem e que cerveja é droga, chocou alguns dos jovens, nesse dia, também foi explicado algumas noções cênicas, como projetar a voz e não gritar, não ficar de costas para a plateia, falar um de cada vez e definir o foco da cena, como consequência, as três primeiras esquetes foram obras desse dia.

No terceiro dia, ocorreu a criação de mais duas esquetes, além de relaxamento, rodas de conversa, e jogos dramáticos, no quarto dia houve relaxamento, psicodrama e teatro do oprimido, no quinto houve jogos dramáticos, a montagem da esquete sobre a história induzida para a mesma história do questionário (Anexo 1), além de uma longa roda de conversa, e no sexto dia, as atividades foram jogos dramáticos e jogos teatrais.

3.6.1 Encenação 1

A primeira esquete (de)gravada é apresentada para exemplo das análises detalhadas no Quadro 8, foi uma esquete representada por um grupo de meninas, um drama de família onde a clínica de recuperação foi apresentada como uma solução do problema crack. A história representada narrou uma família que descobre que a filha é usuária de crack, a mãe e a irmã resolvem imediatamente interná-la em um clínica de recuperação. As representações mostraram que a usuária passou para uma condição patológica (doente), a qual deveria ficar deitada, esperando até que o médico desse alta, entretanto, o médico não aparece em cena e a alta que o médico daria é dita pela mãe acompanhada dos familiares em uma visita, todas se abraçam e se dão as mãos, de mãos dadas e voltadas para a plateia, falam juntas a frase: "Crack nem Pensar", *slogan* da campanha do Grupo RBS.

Quadro 8. Esquete 1 – Exemplo de Representações do Poder Matriarcal

Sinopse: A encenação apresenta um drama de família onde uma das filhas é flagrada usando crack. Como solução para a desordem instituída, a família recorre a uma clínica, para qual a filha usuária de crack é levada. Após um tempo, ela retorna e todos se abraçam e dizem: Crack nem pensar!

Personagens: a mãe; a filha; a irmã; uma moça.

(De)gravação

No lado direito do palco, sentadas, a mãe e a filha menor, a mãe está com um caderno em suas mãos e ensina a filha menor a ler. No outro lado, a filha mais velha está sentada. Uma moça bate na porta a menina faz o som de toctoctoc com a boca.

A mãe levanta e diz:

-Já vai! A

mãe abre a porta.

A moça diz:

- Eu preciso falar com a Maria[33].

A mãe diz:

- Ela está lá no seu quarto.

As duas se dirigem ao o outro lado do palco.

A criança menor permanece olhando o caderno, quieta sentada no canto direito.

A Maria levanta.

A moça bate em uma porta imaginária (novamente faz o som toctoctoc com a boca).

A Maria abre a porta.

As outras duas atravessam a porta. A mãe olha para a filha e diz:

- O que você estava fazendo?

A filha Maria:

- Nada.

Maria leva a mão no nariz.

A mãe pega objetos no chão (cachimbo de sacolinha feito por eles e pedaços de sacola plástica), e fica olhando para a filha.

Fica um barulho indecifrável, pois as três falam juntas.

Até que a mãe diz:

-Vamos levá-la para uma clínica.

A mãe e a moça pegam a Maria pelo braço e a levam para o fundo central do palco e a deitam.

A menina que interpreta a moça diz:

-Depois dê um tempo.

Silêncio. Somente com a filha criança em cena, acontece uma pequena pausa até que a moça e a mãe entram em cena.

A mãe diz:

Hoje é dia de visitar Maria.

A mãe e a moça pegam a filha pequena que está sentada no fundo do lado direito do palco. As três vão em direção a Maria, no fundo central do palco.

A mãe, a moça e a filha menor se abaixam e a mãe fala:

- o médico falou que tu já pode ir pra casa.

Maria:

[33] Todos os nomes usados nessa pesquisa são fictícios.

-Heeeeeee!

A moça, a mãe e a Maria se abraçam juntas.

A filha menor também é colocada no abraço coletivo.

As meninas dão as mãos, caminham para o centro frente do palco e dizem:

-Crack nem Pensar.

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 8 é possível acompanhar as ações e o discurso teatral utilizado na encenação de um drama familiar, onde uma jovem, usuária de crack é representada como uma pessoa sujeita a intervenção familiar e médica. Na cena, é possível analisar o processo, as atitudes em relação ao crack.

A partir da narrativa, foi feita então, a análise dividida em: a dialética da natureza das coisas; dialética da história; dialética do conhecimento. Na apresentação da cena do Quadro 8, a dialética da natureza diz respeito à lógica da relação do fenômeno analisado: esquetes teatrais registradas em forma, discurso e movimento através do áudio visual. A dialética histórica representada, situa os atores representantes, enquanto estudantes de um lugar em condições de alta vulnerabilidade social, bem como possuindo vivências cotidianas com o crack. Em relação a dialética do conhecimento da encenação, parte-se de uma ausência total, o silêncio, o espaço vazio, os atores ocupam o espaço, realizando suas encenações, através da sucessão de atitude, imagens e discursos. Um problema é apresentado, e um cachimbo é achado, assim a ordem é desestabilizada, tem-se então, uma peripécia, e como solução para o problema e para a desordem da família, é apresentada a clínica, a qual é representada como imagem e representação de potência de restauração da ordem, através da autoridade médica, sendo representada como uma solução e uma invocação.

Nesse sentido percebe-se o movimento da ancoragem e objetivação, as atitudes e imagens sucessivas representam uma enunciação intervencionista, é possível identificar que as atitudes dos personagens e as objetivações, estes, criam através das atitudes em cena, o qual cria imagens que demonstram a objetivação e a ancoragem.

> “No lado direito do palco, sentadas, a mãe e a filha menor, a mãe está com um caderno em suas mãos e ensina a filha menor a ler.”

Na cena os personagens tomam as atitudes de irem para o lado do palco, ficando a mãe sentada com a filha menor, a imagem então criada é de uma mãe

ensinando a filha, a qual segura um caderno, portanto, a mãe encontra-se em cena numa relação de imagens que representam uma relação de troca de informação e de conhecimento. Logo, para suscitarem nas encenações as imagens vistas na (de)gravação, foram necessárias as atitudes e a ancoragem, a qual possibilitou a objetivação, diante das atitudes e imagens criadas, pode-se então analisar, no sentido de entender como se realizam as representações sociais sobre o crack.

As objetivações das representações sociais sobre o crack na escola, quando cruzadas com as encenações de cada cena, podem ser observadas no texto degravado enquanto signos. Todavia, atitude, ancoragem e objetivação, eram partes das encenações, agora, são simulacros, os quais estão aqui sendo estudados. No ato das encenações, nas atitudes dos atores e nas imagens representadas, a ancoragem e a objetivação são articuladas às representações criadas e utilizadas, e isso permite ver, como se formam as representações, sendo possível perceber que são relações entre o vivido, a experiência do agenciamento das subjetividades que a partir de enunciados da mídia, se tornam potência das representações.

Pode ser observado nas esquetes teatrais, que através das atitudes dos atores, estes criam imagens para representarem a ancoragem e a objetivação em movimento. Podemos ver imagens sendo ancorados e objetivadas na função enunciativa da encenação. Entretanto, como ver e como falar? Utilizando as categorias: representante, representado; universo consensual; universo científico; ancoragem; objetivação; atitude; imagem; *poiésis; mimésis;* e obra.

Como função enunciativa da encenação entende-se a relação entre o enunciado do problema e o enunciado da solução da esquete, no caso da esquete do Quadro 8, o enunciado do problema foi a atitude da mãe em achar e a imagem que mostra para todos o cachimbo, enquanto olha para a filha. A relação com o enunciado subsequente foi de solução, sendo: "- Vamos levá-la pra clínica". Com o uso da representação da clínica em relação ao crack e ao usuário na família, abri-se caminho para as representações, atitudes e imagens intervencionistas, como vemos no enunciado: - Vamos levá-la para a clínica, que anuncia uma atitude intervencionista.

Na primeira cena da esquete do Quadro 8, temos uma imagem e um signo da figura da mãe, a qual aparece em relação com a figura da filha, ambas ligadas por uma relação de ensino e aprendizagem, mediadas pela imagem de um caderno. Então, lembrei que nas análises anteriores, o signo mãe estava articulado com relações sobre informação e confiança.

A Maria abre a porta.
As outras duas atravessam a porta.
A mãe olha para a filha e diz:
- O que você estava fazendo?
Maria:
- Nada.
Maria leva a mão no nariz.

Quando Maria abre a porta, podemos observar nesta cena a atitude da mãe em relação à filha, representando uma imagem de flagrante da filha quase fumando crack e uma mentira da filha em resposta ao questionamento sobre o que estaria fazendo. Logo em seguida, a mãe tem a atitude de achar um cachimbo e ficar olhando para a filha, criando uma imagem de flagrante e, desta forma, é criada uma imagem de confusão, e um estado de desordem representado.

Nas análises das objetivações das representações do material coletado tanto nessa esquete, como através do questionário aplicado ao primeiro grupo, o signo cachimbo aparece diretamente associado ao crack, todavia, entre sete observações do primeiro grupo, apareceu somente uma vez. Mas, nesta cena, a imagem do cachimbo apesar de ter sido desenhado e citado somente uma vez como uma das coisas que havia dentro da sacola perdida na escola com crack dentro, sendo que nesta esquete o crack é uma ausência no discurso teatral, todavia, é uma presença através do que é representado pelo cachimbo. Portanto, deixa-se de se falar ou de se criar uma imagem para o crack, e passa-se a utilizar-se a imagem do cachimbo associada a uma série de atitudes.

É possível perceber, como produto do processo de representação teatral através da criação de uma esquete, onde, a partir do momento em quem se captura, enclausurando as encenações dos atores no registro áudio visual, tem-se uma obra complexa, com representações condensadas, todas observáveis em suas relações entre as partes, entre a totalização e entre os antagonismos internos.

Fica um barulho indecifrável, pois as três falam juntas. [desordem]
Até que a mãe diz:
-Vamos levá-la para uma clínica. [discurso clínico]

Na cena uma atitude da mãe acontece como consequência ao flagrante da cena anterior, todavia, essa atitude foi tomada depois de uma grande confusão, uma desorganização da cena e das coisas. A contradição entre o que fazer depois da imagem do cachimbo, de qual seria a atitude diante da ausência significadora, a qual antecedeu a

tomada de decisão, que na cena seguinte, a solução do problema foi representada como o uso do poder intervencionista da clínica, como uma forma de contradição interna adotada como meio para o reenquadramento do comportamento desviante.

Ocorrem imagens do signo de autoridade da mãe, usando o signo da autoridade da clínica sobre a liberdade da filha, para estabelecer novamente o estado de normalidade da família. Entre as coisas representadas sobre o crack pelos estudantes, está a potência do poder matriarcal em suas representações sociais.

> A mãe e a moça pegam a Maria pelo braço e a levam para o fundo central do palco e a deitam. [o espaço do corpo tem suas fronteiras rompidas pelos interventores]

Nesta cena tem-se uma atitude na forma de ação física, a qual cria uma imagem que mostra o poder de intervenção da família que tem sua atitude intervencionista realizada em conjunto, a partir do enunciado do discurso clínico intervencionista. Percebe-se que no enunciado: "– Vamos levá-la para a clínica", desencadeia de forma *poiética,* uma solução*,* mas também traz uma reprodução mimética dos signos da legitimação do exercício do poder sobre o corpo, a partir da representação da clínica, o espaço do corpo teve permissão para ser violado pela família, a qual retira a filha usuária de crack de casa e a leva para o tratamento.

Logo, depois de um tempo, as atitudes tomadas e as imagens criadas, fizeram uso de representações intervencionistas, na forma da representação da clínica, a filha usuária é "internada", sendo colocada deitada ao fundo do palco, a mãe volta a "ensinar" a filha menor a ler, até que a mãe enuncia que é dia de visita, a família tem a atitude de ir até a filha, utilizando nessa cena, a representação da autoridade médica, em uma atitude para devolver à liberdade a filha. Como pode ser observado no Quadro 8, próximo ao desfecho da história, acontece a objetivação de signos de união, força e família em sua ordem (re)estabelecida, na cena seguinte, mais uma vez, há imagens com signos de união, agora entre todos os personagens, os quais tomam a atitude de ir ao centro do palco e falar o enunciado: - Crack Nem Pensar. Nesta atitude, foi criada uma imagem coletiva, pode-se observar uma imagem que representa uma associação de forças em equilíbrio, a representação da clínica e a do médico são ausentes, apesar de terem sido a forma de solução encontrada para o problema crack. Todavia, como desfecho, a encenação foi finalizada com um enunciado performativo, o qual parece que atravessou todo o tempo a narrativa, pois foi uma ausência em cena, e uma presença contínua, pois o desfecho era uma atitude planejada para todos os personagens, uma

vez que a história, ao ser encenada, foi combinada anteriormente, não sendo portanto, produto de uma improvisação, mas sim, produto racional de um acordo de decisão coletiva.

Não é difícil perceber que a recuperação acontece e a clínica é vista como o local onde o doente se trata com um médico, o qual mesmo que ausente, tem o poder e o conhecimento para a cura. O discurso do especialista das Ciências da Saúde aparece, enquanto ausência, mas também presente, enquanto representação vazio de conteúdo, Porém, marcado pela atitude, além da imagem do exercício de poder sobre a usuária e também, enquanto forma de atuação do poder matriarcal. Todavia, fica aqui, em aberto, o porquê da ausência de imagens associadas à figura do pai no processo de criação e encenação das esquetes. Será a imagem patriarcal ausente? Se presente, que outras formas assumem?

Além de símbolos nitidamente masculinos, como armas e munição, tem-se também a própria figura e imagem do possuidor da droga enquanto usuário e/ou traficante, ou seja, o vendedor de drogas, associado basicamente a figuras masculinas. Mas quanto essas associações podem e são relacionados à figura e a representações patriarcais, a presente pesquisa não conseguiu avançar e responder.

Ainda sobre a análise do processo de totalização e construção das representações sobre o crack, o *slogan* da campanha promovida pelo o Grupo RBS é representado como um desfecho na esquete do Quadro 8 e em outras quatro também, demonstrando sua potência mimética junto às representações sociais do crack, relação a qual, não foi percebida no questionário aplicado na primeira saída de campo. O *slogan* enquanto enunciado performativo, parece ter poder de entrar no processo criativo e ser representado como *mimésis* de desfecho da função enunciativa da encenação.

Portanto, o performativo linguístico Crack Nem Pensar, é representado como a ancoragem de uma objetivação de síntese sobre o crack, e, não de relação de poder conflitiva, regulatória ou informativa, que possibilite um maior conhecimento sobre si e sobre o crack, de maneira que oportunize práticas e atitudes diante do crack, contribuindo com práticas que reduzam os riscos, tanto do tornar-se um usuário ocasional, usuário controlado, usuário frequente ou usuário dependente. Todavia, essa atitude é diretamente associada às informações circulantes nas mídias de massa, e sendo vinculada a um universo de imagens e representações estereotipadas, de maneira que fica difícil identificar as relações nucleares entre as representações sociais do crack e as representações da campanha Crack Nem Pensar.

O que foi observado é uma repetição mimética de síntese, demarcando a fronteira final das representações, ou seja, a parte mais externa. Mas também, representa uma imagem e uma objetivação de resumo, um ícone de acesso a tudo o que foi representado anteriormente, acredito que para seu entendimento, seja necessário maiores investigações e análises comparativas.

Todavia, a informação recebida da mídia, influência profundamente esses jovens, no sentido do poder de colocar em movimento *poiético* e *mimético* imagens, discursos e performativos, em suas representações, fazendo destes, partes das atitudes e imagens por eles criadas, às formas das representações e os enunciados, os quais se entrelaçam, ou seja, fazem relações por tese, antítese e síntese. Esses enunciados, logo, se constituem em representações a serem transformadas, em conta do drama representado pelos sujeitos das representações sociais do crack, neste caso, específico das representações do exercício do poder matriarcal por meio do poder intervencionista da clínica.

Contudo, acredito que ocorra uma ligação causal entre os significados: crack / doença e “crack nem pensar”, a qual é ancorada, a partir da relação medo/crack e das relações entre sentidos de anormalidade/patológico/normalidade. Na narrativa, vão se estabelecendo e assumem forte moção moralizadora, com ênfase em uma moral de erradicação das drogas, demonstrando que a articulação do paradigma intervencionistas com o paradigma proibicionista. O paradigma proibicionista acontece através da articulação com o exercício de poder com o núcleo familiar, o qual o invoca para (re)estabelecer um estado de ordem. A sagrada família, quando dessacralizada pela desordem da natureza, parece ser profanada, e ao ser desestabilizada em sua ordem, se abre para se reconfigurar até que se estabeleça uma nova ordem através de articulações de formas de exercício de poder de intervenção e da erradicação do crack.

Na campanha do Grupo RBS, a toxicodependência do crack é representada como uma doença e o usuário como um doente que deve ser tratado, que parece estar a margem das representações, quase que do lado de fora, todavia também, parece que o que está de fora, atravessa internamente as representações, como se saindo do nada e indo para lugar nenhum. Passa a ser como um signo ausente, que atravessa todas as representações, pois ele não está ancorado fixamente nas representações sobre o crack, mas sim, no objeto crack, enquanto uma imagem de representações sociais. É como se fizesse parte do próprio objeto de representação.

Também penso ser importante ressaltar que a campanha “Crack Nem Pensar”, do Grupo RBS, defende um posicionamento do paradigma de "erradicação das drogas" e o da "guerra contra as drogas", bases morais que nos contextos das práticas sociais cotidianas do vivido pelos jovens, se cristalizam como sentidos e significados contraditórios.

3.6.2 Encenação 2, 3, 4 e 5

A história da segunda esquete teatral tem como temática o tráfico e a recuperação na cadeia, foi criada e encenada por um subgrupo com seis meninos. A encenação conta a história de dois traficantes e mostra a hierarquia da droga. Em cena, um rapaz vende crack em uma esquina para usuários que vão até ali comprar a droga. Até que entra em cena o outro traficante, mas, o fornecedor acusa o rapaz de estar devendo.

Quadro 9. Esquete 2

Sinopse: Um rapaz vende drogas na esquina. Seu chefe chega e cobra à dívida do rapaz, O vendedor de drogas dá drogas para o fornecedor, e, nesse momento entra em cena um policial armado, os personagens correm, mas são presos. O policial também prende os usuários. Em seguida, um dos atores fala que sete anos se passaram. O traficante volta a vender drogas na esquina, o ex-fornecedor do traficante, entra novamente em cena e briga com os demais por usarem crack e fala que eles já estiveram presos e que a droga só os deixa sequelados. Os jovens dão as mãos e dizem: “Crack Nem Pensar.” E um menino ainda acrescenta: “Não Use Drogas!”

Personagens: o pequeno traficante, o vendedor de drogas, três usuários, policial.

(De)gravação

Um rapaz (Alberto) parado no fundo do palco.

Outro rapaz (Mateus) entra em cena e faz com as mãos como se estivesse dando algo imaginário para Alberto. Alberto, por sua vez, coloca algo imaginário nas mãos de Mateus e saí fumando um cachimbo de brinquedo (feito de sacola plástica).

Entra dois meninos.

Alberto tira novamente algo imaginário dos bolsos e coloca nas mãos dos meninos.

Entra outro rapaz, Diego, empurra os meninos e diz:

-Saí, saí, dá volta, saí.

Empurra Alberto e fala:

-Tu tá me devendo rapaz. Tu nunca me paga!

Alberto diz:

-Tatata, tu quer dinheiro ou o quê?

Diego diz:

-Que que deu?

Alberto mostra algo no bolso para Diego.

Diego diz:

-Olha aqui então, me dá sete. Te manera com isso aí.

Entra o policial:

- Tu tá preso traficante!

- Diego diz para o policial:

- Por que tu não faz a tua cara?

O policial prende Alberto e Diego.

Os dois meninos e Mateus também entram na confusão e são presos pelo policial.

Todos saem de cena.

Diego da coxia diz:

-Depois de quatro dias, ops, sete anos.

Todos entram em cena e ficam amontoados.

Alberto dá alguma coisa para os dois meninos.

Os dois meninos vão para o canto direito do palco.

Diego se aproxima dos meninos e diz:

-Vocês não tem que vender essa droga, essa droga mata.

-Tu acha que não? Tão tudo sequelado meu, de tanto usa drogas.

Meninos riem. Diego:

-Tu já saí da cadeia!

Meninos:-É.

Todos se amontoam no centro do palco.

Todos dão as mãos e dizem:

Crack Nem Pensar.

Diego: -Não Use Drogas.

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 9, mais uma vez, temos a presença de *slogans* representados em meio as atitudes e imagens criadas, trazendo uma representação da mídia, a qual demonstra uma relação espontânea, mas também repetitiva, da formação das representações sociais, marcadas pelo imbricamento entre *poiéses* e *mimésis* que atravessa a obra criativa e materializada em formas estéticas, morais, ideológicas e em conteúdos de sentidos e significados ancorados na representações sociais do crack.

A cadeia é colocada como o lugar que regenerou o traficante, o qual é representado como alguém que passou a alertar os outros que as drogas "sequelam". Também foi representado que a prisão não liberta do vício, pois os usuários continuaram

usando. O pequeno traficante, apenado, é representado como sem perspectiva fora do tráfico, o que o leva a voltar, entretanto o medo de voltar para a cadeia, a partir da opressão policial, faz com que todos saiam correndo e concordem com as representações do traficante e do usuário. Logo, foi possível perceber que as representações sobre o crack desse grupo, estavam muito atrelada as imagens do cotidiano vivido e em suas relações interpessoais na vizinhança, sendo a frase de maior efeito moral: "droga sequela".

O cotidiano das relações de comunicação do vivido na vizinhança foram marcadamente centralizadas nas imagens sobre vários usuários e o uso coletivo, e uma relação afetiva com o traficante, o qual é apresentado, como uma pessoa normal, com medo da polícia e viciada. Observou-se também que o subgrupo dos jovens, decidiram coletivamente finalizar com a mesma frase que o subgrupo das meninas, ou seja, decidiram pelo uso do performativo “Crack Nem Pensar”, acrescentando espontaneamente por um dos atores o slogan "Não Use Drogas".

Quadro 10. Esquete 3

Sinopse: A história é contada por um narrador. Conta à história de um usuário de drogas deste criança. A mãe do garoto usuário descobre e denúncia o traficante para a polícia. O traficante é preso e o usuário para de usar drogas e volta a trabalhar.

Personagens: narrador, um vendedor de drogas, um usuários, mãe, policial.

(De)gravação

Em cena, um rapaz fumando (com um graveto na boca). O narrador tenta se esconder, mas está em cena. O narrador conduz a interpretação dos demais personagens. O narrador diz:

-Pedro começou fumando um beck, quando criança. Ai um amigo dele... Ai um amigo dele ofereceu droga para ele e ele aceitou.

Entra em cena Paulo e cochicha com o Pedro.

Pedro continua fumando.

O narrador: - Ai o Pedro foi atrás do vendedor.

Entra Paulo com algo na mão que passa para Pedro. Narrador:

Ai a mãe dele descobriu e que ele tava fumando drogas.

Entra a mãe e diz:

-Meu filho, olha o que tu ta fazendo? Isso faz mal.

Pedro dá risada, muita risada, tem uma crise de risos.

O narrador fala, enquanto Pedro continua rindo:

Daí a mãe de Pedro resolveu chamar a polícia.
Paulo grita da coxia:
- Ai eu já tava vendendo por outros lados.
O narrador ri e diz:
-Daí a polícia prendeu o vendedor.
Paulo passa pelo palco e é preso pelo policial. Narrador:
- Daí Pedro parou de usar drogas e resolveu arrumar chinelos.
O narrador dá um chinelo para Pedro.
Paulo foge dá polícia e está correndo pelo palco.
Narrador: - Daí...
A confusão é instaurada, pois todos falam ao mesmo tempo. Narrador:
Vamos fazer de novo?
- Saem de cena.

Fonte: Elaboração própria

Por sua vez, o Quadro 10 refere-se à história da esquete 3, interpretada por cinco jovens, e conta a história de um rapaz que desde criança fumava maconha e depois partiu para outras drogas. A mãe descobriu que ele estava usando drogas e entrou em desespero, a mesma denunciou o fornecedor para a polícia e ele foi preso, sem ter aonde conseguir drogas, o jovem voltou a trabalhar. A história relaciona a recuperação do usuário com a prisão do traficante.

No Quadro 10, o traficante precisa ser preso, para que o rapaz pare de usar drogas e comece a trabalhar, isso deixa em ausência que ele usando drogas, não consegue trabalhar e de que com o fim do tráfico, haveria o fim do consumo. No final da história, como uma lição, suscita o ideal de uma vida sem drogas. Nessa esquete, (como em uma das respostas dos questionários) o traficante está fugindo da polícia, portanto, a droga aparece como um inimigo que precisa ser combatido. Saliento a frase do narrador:

> -Pedro começou fumando um beck, quando criança. Ai um amigo dele... Ai um amigo dele ofereceu droga para ele e ele aceitou.

Nessa frase aparece a palavra beck, apelido para o signo maconha, além da palavra droga, que pode ser entendida como algo posterior ao fato de fumar maconha. Então, maconha não é considerada droga? Contudo, o tema da história é drogas e o narrador diz que Pedro começou fumando beck desde criança, portanto, eles entendem que maconha é droga, mas o significante da palavra droga se atrela aos significados de drogas pesadas, como o crack. Notamos que os jovens entendem a redução de danos,

mas não a defendem em seus discursos, pois o fim da história e a moral contida na história se posicionam a favor da erradicação das drogas, entretanto, o que fica em aberto é se essa erradicação defendida é somente de uma vida sem drogas pesadas, ou se a maconha também faz parte desse ideal.

As três esquetes 1, 2 e 3 foram repetidas, mas os elementos centrais das narrativas não mudaram, apenas mais falas são acrescentadas e os jovens avançam no "faz-de-conta" de suas interpretações. Segundo Ingrid Koudela (1994), as encenações de "faz-de-conta" são aquelas em que as crianças sabem que estão mentindo e apenas fazem de conta que estão sendo um personagem ou que estão fazendo alguma coisa, já como uma evolução do brincar de "faz-de-conta", a criança passa a tornar real, ou seja, a realmente acreditar naquele personagem que interpreta e nas ações que realiza, ao ponto de chegar a fisicalizar, sentindo cheiros, gostos, até mesmo podendo ver alucinações ou entrar em estado auto-transe. Ambas as estratégias de atuação teatral, fazem parte do universo, do imaginário e da relação corpo/mente.

Quadro 11. Esquete 4

Sinopse: A história que consistiu em uma sala-de-aula onde a professora distribuiu pulseiras[34] da campanha Crack Nem Pensar junto com pirulitos. Não teve nenhum discurso presente, e nada sobre drogas foi explicado, apenas o *slogan* Crack Nem Pensar é frisado. No final da esquete, a professora também come um pirulito.

Personagens: a professora, 4 alunas.

(De)gravação

Em cena quatro meninas sentadas de frente para a plateia. A professora entra em cena com um chapéu na mão, e no interior deste haviam pulseiras da campanha, "Crack Nem Pensar" e pirulitos. Ela distribui um pirulito e uma pulseira para cada estudante, até que uma das meninas pergunta:

Mas quem sabe ler pra me dizer?

Um menino dá platéia responde:

-Eu. Que que é?

A professora diz:

[34] Os estudantes tinham a pulseirinha do "Crack Nem Pensar", pois eles souberam que a ONG Mãos Unidas pela Vida, parceira das oficinas, tinha recebido algumas pulseiras para doação, diante disso pediram as tais pulseiras no primeiro e no segundo dia de oficinas. No terceiro receberam a pulseirinha da presidente da ONG- MUPV.

- Essa é a pulseira do Crack Nem Pensar. Hum. É de borracha!
(olha para mim)
Por mim acabou.
A professora de faz de conta pega um pirulito e coloca na boca.
Ela olha para a plateia, olha para mim e faz sinal de acabou com as mãos e braços.
Todas fazem o mesmo sinal. Fim.

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 11, temos uma história elaborada e interpretada para a encenação com a temática do crack na escola, essa montagem, pode ser entendida como uma crítica e, ao mesmo tempo, como uma brincadeira e uma piada por parte dos jovens em relação a escola e principalmente ao professorado. Na encenação, os estudantes não atribuíram a eles nenhum discurso reificado, não atribuíram a presença de conteúdos, ficando muito mais ausências do que presenças. Tudo isso, representado através da narrativa e da encenação dramática, uma prática de reproduzir o discurso da mídia, sem adentrar na discussão sobre o crack ou sobre a origem e os efeitos indo além de uma abordagem sintomática.

Quadro 12. Esquete 5

Sinopse: Em cena estão às cinco meninas. Elas contam a história de duas moças que brigam por causa de droga.

Personagens: duas vendedoras de drogas, uma usuária, a mãe, uma menina.

(De)gravação

Temos em cena, no canto direito, Rebeca e Ruth com um plástico de sacola aberto e cheio de folhas verdes. Rebeca divide os folhas verdes em pedaços dentro do plástico enquanto Ruth observa. No lado esquerdo do palco Joana, Rosa e Olga estão em pé. Rebeca enrola com a mão pegando pedaços de folhas dentro de um pedaço de sacola plástica e diz:
-Cinco, dez.
Ruth demonstra com expressão facial que concorda sobre o que é dez e o que é cinco.
Enquanto isso Rosa e Olga brigam pegando uma os cabelos da outra. E Joana diz:
-Vocês não podem brigar por causa daquilo. Aquilo faz mal.
Rosa e Olga continuam a brigar. No outro lado Rebeca dá um nó em um pedaço de sacolas cheio de folhas verdes e diz:
-Aquela dali é de vinte e cinco, já era. (pega outro plástico e coloca a verde). É de 10.

Rosa e Olga continuam brigando. Rebeca e Ruth continuam a divisão da “droga”.
Joana consegue separar Rosa de Olga e exclama:
-Deu! Rosa vai para trás de Rebeca e Ruth.
Joana diz para Rosa:
-Você vai agora mesmo pedir desculpas para ela.
Rosa vai em direção a Olga. Joana vai junto.
Olga fala com Rebeca.
Rosa, Joana e Olga saem de cena.
Rebeca volta e senta ao lado de Ruth.
Rebeca diz:
-É muito boa essa aqui. Ruth:
-Vinte e cinco.
Rebeca faz que acende algo e diz para a Ruth:
-Tome.
Rebeca começa a rir. E diz para as outras meninas:
-Oh, toma o cachimbo.
Rosa entra com o seu cachimbo.
Joana entra e vê Rosa fumando e fala:
-Não quero vê tu fumando isso! Tu é louca guria? Não quero vê tu fumando isso.
Joana joga o cachimbo longe.
Rebeca se aproxima de Joana e Rosa.
Joana continua a dizer para a Rosa:
-Para com isso! Rebeca empurra Rosa.
Ruth vai correndo para perto das demais. Joana diz:
-Eu vou te levar para uma clínica. Joga esse crack fora, crack não presta.
E Rebeca diz:
-Mas ele vale dinheiro. Dinheiro!
Joana leva Rosa para um canto no fundo do palco e a deita. Joana diz:
-Isso aqui não presta (para o cachimbo na mão).
Rebeca pega a sacola cortada com muitas folhas verdes e diz:
-Isso aqui vale dinheiro.
Rosa foge correndo do fundo do palco (clínica imaginária) e vai em direção de Rebeca.
Rebeca grita:
-Ela fugiu!
Joana leva Rosa novamente para a clínica.
Rebeca fuma no cachimbo.
Olga e Joana vão na clínica visitar Rosa.
Rosa e Olga se batem.
No outro lado Rebeca coloca algo no caderno e faz-de-conta que cheira, enquanto Ruth observa.

Ruth e Rebeca cochicham algo e quando saem do palco exclamam:
-Dinheiro!
Olga e Joana ainda estão na clínica, enquanto Rosa dorme.
Rebeca entra em cena e diz:
-Ai acabou essa do crack.
Nesse momento Rosa volta dá clínica, abraça e pede desculpas à todas as meninas.
Elas fazem uma roda, pegam a pulseira do Crack Nem Pensar, abrem a roda, ficam de frente para a plateia e gritam:
-Crack Nem Pensar.

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 12, a clínica também é dada como a solução para o problema do vício do crack, entretanto, o tráfico é presente durante toda a história e permanece ali, pois como Rebeca conseguia crack pra fumar? O signo do dinheiro também está presente, portanto as meninas entendem que as drogas valem dinheiro, como uma presença latente, de compra e venda que se dilatam, expressa em frase como: isso vale dinheiro!

Joana continua a dizer para a Rosa:
-Para com isso! Rebeca empurra Rosa.
Ruth vai correndo para perto das demais. Joana diz:
-Eu vou te levar para uma clínica. Joga esse crack fora, crack não presta.
E Rebeca diz:
-Mas ele vale dinheiro. Dinheiro!
Joana leva Rosa para um canto no fundo do palco e a deita. Joana diz:
-Isso aqui não presta (para o cachimbo na mão).
Rebeca pega a sacola cortada com muitas folhas verdes e diz:
-Isso aqui vale dinheiro.
Rosa foge correndo do fundo do palco (clínica imaginária) e vai em direção de Rebeca.
Rebeca grita:
-Ela fugiu!
Joana leva Rosa novamente para a clínica.
Rebeca fuma no cachimbo.
Olga e Joana vão na clínica visitar Rosa.
Rosa e Olga se batem.
No outro lado Rebeca coloca algo no caderno e faz-de-conta que cheira, enquanto Ruth observa.
Ruth e Rebeca cochicham algo e quando saem do palco exclamam:
-Dinheiro!
Olga e Joana ainda estão na clínica, enquanto Rosa dorme.
Rebeca entra em cena e diz:
-Ai acabou essa do crack.
Nesse momento Rosa volta dá clínica, abraça e pede desculpas à todas as meninas.
Elas fazem uma roda, pegam a pulseira do Crack Nem Pensar, abrem a roda, ficam de frente para a plateia e gritam:
-Crack Nem Pensar.

A problematização em torno da relação violência, faz emergir imagens do apelo da família, evidencia-se uma linha conflitiva estruturada em torno da ideia de que crack não presta, mas vale dinheiro, o que é tensionada até o final da história, quando se tem uma solução mágica exclamada pela ida de Rebeca a boca de cena, falando: “Ai acabou essa de crack”. E em seguida, como expressão de ruptura radical e sequência da atitude do abandono do problema, todas as personagens juntas, recuperamo objeto de representação e invocam o *slogan* Crack Nem Pensar.

3.6.3 Encenação 6

A esquete referente ao Quadro 13, que veremos a seguir, foi criada e representada por 4 jovens. Dessa vez orientei os estudantes em seus processos de criação e de encenação, lendo a história hipotética aplicada em forma de questionário na primeira saída de campo. Todavia, os estudantes foram convidados a interpretar qual era para eles a sequência da história sobre o perder e o achar crack na escola.

O questionário foi lido e o tema foi intensamente debatido. Um menino ao ser indagado por mim sobre o que ele colocaria na sacola, afirmou: “-Ah cocaína!” Pergunto: - Só? O mesmo grita: “E, maconha! E baseado! E cigarros!” Outro menino achava que tinha armas. As meninas concordaram em colocar na sacola a cocaína, as armas, a maconha e os cigarros, além disso, uma menina fala: “-O fulano e a fulana acharam a droga (...) Ai a fulana roubou a bolsa e acharam cerveja”. A menina não colocou a cerveja na sacola, só contou essa história. Notamos que os signos cocaína, maconha e cigarros estão dentro da sacola, mas cerveja continua fora, possivelmente devido a dificuldade dos jovens de aceitarem que cerveja é droga, pois não conseguem colocá-la “na mesma sacola”.

Portanto, analogamente, como imagens do universo de representação do crack de estudantes, no segundo grupo, pode-se observar associações objetivas em signos como maconha, cigarros, bebida, armas, munição e cocaína. Todavia, com a segunda turma, não foi aplicado instrumento de coleta de dados para quantificação, mas a análise qualitativa. Demonstra resultados muito próximos e análogos.

De acordo com a questão sobre como eles imaginavam ser a pessoa que perdeu a sacola, o grupo foi unânime em falar e acreditar que foi um traficante, portanto, uma figura masculina. A partir desse momento, o assunto sai da abstração e passa a ser

uma forma de “tornar real” (fase entre o faz de conta e a fisicalização), ou seja, uma questão de brincar representar, mas em uma condição de consciência em que se acredita “realmente” que é o personagem, passando da “fase de representação do faz de conta”, mas sem chegar na “fase de fisicalização”, quando se sente gostos e cheiros das coisas, obtendo experiências corpóreas (KOUDELA, 1986). Nesse momento, os jovens e as crianças descrevem um traficante da vizinhança e contam histórias reais sobre um usuário de crack, que segundo uma jovem "morreu por causa de um carrinho de mão” [35], e falaram também, sobre uma operação policial que fechou toda a rua, com a invasão de uma residência, e a prisão de um vizinho.

Com isso, resolvo partir para um novo assunto, pois o contexto e o cenário do vivido, do modo de ser e viver, já estava exposto. Parti então, para tentar responder uma das questões chaves, sobre com quem esse grupo compartilha informações, a fim de verificar os caminhos da genealogia das representações. Conto novamente a história da sacola perdida, colocando o enunciado do questionário (Anexo 1) e o problema da encenação, pergunto nesse momento, se o fulano e a fulana contaram a alguém, um menino responde: “- Não, eles fumaram tudo.” Uma menina fala que: “- Já sei, eu sou sua mãe e eles são meus filhos e me devolveram”. Na sequência um menino diz: “- E eu sou a morte...” silêncio de todos por alguns segundos. Com essa ausência de comentários, percebi que as crianças e jovens não compartilham muitas informações para além das fronteiras entre eles e o cotidiano da vizinhança, além de que o medo da morte é algo aterrador e esta é uma presença real, tão real quanto o drama vivido pela economia e cultura do crack e seus cotidianos.

Apesar de tudo isso, quando perguntamos as crianças e jovens se eles conhecem alguém que “saiu da pedra”, a resposta é positiva. A presidente da entidade parceira dessa pesquisa, Margarete Silva de Melo, moradora do bairro foco da pesquisa, testemunha e declara publicamente que já foi usuária de cocaína e crack, mas conseguiu superar, e atualmente vive há mais de 14 anos com AIDS e parou de fumar. Esse depoimento não aparece em momento algum das encenações. É interessante mencionar que a mesma, fala frequentemente (insistentemente) sobre sua história de vida e de superação. Também não emergem discursos, nem ações físicas, nem histórias, nem

[35] História real sobre uma confusão gerada em função da pedra, onde um usuário, morador daquele local foi morto por outro, também usuário e morador. O rapaz morto havia roubado um carrinho de mão e trocado por crack. A história da morte desse rapaz, conforme os jovens virou uma música de uma banda de hip-hop local.

símbolos, nem representações, nem falas sobre a superação do crack. Todavia, os problemas encenados, sobre o crack possuem soluções mágicas, marcadas pelo medo, pela invocação de um performativo, neste caso, o slogan " Crack Nem Pensar", de modo que realmente parece que no processo de objetivação das representações sobre o crack, se velou da percepção as informações sobre a superação, ficando estas como ausências, parece que se deixou de trazer a cena, uma outra parte da realidade, inclusive da realidade de quem vive cotidianamente com relações sociais atravessadas pela presença do crack.

A respeito da esquete que estavam criando, um dos jovens diz: "- Tem que ser uma história com polícia, ladrão e maconheiro", e, em meio as brincadeiras, começam a fazer a última encenação da coleta de dados. Nessa encenação, percebo que os esteriótipos sociais tendiam a aprisionar e a esconder a percepção das crianças e dos jovens em relação a existência de uma outra realidade, concreta e visceral, existindo no próprio espaço em que vivem. As crianças e jovens, entretanto, percebem o tráfico, os usuários, os vendedores de drogas, e as pessoas em degeneração social ao seu redor, mas deixam de perceber a superação e a fuga que também acontecem em sua volta. Dão maior ênfase aos signos do medo, da super repressão e do terror. Deixa-se de invocar outras histórias e representações, inclusive outras imagens, que fazem parte do próprio grupo e vizinhança. Porque será que isso parece se desmanchar no ar, fugindo da percepção, ausente na ancoragem e na objetivação.

Quadro 13. (De)gravação da Esquete da História do Questionário

Sinopse: Fulano e Fulana passeando pela escola encontram uma sacola plástica com crack e outras coisas dentro. A partir dessa enunciação, esta esquete foi encenada.

Personagens: Fulano; Fulana; um ladrão que se passa por policial;

(De)gravação

No começo da cena há somente uma sacola plástica no palco.
Entra Fulana, tropeça na sacola, pega a sacola e diz:
-Mas o que é isso aqui?
Abre a sacola:
- Droga! Ai Ah!
E joga a sacola para cima.
As drogas (meias) caem esparramadas pelo palco.
Entra Teodoro e Dionísia.

Teodoro diz:

- Mas o que eu vou fazer com isso? Eu vou ligar para a polícia.

Teodoro pega telefone (um filhote de cachorro) que está na sua mão e disca na barriga dele.

-Alô?

Poderia mandar uma viatura aqui na Realeza nº 123[36].

Tá, tchau.

Desliga o telefone (cachorrinho).

Teodoro para Dionísia:

-Já tá chegando.

Teodoro e Dionísia esperam.

Teodoro e Dionísia olham a sacola:

- O que vamos fazer com isso aqui?

Eles se olham, ensaiam fugir, se agitam, entra o policial.

Teodoro diz:

-Que cachorrinho bonito, passa a mão nele.

Dionísia também passa a mão no cachorrinho.

Teodoro e Dionísia olham para o policial.

Teodoro diz: -Oi seu policia.

Deixou uns vinte quilo ai.

O policial pega a sacola, abre e diz:

-Vinte quilos!

Teodoro diz:

-É! Dionísia exclama para o policial:

- E o nosso dinheiro?

Teodoro diz para Dionísia:

- Não? Quê? (Dá um tapa no ombro dela).

Mas se o senhor quiser me dá uma graninha.

O policial faz o som de sirene com a boca e tenta prender Teodoro.

Teodoro foge.

Todos riem.

Teodoro diz:

- É um ladrão, não é polícia.

Dionísia está caída no chão.

Em meio a uma confusão, o policial metralha Dionísia e Teodoro, fazendo o som da metralhadora com a boca (tactactactactac).

Todos morrem.

O policial diz:

[36] Todos os nomes são fictícios.

-E ai acabou. Fim.

Fonte: Elaboração própria

A análise das representações sociais do crack nesta pesquisa buscou aprofundar relações, multiplicar olhares possíveis e linhas de horizontes, por isso, também questionou continuamente, e expressou um desejo de saber mais, de refletir um pouco mais sobre o que se fala, o que se escreve e o que se representa. Por exemplo, na esquete do Quadro 13, a cena começa com o espaço vazio, o palco foi uma lona de cor amarela encima de um gramado. No palco, há uma sacola de plástico azul, “Entra Monalisa, tropeça na sacola, pega a sacola e diz: - Mas o que é isso aqui? Abre a sacola: - Droga! Ai Ah!”. Nesse momento, a atitude diante da sacola cria uma imagem de uma sacola cheia de drogas.

A seguir a personagem joga a sacola para cima, as drogas de “faz-de-conta” (na realidade, meias) caem esparramadas pelo palco, “Entra Teodoro e Dionísia. Teodoro diz: - Mas o que eu vou fazer com isso? Eu vou ligar para a polícia.” Aqui, o signo da polícia aparece em uma imagem da reação ao encontrar a sacola com drogas.

Na sequência das ações encenadas, as representações, a partir da primeira enunciação, passam a ter seu discurso teatral marcado pelo signo droga associado a outros signos que foram falados no período que antecedeu a fase de criação da cena, onde os signos do policial, das armas e da morte, estavam presentes. Como se tratavam de encenações livres tratavam-se de uma forma lúdica, de encenar representações sobre o crack, de uma forma social concreta de materializar imagens e objetivações de representações sociais. Na materialização das presenças das representações, as atitudes e as imagens demonstram a ancoragem e a objetivação do grupo, que está encenando.

Na referida encenação, as imagens criadas em torno do crack, não indicaram em nenhum momento, o que havia crack dentro da sacola, apesar de terem combinado a história antes. Como imagem representada, o signo da droga prevaleceu como presença sobre o signo do crack, nesse exemplo. No conjunto de representações sobre o crack, também apareceu outro signo, esse parece ser articulado por meio de contradições internas e antagônicas, como o desejo de dinheiro:

> -O que vamos fazer com isso aqui? Eles se olham, pensam em fugir, aceleram o passo, entra o policial.

> Teodoro diz: -Que cachorrinho bonito, passa a mão nele. Dionísia passa a mão no cachorrinho. Teodoro e Dionísia olham para o policial.
> Teodoro diz: - Oi seu policia. Deixou umas vinte quilo ai.
> Policial pega a sacola, abre e diz: - Vinte quilos!
> Teodoro diz: - É!
> Dionísia exclama para o policial: - E o nosso dinheiro?
> Teodoro diz para Dionísia: - Não? Quê? (Dá um tapa no ombro dela). -Mas se o senhor quiser me dá uma graninha.
> O policial faz o som de sirene com a boca e tenta prender Teodoro. Teodoro foge. Todos riem. Teodoro diz: - É um ladrão, não é polícia. Dionísia está caída no chão. Em meio a uma confusão, o policial metralha Dionísia e Teodoro, fazendo o som da metralhadora com a boca (tactactactactac). Todos morrem. Fim.

A encenação é repetida mais 3 vezes por vontade do grupo, que estava se divertindo, e também brincando de teatro e cinema ao mesmo tempo, pois eram ciente de que estavam sendo filmados, como consequência das repetições, o conteúdo foi mudando, pois, quando mais eles repetem, mais revelavam a genealogia de suas representações sobre o crack. Entretanto, a palavra dinheiro vai sendo acrescentada cada vez mais, sendo utilizada e repetida, desde o momento em que se expressa o desejo, como desde a primeira repetição, antes de eles entregarem as drogas para a polícia, e essa cena vai se tornando mais forte, e conforme repetem, mais eles enfatizam que querem dinheiro e que as drogas valem dinheiro, repetindo cada vez mais a palavra dinheiro.

A solução do problema dramático foi através da morte por fuzilamento encontrado pelo policial, que utilizou uma metralhadora, para matar os outros personagens e ficar com o crack e com o dinheiro, que os estudantes haviam colocado imaginariamente na sacola. Na primeira atuação da esquete 6, a solução apontada ocorre, quando o policial atira os jovens e estes morrem, nas (re)encenações posteriores, o policial atira no final, mas os jovens resistem para não morrer, mas, no restante, a esquete se mantém na mesma estrutura.

3.7 Discussões dos Resultados

Esta subseção apresentará uma discussão dos resultados, partindo da recuperação dos resultados anteriores de outras pesquisas sobre as representações sociais das drogas por parte de estudantes. Ao pensar sobre as questões desenvolvidas na pesquisa, concebi como linhas de problematização, que ao olhar com outros olhos para as representações do crack, iremos perceber que nelas há potência. As representações guardam a autoridade de deixar que o exercício de poder aconteça, mas,

guardam também, forças de revolução da consciência e das relações entre forças. Vejamos o que outras pesquisas falaram.

Nas pesquisas de Williams, Wetton e Moon (1989, cit. In: HADLEY E STOCKDALE 1996), como resultado de suas investigações na década de 1980, ao abordaram as representações sociais das crianças sobre as drogas na Inglaterra, perceberam que essas possuíam um envolvimento cognitivo significativo com o mundo das drogas, identificaram então, o medo desse mundo e as pessoas que eram os donos da sacola com drogas, as quais eram associadas ao mundo do espetáculo, sendo celebridades e personagens televisivas.

De maneira análoga, a pesquisa qualitativa permite falar que o medo em relação às drogas também foi encontrado como sendo parte muito importante da constituição sobre as representações sociais do crack. Todavia, as representações associadas aos usuários e aos comerciantes ilegais de crack, no resultados da pesquisa, parece não ocorrer uma criminalização dos sujeitos, exceto quando o paradigma da guerra contra as drogas se torna hegemônico na enunciação, no caso analisado, na enunciação de esquetes teatrais criadas e encenadas por estudantes.

Já as pesquisas de Hadley e Stockdale (1996), também, na Inglaterra, identificaram modificações nas representações sociais sobre as drogas, verificaram que as crianças possuíam representações sociais sobre as drogas caracterizadas pelo medo e a incerteza dos procedimentos a terem, perante os consumos e os toxicodependentes. Os autores falam sobre as diferenças entre as idades das crianças e de diferenças entre as escolas, em função da localização da escola, onde as crianças mais velhas reconheciam mais facilmente que as drogas poderiam ser "boas" ou "más", conforme o tipo, quantidade e a razão do seu uso, já as crianças mais novas consideravam incondicionalmente as drogas como "más". Os autores encontraram uma associação significativa entre o aumento da idade da criança e a especificação do tipo de droga, relatando também que as crianças detinham um conhecimento assinalável sobre as técnicas de administração. O utilizador das drogas – a pessoa a qual acha a sacola com drogas – foi referenciado como sendo do sexo masculino (93%) e criminoso/desviante (ladrão, toxicodependente, traficante).

Nas representações estudadas, de forma alguma se identificou medo e a incerteza dos procedimentos a ter perante os consumos e os toxicodependentes. Em relação ao comerciante ilegal ou quem busca ganhar dinheiro com as drogas, se coloca

enquanto sujeito ao poder soberano do Estado e ao direito de matar, invocando uma racionalidade assassina legitimada pelas representações da guerra contra as drogas.

Na pesquisa de Hadley e Stockdale (1996), a pessoa que era dona da sacola com drogas dentro, foi representado de forma diferente do estudo de Williams, Wetton e Moon (1989), como sendo alguém com uma identidade nominada Para a pessoa que tinha perdido a sacola com drogas, o que apresentou alta frequência foram os desenhos cujos personagens tinham um nome próprio, sendo também objetivado a partir de uma ancoragem cuja imagem objetivou em estereótipo de um homem malvado, com cicatrizes e tatuagem.

Os autores também falam que a totalidade da amostra analisada revelou um conhecimento considerável sobre as drogas e o seu uso, conhecendo substâncias legais e ilegais, sendo a categoria mais mencionada a das drogas ilícitas, foi a cocaína. Barbosa (2000), também teve como resultado a identidade da pessoa a qual era a dona da sacola nominada de pessoas conhecidas pelas crianças, segundo o autor, a pessoa que perdeu a sacola foi nominada por nomes próprios, e a segunda, inclusive com nomes de vizinhos, evidenciando que as crianças trazem para as representações parte de seus vividos. Por sua vez, a pessoa que achava a sacola era representada como uma pessoa em degeneração e/ou como um comprador de drogas, na maioria das vezes, do sexo masculino. Neste caso, a presente pesquisa nos dados coletados, a pessoa que era dona da sacola em nenhum momento, foi nominada, nem nos dados referentes ao questionário, nem nos dados referentes à enunciação chave de pesquisa encenada através de esquete teatral.

Hadley e Stockdale (1996), concluíram que as representações sociais analisadas por eles, circulavam em um núcleo, o qual tinha em torno o uso de drogas representado como perigoso e inseguro, associando-o, ao “drama” o qual a mídia inglesa estava fazendo na época, inclusive associando as drogas injetáveis ao HIV. Os autores concluíram que as representações sobre as drogas de crianças inglesas atribuíam também imagens dicotômicas, como legal e ilegal, bom e mau, colocando-os em contrastes.

Com relação a questão da dialética e da segurança, insegurança. No caso das representações analisadas, esse eixo da segurança e insegurança em torno do núcleo de representação social do crack, parece estar mais na periferia do que ao centro do núcleo, pois, no centro está outra relação dialética, tratando-se da representação de normalidade/anormalidade, tendendo a ancorar a patologização do usuário de crack e as

suas representações associadas a imagens de degeneração individual. Nesse sentido, as representações sociais sobre o usuário de crack estão mais próximas aos resultados encontrados por pesquisas portuguesas como as de Negreiros (2000), Carvalho (2000), Barbosa (2000), portanto, caracterizados por marcas simbólicas de degeneração, associadas à esteriótipos sociais vinculados a marginalização de grupos, hábitos, costumes, profissões e pessoas.

Os resultados das pesquisas de Negreiros (2000), Carvalho (2000) e Barbosa (2000), sobre as representações da droga de crianças portuguesas, entenderam que a representação das drogas e das pessoas envolvidas foram representadas como um mundo trágico, em desagregação e (de)generação. Apesar de se revelarem representações sobre uma tendência dicotômica nas percepções representadas sobre as drogas, os autores chamam a atenção que a realidade entorno da droga foi representada de forma fortemente negativa.

Os autores portugueses também indagaram para a forma que foram representada as pessoas que perderam a sacola e quem a achou, quem perdeu foi representado como sendo ciganos, negros, indianos, imigrantes e habitantes dos bairros pobres, geralmente, segundo os autores, eram responsabilizados e marcados como traficantes. No caso dos dados coletados, também foi percebido a criação de um mundo trágico, como pode ser lido na (De)gravação da esquete teatral do Quadro 13, mas, também se observou que além de representações ancoradas sobre o trágico e a crueldade, há representações dramáticas, onde os dramas de família emergem com representações intervencionistas. de modo geral, as representações sociais dos estudantes ao serem analisadas, a partir dos dados coletados, permitiram aqui falar em um mundo dramático e aterrorizante, onde o trágico é representado como consequência da ganância e de relações com o dinheiro, por exemplo, nas brincadeiras e nas encenações, mesmo quando signos relacionados a guerra contra as drogas, como as armas e os policiais, estão presentes, mas o trágico só acontece quando entra em cena o dinheiro, ou seja, representa-se uma morte, a qual é fundamentalmente por dinheiro. Nas representações sociais do crack analisadas, não é só o crack que mata, mas a violência desencadeada por conflitos e brigas por dinheiro. Semelhante ao que ocorre na esquete 5, como podemos ver no Quadro 12. Entretanto, no grupo das meninas, a violência aparece em brigas e discussões, mas não atrelam ao signo da morte, já no caso da esquete do Quadro 13, têm-se representações trágicas atreladas ao crack, como também pôde ser observado, quando os estudantes contaram a história do rapaz conhecido que

foi morto por causa de um carinho de mão. Destaco, portanto, que há imagens e representações de gênero, diferentemente associadas em relação a determinadas imagens e ao crack, de modo que posso colocar que se observou a presença de imagens e objetivações relacionadas a morte, violência, armas, munição e venda do crack à figura masculina, e a presença de imagens e objetivações relacionadas ao cuidado, a busca de intervenção externam a inovação da clínica e do médico atrelada a imagem da mãe e da mulher.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar as representações sociais sobre as drogas em estudantes do Ensino Fundamental do município do Rio Grande-RS, obtive alguns achados, entre os quais, percebi que a presença de representações intervencionistas são mais frequentes nas representações de grupos de meninas, do que de meninos. Por outro lado, a pesquisa também revelou que as representações da guerra contra as drogas já estão ancoradas e objetivadas nas representações sociais dos meninos, contudo, em ambos os gêneros, a redução de danos foi percebida como presença nos discursos dos estudantes, entretanto, é mais suscitado no discurso das meninas.

Todavia, observei que mesmo suscitando nos discursos e nas representações dos estudantes questões referentes ao paradigma da redução de danos, o paradigma proibicionista também aparece, e este está alicerçado em princípios de controle super repressivos, como é o caso do intervencionismo, que aparece como uma potência para o exercício de poder sobre os usuários, por parte da família. Portanto, as representações proibicionistas apareceram na forma de representações da guerra contra as drogas e nas representações intervencionistas.

Por exemplo, a potência da imagem e da representação da clínica e da imagem do trabalho médico é articulada, tanto nas representações de uma vida sem drogas, como nas representações intervencionistas, em meio à autorização do exercício de poder sobre o corpo e a repressão legítima. Contudo, se faz possível entender que as representações hegemônicas ocorrem sobre o direito de matar e o direito de tirar e devolver a liberdade, porém, deixa-se de representar o direito de viver e o direito de liberdade.

As representações da guerra às drogas ganham significados em cenas de violência com armas e nas associações do objeto – significado, bem como, encontram-se ancoradas as representações da morte, as representações do direito

de matar e as representações da relação do crack com o dinheiro, que parecem demonstrar a força dos conflitos econômicos e das consequências relacionadas a degeneração social.

Nas representações sociais de crianças e jovens sobre o crack e sobre as drogas, pude observar que as representações sobre o direito de matar, através da análise da relação entre a atuação, a ancoragem e a imagem criada e objetivada nesse processo, onde as representações hegemônicas do proibicionismos parecem legitimar as formas como as outras representações são encenadas na atuação dos estudantes, e como a morte acaba sendo mimeticamente banalizada no processo de criação. A representação da relação econômica entre usuário e crack, foi representada como que atravessada por representações de fuga, repressão da policia e a presença de armas e violência física (tapas e pontapés). Diante desse contexto, passei a buscar formas de olhar os conflitos que a teoria apresenta como processos visíveis, mas que ficam ocorrendo nos subsolos da ordem social, como coisas que pela própria lógica interna de sua produção, se tornam invisíveis e visíveis ao mesmo tempo.

Percebi que há na representação teatral livre, a criação e a encenação de discursos ausentes, há repetição de formas de ideais, ocorre uma reprodução de representações, as quais se amplificam, pois passam a serem encarnadas através da atuação e das encenações dos estudantes. Ao serem atores de suas próprias histórias e ao encená-las, o fazem com crueldade infantil, mostrando as representações sobre o crack enquanto prática vivida, ou seja, enquanto atuação e *práxis*, deixando de representarem as informações e experiências, também vividas sobre a superação real ao invés da solução mágica para o problema do crack.

Para a observação do como acontece esse processo de ancoragem dos discursos sobre o crack em forma de representação, encontrei um olhar concebido a partir das contribuições de Henri Lefèbvre e de estudos sobre as representações sociais da drogas de estudantes de outros pesquisadores. Nesse sentido, entendo que um caminho para se falar sobre a relação crack e Educação e crack e estudantes do Ensino Fundamental no município do Rio Grande pude refletir sobre: **1.** A reprodução das representações do crack, enquanto *mimésis* de

representações proibicionistas super repressivas; **2.** A reprodução das representações do crack, enquanto *poiésis;* **3.** E a superação da lógica da reprodução através das obras (representações enclausuradas), sendo vistas e debatidas para sua transformação qualitativa. Por isso, em conformidade com a banca e com as experiências vividas, destaco a importância das crianças e jovens de se verem nos vídeos utilizados para fins de registro, bem como, é de suma importância o retorno desse material para a família, para a escola e para as comunidades do bairro, com o intuito de fomento a debates, reflexões e buscas conjuntas de alternativas pedagógicas, uma vez que as representações das crianças e jovens estão deixando de ancorar as informações e exemplos de seus cotidianos sobre a questão da superação, dos cuidados e também sobre as imagens ausentes sobre prevenção, apesar de ser uma expressão de desejo, já que algumas crianças perguntaram se iriamos ensinar prevenção.

Nessa trajetória acredito ter passado meus olhos, por uma metamorfose interior, por um processo de aprendizagem do olhar, momento em que busquei encontrar na lógica dialética o poder de ver a vida por de traz da morte, e a felicidade de poucos atrás do sofrimento e desgraça da maioria. As representações hegemônicas, afirmam o espetáculo, ou seja, a mentira encenada. A partir dos relatos dessa pesquisa, que puderam ser colocados em outras situações de investigação, pode-se conceber que as representações sociais do crack se constituem do lado de fora e no lado de dentro dos grupos, se formam antes e no momento da realização das encenações, mas, se transformam (ganham forma) nas atuações do palco da vida.

O que foi observado foram representações sociais que ali estão em transformação, se formando no momento de criação, no qual, os estudantes dialogam, trocam informação. A formação da representação social manifesta-se em processo dialógico inacabado, o qual para existir precisa estabelecer acordos entre os atores (grupos), eles conversam, entram em conflitos, fazem escolhas, ancoram imagens, tomam atitudes para inserir suas opiniões e ideias na cena e na totalidade do representar sobre o crack, usaram argumentos e até discursos, mas o resultado são representações de consenso do grupo e alguma liberdade para os atores. A cena

é o resultado de um acordo entre atores, que não sabem exatamente como será a atuação de cada um, trata-se de um Teatro de Improvisação, expressão criativa e de reprodução da cultura universal do teatro.

O momento que antecede as cenas, este é um momento anterior à concepção da definição dos papeis, da história, do desenvolvimento da narrativa e da conclusão, neste momento, cada um tem seus caminhos pré-traçados, as trajetórias, onde as linhas de horizonte da liberdade dos atores são definidas. Definiram-se as atitudes a serem tomadas no espaço, para então, a encenação poder se realizar através do grupo (totalidade) em sua sublimação (tese, antítese e síntese), para em poucos minutos se desmanchar no ar, a não ser que sejam enclausuradas por um artifício técnico, o qual transforma as presenças observadas em uma obra que foi aberta para poder analisar e falar sobre.

As encenações estavam cheias de representações e potências. E para estudar algo que se desmancha no ar, as gravações tiveram que ser revistas, (de)gravadas, e assim, foi observado nos enunciados que antecederam a atuação e a ancoragem, para poder ver as cenas de exercício de poder em sua genealogia cênica, ou seja, na própria genealogia da representação, enquanto uma ação no espaço realizando algo. Por exemplo, antes dos atores realizarem suas encenações, as quais iriam invadir o espaço do corpo outro (como representar o tirar a vida), enuncia-se representações que invocam a autoridade de discursos e autorizam as práticas das encenações dos atores a se realizarem daquela forma, naquele espaço e momento, enuncia-se também a autorização necessária para que aconteça uma ação da vida no espaço vivido.

Nesse sentido, pode-se observar a relação entre o enunciado e representação, sendo, que é nessa relação que é possível observar a potência da representação, por exemplo, a “clínica”, guarda a autorização concedida pelo discurso ausente, mas, o núcleo do poder da família invoca o poder da clínica, enunciando-a, para em seguida, exercer poder através da potência da autoridade do poder clínico sobre os filhos. Por exemplo, no drama de família encenado, onde o núcleo de poder era matriarcal, a mesma, em busca de restabelecer sua ordem perdida para a desordem causada por um cachimbo de crack dentro de casa, a imagem da mãe

invoca a representação da clínica, a qual legitima a retirada da filha de casa e o exercício de poder sobre o corpo, a mãe para autorizar o retorno da filha, invoca a representação do médico, permitindo então o retorno da filha ao lar. A representação do médico deixa ausente a potência do exercício de poder sobre o corpo e o trabalho médico, o qual foi representado como a autoridade, permitindo que a filha voltasse para a casa e a ordem da familial fosse restabelecida.

A partir do uso da representação da clínica relacionada ao poder legítimo sobre a imagem do usuário de crack, representou-se o poder institucionalizado, como parte da realização do cotidiano vivido, enquanto representações, que guardam potência, poder, ou seja, significa que a força de trabalho de outras pessoas, pode ser colocada em exercido para se manter a ordem das coisas. Através de seu movimento, por meio das relações entre as partes, mediante os conflitos e antagonismos, ocorre uma reprodução, na qual há muitas repetições, mas também criação transformadora que pode ser vista na ação humana e coletiva de criar e resolver problemas, dramas, de encenar histórias, narrar, atuar, fazer imagens, isto é, poder e potência de viver a vida, transformando-a.

Por sua vez, observar a atuação de sistemas de forças disparados pela relação entre atitude, ancoragem, imagem, objetivação, *mimésis* e *práxis,* foi algo que pude fazer, a partir das degravações, análises e novamente ver as cenas. Esse conjunto de ações sobre o objeto de conhecimento, para mim, produziu através de suas relações de sentido e significado, um movimento da realização de novas representações, permitindo depois dessa obra, criar outras obras, criar novas cenas, deixar que se crie, para que possamos olhar com outros olhos os espaços rugosos, os interstícios da cena, as brechas da atuação, os limites da *poiésis* e o inicio da *mimésis* para ganhar potência de mostrar na arte a viva como ela é um teatro das representações da crueldade.

No capitulo 1, recortei textos de jornais, realizei buscas por notícias na internet e tentei contextualizar sobre a origem da invenção das drogas em nossa sociedade. Assim mostrou-se as representações do crack na mídia e como essas aparecem na mídia, questionando uma possível epidemia de crack, tais representações foram relacionadas com alguns estudos sobre o narcotráfico e sobre

os paradigmas atuais das drogas. Esse capítulo justificou a pesquisa e possibilitou enxergar como o discurso do proibicionismo está presente na mídia, adentrando no cotidiano, pois o mesmo suscitou no material coletado para análises. No capítulo 2, relacionado às representações das drogas as representações e a teoria das representações, apresentei aspectos mais de fundo sobre as representações que me serviram como orientadoras da interpretação e do trabalho realizado. No capítulo 3, apresentei os dados – sistematizados das rodas de conversa, dos questionários e das gravações áudio visuais das esquetes teatrais, nesse capítulo, analisei como as representações estão presentes no material coletado de ambos os grupos, onde busquei enxergar as semelhanças e contradições entre as *práxis*, os discursos e as obras das crianças e jovens. Dessa maneira, emergiram os discursos das mídias e uma ausência de discursos ou discursos vagos por parte da escola.

Por entender a Educação como uma prática revolucionária e transformadora das relações de dominação e opressão, é que defendo que essa deve se posicionar imediatamente em relação às drogas. Nós, professores, não podemos nos calar, pois não podemos querer enxergar a realidade com os olhos dos especialistas das Ciências da Saúde, ancoradas nas representações inventadas pela relação entre o mercado e o Estado, também não podemos nos reter no universo consensual, e assim legitimarmos os discursos das mídias, que é o mais forte para o senso comum, não podemos legitimar a mídia. Desta forma, não consigo compreender porque a escola pública brasileira ainda legitima o exercício do poder em favor dos interesses dos mais fortes econômica e politicamente, mas diz representar os interesses dos mais fracos. Nas saídas de campo e nos materiais da pesquisa, é percebível a reprodução dos interesses dos mais fortes, mesmo que as crianças e jovem fizessem parte do grupo dos menos influentes, tais lógicas de poder aparecem tanto nos questionários (perguntas semi-estruturadas) como nas encenações (espaços de criação livre).

Durante todo o tempo que vivi e refleti sobre essa pesquisa, não teve um dia que não indagasse sobre: - Qual o papel da Educação nas temáticas das mídias, Estado e sociedade, mas principalmente nessas histórias de vida. O que observei, tanto nos aspectos teóricos, como nas representações das crianças e jovens foco da

pesquisa, foi a articulação de três formas principais de representações sobre o crack e sobre as drogas em geral: 1. O proibicionismo; 2. O intervencionismo; 3. A redução de danos.

Apesar das drogas como a concebemos desde a segunda metade do século XX poderem ser consideradas como parte dos problemas mais recentes da cultura brasileira, este, na *práxis* escolar refere-se a fenômenos culturais específicos, enfrentados no cotidiano das escolas que no mínimo, por muitas vezes, estão ligados as contradições sociais e seus efeitos, a escola está diante de uma maquinaria de produção de signos de guerra e de terror, subjetivações que afirmam por contradição, junto as representações, imagens que objetivaram o afastamento da realidade, por meio de uma aproximação com o medo e com o sofrimento. Tal modo de subjetivação super repressivo tende a ampliar a reprodução da violência e o escamoteio da percepção e das representações sociais às informações e experiências do vivido e do entorno.

As políticas de governo relacionadas as drogas ilegais e em especial ao crack, mediante a lógica econômica e política dos fatos, apóia e assegura o avanço dos mercados das drogas e suas relações com a legalidade e a ilegalidade, criando mecanismos que permitem um mercado cada vez mais lucrativo e em expansão para todos os lados, tanto para os lucros dos narcotraficantes, como para os mercados relacionados a captação de recursos associados as oportunidades de promover projetos sociais e de receber vantagens e incentivos fiscais.

Bem como a atual forma de regulação e governo deixam para a livre iniciativa associada às relações políticas junto as esferas de governo e do ciclo de políticas públicas, desenvolvendo ações de promoção e captação de recursos para a intervenção discursiva e subjetiva sobre o crack junto a comunidade alvo. Todavia, para além das questões referentes ao crime organizado, a democracia espetacularmente mafiosa e suas relações com fenômenos da violência. Assim, as representações sociais de estudantes do município do Rio Grande sobre o crack são manifestações que devem preocupar a sociedade, os educadores e aqueles que sonham com o fim da produção da barbárie legítima.

É uma tragédia que ocorre ao modelo tradicional, de poder e dominação social, iniciado pelos gregos. Um jogo de poder, violência e morte. Segundo Lefèbvre:

> Donde se encuentra con el mismo título que en la arquitectura una representación del poder? En la tragedia. Desde los trágicos griegos hasta los del siglo XVII en Francia, pasando por los isabelinos, la tragedia es una tragedia del poder. Marca el fin de los mitos y símbolos del poder, y el inicio de las representaciones. (1983, p. 82)

A partir da tragédia do fenômeno do crack e do estudo sobre as representações sociais das drogas, foi possível perceber, que as drogas e o crack são objetos de representações trágicas circunscritas por narrações e dramatizações com caráter de tragédia social, que vem sendo representada sem a presença da escola ou dos professores, mesmo quando a cenas acontecem objetivadas dentro da escola. Isso chamou muito a atenção. Ou seja, o crack dentro da escola é uma presença ausente por parte dos estudantes, tal tragédia é em si uma farsa, pois não existe, enquanto tragédia, mas sim, como uma encenação espetacular de uma tragédia de proporções colossais, por enclausurar as representações as quais poderiam estar circulando e sendo criadas, logo recriadas por mediação da escola.

Entretanto, isto não é real, mas uma mistura de medo e de distanciamento entre classes, efeitos de clivagens e enclaves simbólicos. Ausência de imagens sobre a superação, sobre a fuga, sobre o deixar de usar, sobre o não gostar, são ausências. E com isso, a questão de que as representações das drogas têm para o espaço e para o tempo escolar a importância de revelar as multiplicidades das diferentes representações dos sujeitos, parece contribuir para a farsa da tragédia encenada.

Todavia, há reprodução ampliada de representações hegemônicas e de esteriótipos, os quais afirmam a reprodução de marcas da violência em torno do centro e da periferia dos signos associados a representação do crack, colocando em evidências contradições que atuam e servem para interesses de determinados grupos sociais. Ancoram-se, imagens e esteriótipos, que fundamentam a operacionalidade da lógica de reprodução dos modos de produção e de acumulação que se impõem sobre os sujeitos por meio das representações.

Foi possível perceber uma operacionalidade da lógica na reprodução dos modos de produção e de acumulação, que se impõe sobre os sujeitos

por meio das representações e das subjetivações, legitimando a violência do Estado e da sociedade sobre o outro. No presente caso, os comerciantes de drogas e os usuários, passam a ser associados a signos como drogados, maconheiros, pessoas em degeneração, uso de armas, etc; e, o signo do policial, aparece associado a um personagem corrupto e assassino. As violências caracterizadas pelos esteriótipos em circulação se reproduzem e se ampliam, pois não explicam nada, mas reduzem os sentidos e centrifugam a percepção para imagens redutoras que amplificam a violência e o próprio problema social da drogadição. "El sujeto solo se representa a través del objeto, en términos de objeto; sin embargo, la subjetividad es irreductible a la objetividad" (LEFÈBVRE, 1983, p. 50).

Portanto, a pesquisa ao analisar as representações sobre o crack em estudantes do Ensino Fundamental do município do Rio Grande-RS, encontrou nas subjetividades marcas dos discursos do universo consensual, que se materializam nas representações através das atitudes, da *mimésis,* das conexões e contradições entre os paradigmas hegemônicos, as resistências, e as percepções, sem que essa corresponda ao vivido, mas as distorções deste.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, C. **Droga:** Dispositivo crítico para um novo paradigma. Comunicação no Seminário. Droga: Situação e Novas Estratégias. Lisboa, Portugal, 1997.

BARBOSA, J. **As Representações Sociais das Crianças as Drogas e os Consumos.** Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2000.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1998.

BUCHER, R. **Drogas e Drogadição no Brasil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BUCHER, R. **Drogas e Sociedade nos Tempos da AIDS**. Brasília: UnB, 1996.

CARVALHO, J. Representações sociais acerca das drogas em crianças do Iº ciclo do ensino básico: Implicações para a prevenção. **Revista Toxicodependências.** Edição SPTT. V.6. n.1, p. 59-65, 2000.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. **Drogas nas Escolas.** Brasília: UNESCO, 2002.

CLARKE, E.G.C. **Isolations and identification of drugs**. London: Pharmaceutical Press, 1978.

DEL ROIO, J. Mundialização e criminalidade. In: RIBEIRO, M.;SEIBEL, S.(org.) **Drogas a hegemonia do cinismo.** São Paulo: Memorial, 1997.

ESCOHOTADO, A. **Las Drogas:** De los orígenes a la prohibición. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

FARR, R. M. **Representações Sociais:** a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FERRI, C. P.; DUNN, J. Overdose por cocaína: uma revisão crítica. **Rev. Bras. Clín. Terap**., v. 25, n. 5, p. 185-191, set. 1999.

FILGUERAS, O. Consumo em alta. **Retrato do Brasil**. Editora Política: São Paulo, vol. II, 1984.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 285-315.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

HADLEY, C.; STOCKDALE, J. **Children's Representations of the World of Drugs.** Journal of Community & Applied Social Psychology. Vol. 6, pp. 233-248.,1996.

JODELET, D. **La Representación Social:** Fenómeno, Concepto e Teoria. In: JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KOUDELA, I. **Jogos Teatrais.** Perspectiva: São Paulo, 1994.

LEFÈBVRE, H. **Metafilosofia.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LEFÈBVRE, H. **Lógica Formal/ Lógica Dialética.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

LEFÈBVRE, H. **La presencia y la ausencia.** México: Fondo de Cultura Económica,1983.

MAFFESOLI, M.«Prefácio», in: XIBERRAS, M. **A Sociedade Intoxicada.** Instituto Piaget: Lisboa, 1997.

MELO, M. **As drogas sob a perspectiva de jovens estudantes de 11 a 15 anos da rede pública de ensino de Cuiabá em 2002 e 2003:** um estudo de representações sociais. Cuiabá: UFMT/IE, 2004. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
MORENO, J. L. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.
MORENO, J. L. **O Teatro da Espontaneidade.** São Paulo: Summus, 1984.
MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
MOSCOVICI, S. (Org). **Psicologia Social.** Buenos Aires: Paidós, 1986.
MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** Investigações em psicologia social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.
NEGREIROS, J. **Representações sociais acerca das drogas em crianças do 1º ciclo do ensino básico**: Implicações para a prevenção. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação- Universidade do Porto. Artigo publicado em Toxicodependências, 6, 59-65, 2000.
NOTO, A., BAPTISTA, M., SILENE, M., FARIA, T., NAPPO, S., GALDURÓZ, J.; CARLINI, E. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro 19(1), 2003.
OLIVENSTEIN, C. A infância do Toxicômano. In: OLIEVENSTEIN, C. (Org.) **A Vida do Toxicômano**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1983.
PELBEART, P., P. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura:** loucura e desrazão**.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989,
RIBEIRO, M. O crack em São Paulo: histórico e perspectivas. **Revista Debates**. 3ª ed.; Associação Brasileira de Psiquiatria; março de 2010. Disponível em: http://www.abpbrasil.org.br/medicos/publicacoes. Acessado em: 13 de Outubro de 2010.
RIBEIRO, R. **Juventude, Drogas e Estigmas:** Um estudo exploratória dos significados atribuídos ao uso e Tráfico de drogas, por jovens de escola pública de Belo Horizonte. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
SCHEERER, S. Reflexões a cerca de algumas tendências recentes nos discursos sobre drogas na Alemanha. In: BASTOS, F. I. ; GONÇALVES, O. D. **Droga é legal?** Um debate autorizado. Rio de Janeiro: Imago Instituto Goethe, 1993.

SILVA, P. **As Representações Sociais do uso de drogas entre familiares de usuários em tratamento.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

SILVA, V.; SANTOS, M.; BESSA, M. **Infância, adolescência e Uso de Cocaína/crack.** Associação Brasileira de Psiquiatria: artigo online: www.abpbrasil.org.br. 24/10/2010.

SPINK, M. J. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 9, v. 3, p. 300–308, 1993a.

SPINK, M. (org.) **O conhecimento no cotidiano:** As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993b.

SUTHERLAND I.; SHEPHERD J. **Social dimensions of adolescent use.** EUA: Addiction, 2001.

VALENTIM, A. **Representações sociais da droga e da toxicodependência:** um estudo empírico na Península de Setúbal junto de párocos e médicos. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 1997.

VALENTIM, A. Droga e toxicodependência nas representações de párocos e médicos. **Análise Social,** Lisboa, vol. xxxiii (145), p. 55-90, 1998.

VELHO, G. A cultura da droga In: RIBEIRO, M.;SEIBEL, S.(org.) **Drogas a hegemonia do cinismo.** São Paulo: Memorial, 1997.

WILLIAMS, T., WETTON, M. E MOON, A. **A way in:** Five key areas in health education. London: Health Education Authority, 1989.

5.1 Fontes de Pesquisa

Jornal Zero Hora/RS

Jornal Agora/Rio Grande

Jornal Diário Popular/ Pelotas- Rio Grande

Jornal Folha de São Paulo/ SP

Jornal da Tarde/ SP

Jornal Agora- MS

Jornal Braziliense.

Revista Veja

Site Clic RBS (RS e SC).

Site Wikipédia

ANEXO 1

PROJETO DE PESQUISA: AS REPRESENTAÇÕES DO CRACK NA ESCOLA
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

As informações coletadas nesse questionário serão utilizadas na pesquisa de dissertação de mestrado de Raquel Coelho Valério, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.
Obs: De maneira alguma esse questionário será identificado.

Leia a História abaixo:

“O Fulano está passeando pela escola quando, de repente, encontra uma sacola plástica. Ao pegar a sacola, percebe que entre outras coisas dentro dela há crack."

1. Imagine e desenhe no quadro abaixo o que está dentro da sacola.
2. Escreva os nomes daquilo que imaginasse que está dentro da sacola.
3. Quem você imagina que perdeu a sacola? Como achas que era a pessoa que perdeu a sacola?
4. O que é que quem perdeu a sacola ia fazer com as coisas que estavam dentro?
5. Achas que o Fulano contou a alguém que encontrou a sacola? Se sim, a quem ele contou?
6. O que faria se você tivesse encontrado a sacola?
7. Você contaria a alguém que tinha encontrado a sacola? A Quem? Porquê?
8. O que é falado sobre o crack na escola?
9. Você conhece usuários de crack? São pessoas próximas a você (familiares, amigos, colegas)? O que é você pensa sobre o crack?

Idade: ( ) Sexo: M ( ) F ( ) Bairro onde mora :

Escola(s): Escolaridade:

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: As Representações do Crack em Estudantes do Ensino Fundamental no Município do Rio Grande-RS.

OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O objetivo dessa pesquisa é investigar as sobre o crack em estudantes. Para a realização da pesquisa será usados o seguinte procedimento de coleta de dados: questionário e vídeos.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Não serão divulgadas as imagens e os materiais coletados. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos, sempre resguardando o sigilo dos informantes.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu, (Nome do participante na pesquisa) fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas

dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A estudante/pesquisadora Raquel Coelho Valério**,** a professora orientadora Madalena Klein e o prof co-orientador Carlos Roberto Machado certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante/pesquisadora Raquel Coelho Valério no telefone (53) 84475643 ou a professora orientadora Madalena Klein no telefone (53) 32845533. Declaro que concordo em participar desse estudo, e que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 3

Recortes de Jornais